

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Intervenção Comunitária

Área de Especialização: Contextos de Risco

A PERTURBAÇÃO DO COMPORTAMENTO NA
ADOLESCÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE
INTERVENÇÃO

Por: Daniela Filipa Coelho Moreira

Sob orientação da Doutora Ana Márcia Vaz Serra Fernandes

Porto, 29 de setembro de 2017

A PERTURBAÇÃO DO COMPORTAMENTO NA ADOLESCÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Daniela Filipa Coelho Moreira

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, para a obtenção do grau de mestre em Intervenção Comunitária, especialização em Contextos de Risco. Sob orientação da Doutora Ana Márcia Vaz Serra Fernandes

Porto, 29 de setembro de 2017

"O autoconhecimento tem um valor especial para o próprio indivíduo. Uma pessoa que se 'tornou consciente de si mesma', por meio de perguntas que lhe foram feitas, está em melhor posição de prever e controlar seu próprio comportamento." (Skinner, 1974/2006, p.31).

AGRADECIMENTOS

O espaço limitado desta secção de agradecimentos, seguramente, não me permite agradecer, como devia, a todas as pessoas que, ao longo do meu Mestrado em Intervenção Comunitária me ajudaram, direta ou indiretamente, a cumprir os meus objetivos e a realizar mais esta etapa da minha formação académica. Desta forma, deixo apenas algumas palavras e um sentido e profundo sentimento de reconhecido agradecimento.

Primeiro quero agradecer aos meus pais, pelo amor, pela amizade, pelo carinho, pela compreensão, pelo apoio constante e pela oportunidade de poder crescer mais a nível de formação académica. Sem eles não teria sido possível! Agradeço também por terem acreditado sempre em mim, por me darem força e continuar a seguir os meus sonhos e objetivos. Como não poderia deixar de ser, quero agradecer também aqueles meus primos, que também me apoiaram, auxiliaram e me deram força para continuar.

À Doutora Ana Márcia Vaz Serra Fernandes, a minha orientadora, pela sua disponibilidade e transmissão de conhecimentos técnicos. Além disso, também me transmitiu valores humanos bastante importantes para o futuro da minha carreira. Agradeço também pelo apoio, pela paciência, pela compreensão, pela disponibilidade e por me ajudar a refletir sobre as minhas dúvidas, de modo a conseguir compreendê-las e superá-las. A todos os docentes que colaboraram para a realização deste mestrado, por toda a transmissão de conhecimentos concedida e ajuda no desenvolvimento deste projeto. Em especial ao Doutor Júlio Emílio Pereira de Sousa, pela confiança transmitida, por acreditar em mim e me conceder a honra de me ensinar a, acreditar e a caminhar no sentido da descoberta e da valorização própria.

Quero também agradecer a todos os meus amigos (cada um deles sabe a intensidade da amizade que lhes é concedida), pela incansável força e apoio para seguir em frente.

Por fim, a todos os profissionais que se disponibilizaram para a realização das entrevistas exploratórias e do Grupo Focal dos profissionais, bem como, a todos os adolescentes com os quais trabalhei, pela vontade, confiança e apoio transmitidos.

A Todos um Grande e Sincero Obrigada!

RESUMO

O tema escolhido para esta investigação, foca-se na Perturbação do Comportamento na adolescência e as estratégias de intervenção. A minha experiência a nível de estágio curricular, com esta patologia e o desconhecimento das estratégias de intervenção utilizadas, conduziu-me a este interesse por investigar mais sobre esta temática. Verifica-se que, cada vez mais tem sido relatado um aumento do diagnóstico da Perturbação do Comportamento, e como tal, surgiu a seguinte questão: quais as estratégias de intervenção que podem auxiliar na diminuição das consequências da Perturbação do Comportamento de um adolescente?

A presente investigação desenvolveu-se com vista a uma melhor compreensão da Perturbação do Comportamento, na adolescência, bem como, das estratégias de intervenção a aplicar, por parte dos intervenientes, e consequentemente proporcionar reflexões de maior importância de modo a contribuírem para um processo de diminuição das manifestações da Perturbação do Comportamento no adolescente.

Este estudo efetuou-se segundo a metodologia da investigação qualitativa, sendo a análise de conteúdo a técnica utilizada para a análise de dados recolhidos. Relativos à realização de duas entrevistas exploratórias e três grupos focais aplicados.

A linha investigativa seguida, procurou efetuar uma revisão da literatura existente sobre a Perturbação do Comportamento, na adolescência. A diversa bibliografia consultada, permitiu identificar as principais características de comportamento, os critérios e medidas para o diagnóstico, as condicionantes biológicas, psicológica e sociais que parecem estar na origem do mesmo, bem como as principais estratégias de intervenção.

Pode constatar-se que a formação a toda a comunidade educativa é indispensável, de modo a se esclarecer o conceito de Perturbação do Comportamento e os sintomas associados, para que assim, se poderem aplicar estratégias de intervenção eficazes e com vista a minorar as manifestações da Perturbação do Comportamento no adolescente.

Palavras Chave: Adolescência, Estratégias de Intervenção e Perturbação do Comportamento.

ABSTRACT

The theme chosen for this research focuses on the Disruption of Behavior in adolescence and as an intervention strategy.

My experience is a curricular internship, with this pathology and ignorance of the intervention strategies, led me to this interest to investigate more about this topic. Since, increasingly, an increase in the diagnosis of Behavioral Disorder has been reported surgically and then: to assess which as an intervention strategy that can help in reducing the consequences of the Behavior Disorder of an adolescent.

A present invention has been developed with a view to a better understanding of Behavioral Disorder in adolescence as well as the intervention strategy by the participants and consequently the most important reflexes in order to contribute to a reduction process manifestations of Behavior Disorder in the adolescent.

This study was carried out according to a methodology of the qualitative research, being an analysis of the content the technique used for an analysis of collected data. Concerning the accomplishment of two exploratory interviews and three focal groups applied.

The research line followed, sought to review the existing literature on Behavioral Disorder in adolescence. The different bibliography consulted allowed us to identify the main behavioral characteristics, the criteria and measures for the diagnosis, the biological, psychological and social determinants that seem to be the origin of the same, as well as the main intervention strategies.

It can be seen that training for the entire educational community is indispensable, in order to clarify the concept of Behavior Disorder and its associated symptoms, so that effective intervention strategies can be applied and the manifestations of Behavior disturbance in the adolescent.

Key Words: Adolescence, Strategies for Intervention and Behavior Disorder.

LISTA DE ABREVIATURAS

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

DGES – Direção Geral da Saúde

DSM 5 – Diagnostic and Statistical of Mental Disorders 5

OMS – Organização Mundial de Saúde

P.C. – Perturbação do Comportamento

PNSM – Programa Nacional de Saúde Mental

SEL – Social na Emotional Learning/ Projeto de Promoção de Competências Socioemocionais

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	4
Resumo	5
Abstract	6
Lista de Abreviaturas	7
Introdução	15

Parte I - Enquadramento Teórico

1. A Adolescência	19
1.1. Conceito de Adolescência	19
1.1.1. A Adolescência segundo Erikson	21
1.1.2. A Adolescência segundo Sigmund Freud	23
1.1.3. A Adolescência segundo Sprinthall	24
1.1.4. A Adolescência segundo Kohlberg	25
1.2. A Adolescência e a Perturbação do Comportamento	28
2. Perturbação do Comportamento.....	31
2.1. Definição da Perturbação do Comportamento	31
2.2. Subtipos da Perturbação do Comportamento	34
2.3. Características e Prevalência da Perturbação do Comportamento	36
2.4. Fatores de Risco da Perturbação de Comportamento	39
3. Diagnóstico e Intervenção na Perturbação do Comportamento.....	42
3.1. Diagnóstico da Perturbação do Comportamento	42
3.2. Diagnóstico Diferencial da Perturbação do Comportamento	45
3.3. Consequências funcionais da Perturbação do Comportamento	48

3.4. Intervenção na Perturbação do Comportamento	50
4. Projeto de Intervenção	58
Parte II - Parte Empírica	
5. Metodologia de Investigação	69
5.1. Contextualização	69
5.2. Metodologia	70
5.3. Questão de Investigação	74
5.4. Objetivos	76
5.5. Caracterização da amostra	78
5.6. Procedimentos	80
5.6.1. Instrumentos de recolha de dados	82
5.6.2. Instrumentos de análise dos dados	86
6. Apresentação dos resultados	88
6.1. Análise dos Resultados das Entrevistas Exploratórias.....	90
6.2. Análise dos resultados do Grupo Focal dos Profissionais.....	97
6.3. Análise dos resultados do Grupo Focal dos Adolescentes do 9º ano.....	104
6.4. Análise dos resultados do Grupo Focal dos Adolescentes do 7º ano.....	112
7. Limitações ao estudo e linhas de futuras investigações	119
Considerações Finais	121
Bibliografia	126
Anexos	113

Índice de Figuras

Imagem1: Pirâmide das Necessidades de Maslow.....	60
---	----

Índice de Quadros

Quadro I. Fatores de Risco da Perturbação do Comportamento.....	41
---	----

Quadro II- Perturbação do Comportamento, Comorbilidade e Diagnóstico Diferencial.....	47
---	----

Índice Tabelas

Tabelas: Apresentação de dados das Entrevistas Exploratórias.....

Tabela 1: Questão 6 das Entrevistas Exploratórias.....	200
--	-----

Tabela 2: Questão 7 das Entrevistas Exploratórias	201
---	-----

Tabela 3: Questão 8 das Entrevistas Exploratórias.....	203
--	-----

Tabela 4: Questão 9 das Entrevistas Exploratórias.....	206
--	-----

Tabela 6: Questão 11 das Entrevistas Exploratórias.....	210
---	-----

Tabela 7: Questão 12 das Entrevistas Exploratórias	211
--	-----

Tabela 8: Questão 13 das Entrevistas Exploratória.....	211
--	-----

Tabela 9: Questão 14 das Entrevistas Exploratórias	212
--	-----

Tabela 10: Questão 14.1 das Entrevistas Exploratórias	213
---	-----

Tabelas: Apresentação de dados do Grupo Focal dos Profissionais

Tabela 1: Questão 1 do Grupo Focal dos profissionais.....	216
Tabela 2: Questão 2 do Grupo Focal dos profissionais.....	217
Tabela 3: Questão 3 do Grupo Focal dos profissionais.....	218
Tabela 4: Questão 4 do Grupo Focal dos profissionais.....	219
Tabela 5: Questão 5 do Grupo Focal dos profissionais.....	221
Tabela 6: Questão 6 do Grupo Focal dos profissionais.....	222
Tabela 7: Questão 7 do Grupo Focal dos profissionais.....	223
Tabela 8: Questão 8 do Grupo Focal dos profissionais.....	225
Tabela 9: Questão 9 do Grupo Focal dos profissionais.....	226
Tabela 10: Questão 10 do Grupo Focal dos profissionais.....	227
Tabela 11: Questão 11 do Grupo Focal dos profissionais	228
Tabela 12: Questão 11.1 do Grupo Focal dos profissionais.....	229
Tabela 13: Questão 11.2 do Grupo Focal dos profissionais.....	230
Tabela 14: Questão 12 do Grupo Focal dos profissionais	231
Tabela 15: Questão 13 do Grupo Focal dos profissionais.....	232
Tabela 16: Questão 14 do Grupo Focal dos profissionais.....	233

Tabelas: Apresentação de dados do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

Tabela 1: Questão 1 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	234
Tabela 2: Questão 2 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	235
Tabela 3: Questão 3 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	236
Tabela 4: Questão 4 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	237

Tabela 5: Questão 5 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	237
Tabela 6: Questão 6 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	238
Tabela 7: Questão 7 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	239
Tabela 8: Questão 8 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	240
Tabela 9: Questão 8.1 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	241
Tabela 10.: Questão 8.2. do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	242
Tabela 11: Questão 9 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	243
Tabela 12: Questão 10 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	244
Tabela 13: Questão 11 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	245
Tabela 14: Questão 12 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	245
Tabela 15: Questão 15 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	246
Tabela 16: Questão 14 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	247
Tabela 17: Questão 15 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano.....	248

Tabelas: Guião do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

Tabela 1: Questão 1 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	250
Tabela 2: Questão 2 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	251
Tabela 3: Questão 3 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	252
Tabela 4: Questão 4 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	253
Tabela 5: Questão 5 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	253
Tabela 6: Questão 6 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	254
Tabela 7: Questão 7 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	255
Tabela 8: Questão 8 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	256

Tabela 9: Questão 8.1. do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	257
Tabela 10: Questão 8.2. do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	258
Tabela 11: Questão 9 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	259
Tabela 12: Questão 10 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	260
Tabela 13: Questão 11 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano.....	261

Índice Anexos

Anexo 1 – Diagnóstico da Perturbação do Comportamento segundo a DSM-5
Anexo 2 - Declaração da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Anexo 3- Pedido de autorização para a realização da investigação
Anexo 4 – Pedido de autorização para a realização do Grupo Focal com Adolescentes
Anexo 5 – Pedido de autorização para a realização do Grupo Focal com Profissionais
Anexo 6 – Guião da Entrevista Exploratória ao Diretor do Agrupamento
Anexo 7 – Guião da Entrevista Exploratória à Psicóloga Clínica
Anexo 8 – Guião do Grupo Focal Profissionais
Anexo 9 – Guião do Grupo Focal Adolescentes
Anexo 10- Transcrição da Entrevista Exploratória ao Diretor do Agrupamento
Anexo 11- Transcrição da Entrevista Exploratória á Psicóloga da Escola
Anexo 12- Transcrição do Grupo Focal dos Profissionais
Anexo 13- Transcrição do Grupo Focal dos Adolescentes do 9º ano
Anexo 14- Transcrição do Grupo Focal dos Adolescentes do 7º ano
Anexo 15 – Apresentação de dados das Entrevistas Exploratórias
Anexo 16 – Apresentação de dados do Grupo Focal dos Profissionais

Anexo 17 – Apresentação de dados do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

Anexo 18 – Apresentação de dados do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

INTRODUÇÃO

A presente dissertação é redigida no âmbito do Mestrado em Intervenção Comunitária, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Esta tem, por objeto de estudo, os adolescentes cujas práticas de risco marcam o seu desenvolvimento psicossocial e as relações constituídas no seio dos seus referentes sociais mais próximos e significativos, como a família, os grupos de pares, os amigos e os professores. O interesse da pesquisa na área da intervenção comunitária/das ciências sociais e humanas pelo fenómeno da Perturbação do Comportamento (P.C.), sobretudo da sua relação com a adolescência, deriva do facto de os adolescentes serem reconhecidos como um grupo de grande vulnerabilidade social, e com a necessidade de se continuar a prestar atenção aos adolescentes e ao modo como estes estabelecem relações com os contextos em que interagem e as consequências que se estendem ao longo destas interações. A investigação tem como objetivo principal aferir quais as estratégias de intervenção que podem auxiliar na diminuição das consequências da P.C. de um adolescente. Assim, levanta-se a intenção de reunir e escutar diferentes profissionais e adolescentes, ambos parte integrante da questão a ser explorada, utilizando, para tal, a realização de duas entrevistas exploratórias e de três Grupos Focais, com o intuito de se conseguir uma perceção mais aproximada das vivências dos adolescentes, bem como dos fatores que estão na base da Perturbação do Comportamento, na faixa etária da adolescência.

A adolescência é uma etapa evolutiva e, por vezes, associada ao despoletar de comportamentos considerados fora da norma pela sociedade. Consideramos que pode e deve ser dada mais atenção a esta temática específica, tentando dar resposta a este fenómeno social. De tal modo que as inquietações que emergem dos contextos sociais, nos quais os adolescentes são protagonistas, assumiram um papel decisivo na escolha do objeto de estudo deste trabalho.

A Perturbação do Comportamento caracteriza-se por altos níveis persistentes de agressão a pessoas e animais, mentira, roubos, vandalismo, violação das regras sociais e conflitos com a autoridade associados à indiferença, à falta de remorsos ou culpa e à falta de demonstração de afeto e outras emoções. (APA, 2014, p.563).

Tendo em consideração que diversos estudos relacionam a Perturbação do Comportamento com o desenvolvimento e manutenção de comportamentos socialmente desajustados, em termos de dificuldades de integração social, legais e de criminalidade, bem como de várias perturbações psiquiátricas, torna-se fundamental a clarificação do que é a Perturbação do Comportamento para o desenvolvimento de estratégias de intervenção que possam ser utilizadas para minorar as consequências da mesma num Adolescente, bem como a sensibilização dos pais e professores com vista ao diagnóstico precoce e respetivo encaminhamento do adolescente e da família para programas de intervenção a fim de ajudar a minimizar as consequências nocivas desta Perturbação nas suas vidas.

Esta dissertação foi estruturada em duas partes: A Primeira Parte compreende o enquadramento teórico, que inclui um conjunto de referências aos modelos teóricos e uma revisão de literatura na área de estudo. Iniciamos esta parte com a abordagem dos seguintes tópicos: a adolescência, o conceito de adolescência, mostrando a diversidade de conceções de autores como Erikson, Sigmund Freud, Sprinthall e enfatizando a adolescência moral de Piaget com o complemento de Kohlberg. De seguida abordamos a Perturbação do Comportamento, tendo como subtópicos a definição da Perturbação do Comportamento, bem como os subtipos, as características, a prevalência e os fatores de risco da mesma. Posteriormente elucidamos o leitor relativamente ao diagnóstico e intervenção na Perturbação do Comportamento, surgindo como subtópicos o diagnóstico, o diagnóstico diferencial, as consequências funcionais, a intervenção e um projeto de intervenção que pode ser levado a cabo para minorar as manifestações da Perturbação do Comportamento. A Segunda Parte contempla a componente empírica deste estudo, englobando como tópico principal a metodologia de investigação, onde posteriormente se abordam: a contextualização do estudo, a metodologia aplicada para o desenvolvimento da dissertação, as questões de investigação, a proposta dos objetivos, a caracterização da amostra, bem como os instrumentos de recolha e de análise de dados. Em jeito de finalização, apresentam-se os resultados, onde se situam: a análise dos resultados das entrevistas Exploratórias, a análise dos resultados do Grupo Focal dos Profissionais, a análise dos resultados do Grupo Focal dos Adolescentes do 9º ano e a análise dos resultados do Grupo Focal dos Adolescentes do 7º ano, seguindo-se a apresentação das limitações ao estudo e das linhas de futuras investigações. Na parte final

são apresentadas as considerações finais e a bibliografia utilizada para a realização desta dissertação.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A Adolescência

1.1. Conceito de Adolescência

O termo adolescência deriva da palavra em latim significa “tornar-se adulto”. É considerado um período de transição em que a criança se torna um adulto. A adolescência dura aproximadamente uma década, desde os 11 ou 12 anos até aos 19 ou 20 anos. Nem o início nem o fim da adolescência são claramente marcados. A adolescência é geralmente considerada como tendo início com a puberdade, o processo através do qual o indivíduo atinge a maturação sexual ou fertilidade, a capacidade de reprodução. Antes do século XX, nas culturas ocidentais, as crianças entravam no mundo adulto quando amadureciam fisicamente ou quando iniciavam uma formação profissional.

Partindo de uma perspectiva genealógica sobre a adolescência (Ariès, 1981; Foucault, 1997; Groppo, 2000), vemos que ela é uma construção recente cultura ocidental e que tem relação direta com o ideário social individualista e cientificista da modernidade, responsável pela reordenação dos laços sociais até então vigentes. Tal ideário se expressou através do que Foucault teorizou como mecanismos de poder disciplinar (Foucault, 1997), que, fundamentado por uma produção discursiva científica, promoveu controle social através da categorização e da institucionalização dos espaços sociais e de fases da vida. No que respeita à construção da adolescência, as ciências humanas tiveram muito a contribuir, com as noções de subjetividade e desenvolvimento psicológico. (Garcia & Rocha, 2008, pp. 624-625).

Na atualidade, a entrada na idade adulta demora mais tempo e não está tão bem delimitada. A puberdade começa mais cedo do que no passado e a entrada numa profissão tende a ocorrer mais tarde, na medida em que as sociedades complexas requerem longos períodos de escolaridade ou de formação profissional antes do jovem poder assumir responsabilidades de adulto. Existem mudanças biológicas, como um crescimento físico repentino, uma alteração das proporções corporais e o atingir da maturidade sexual. A maturidade biológica contribui significativamente para as mudanças sociais e

económicas, ou seja, da dependência da família para uma independência legal e moralmente sancionada. E, é claro, ocorrem também muitas mudanças psicológicas, estas abrangem a maturação progressiva das atitudes e comportamentos sexuais, que permitirão ao adolescente estabelecer relações amorosas e provavelmente constituir a sua própria família. Ao mesmo tempo, os adolescentes adquirem várias competências que lhes permitirão tornarem-se membros ativos da sociedade adulta. De facto, a adolescência é um processo bastante abrupto, é considerado “o tempo de as aves já com penas deixarem o ninho e seguirem o seu próprio caminho”. (Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2011, p.840). Esta fase é considerada uma transição desenvolvimental entre a infância e a idade adulta, que implica importantes mudanças ao nível físico, cognitivo e psicossocial.

Na adolescência, a aparência dos jovens muda, como resultado de acontecimentos hormonais da puberdade, os corpos tornam-se adultos. Os seus pensamentos também se alteram, tornam-se capazes de pensar de um modo mais abstrato e hipotético, conseguindo que os sentimentos se alteram acerca de quase tudo. Todas as áreas de desenvolvimento convergem à medida que os adolescentes enfrentam a sua maior tarefa, conseguirem estabelecer uma identidade, incluindo uma identidade sexual, que os transportarão para a idade adulta.

É possível perceber qual a forma como os adolescentes corporalizam a sua aparência, drasticamente alterada, os seus desejos físicos confusos e as suas novas capacidades cognitivas no seu sentido de self. Vemos como o grupo de pares serve para testar as ideias dos adolescentes acerca da vida e de si próprios. Consideramos que os riscos e os problemas podem realmente surgir na adolescência, bem como a definição da personalidade de um adolescente. (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p.503).

Vygotski (1996) citado por Facci (2004) dizia que é nesta fase de mudanças que o adolescente desenvolve um importante avanço no desenvolvimento intelectual, em que conseqüentemente formam os verdadeiros conceitos. Este abrirá a mente do jovem para um mundo da consciência social, conhecimento da ciência, artes, dentre outros. Através deste pensamento por conceito ele consegue compreender a realidade e também as pessoas ao seu redor. Os seus pensamentos concretos começam a pertencer ao passado e

os abstratos começam a desenvolverem-se, como a orientação dos seus interesses, as normas de conduta, o sentido ético, os seus desejos e as intenções.

1.1.1. A adolescência segundo Erikson

Segundo Erikson, a separação da esfera adulta é apenas uma das manifestações do que os adolescentes estão realmente a querer atingir. Identidade versus confusão de identidade: segundo a teoria de Erikson, a quinta crise do desenvolvimento psicossocial, em que o adolescente procura dar um sentido coerente ao *self*, incluindo o papel que ele ou ela irá desempenhar na sociedade. Também conhecida por *identidade versus confusão de papéis*. (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p.574). O seu principal objetivo, ao longo deste período, é o de descobrir quem e o que realmente são, à medida que atravessam o que ele chama uma *crise de identidade*.

Na nossa cultura, considerada complexa, existem muitos papéis sociais e a adolescência é uma época para os experimentar, para ver qual se adapta melhor: que vocação, que ideologia, que grupo. “A principal questão do adolescente é “quem sou eu?” e, para responder, assume uma série de atitudes, em parte em benefício dos outros, que servem depois como um espelho em que ele se pode rever a si próprio.” (Erikson, 1963 citado por Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2011, p.844). Relativamente à afirmação da personalidade, Erikson considera a adolescência como a fase mais crítica do ciclo vital. Porém, a crise da identidade pode ocorrer em qualquer fase da vida do indivíduo, manifestando-se por sentimentos incomodativos que se evidenciam por um mau estar típico de quem “não se sente bem na sua pele”. Erik Erikson afirmava que um indivíduo tinha de construir a sua personalidade durante a adolescência, porém essa construção não era feita de um mesmo modo para todos os adolescentes, visto não existir um modo padronizado e linear. Durante esta fase da vida há sempre procura de algo mais, há crises, indecisões, situações conflituosas que têm de ser resolvidas de um modo ou de outro. Como se sabe, os adolescentes não têm sempre o mesmo tipo de atitudes, ou seja, vacilam entre vários tipos de identidade.

De salvaguardar que uma vez construída a personalidade, isso não lhe confere um caráter rígido de acordo com a mesma, continuando o indivíduo a reorganizar, a cada momento, os elementos integrantes da sua personalidade, ajustando-a, portanto às diversas circunstâncias, do cotidiano, de acordo com as vivências experimentadas. Erikson coloca as dimensões institucional, sociocultural, histórica e biológica em interação, no entrecruzamento dessas influências, Erikson elaborou oito etapas de desenvolvimento psicossocial para representar momentos diferentes de investimento da energia psíquica. A adolescência é considerada a etapa que impulsiona o indivíduo a redefinir a sua própria identidade, ao avaliar a sua inclusão no plano espaciotemporal, tendo sempre em conta o passado, as suas identificações e conflitos, e pensando num futuro, com suas perspectivas e antecipações. Erikson insiste na necessidade de o adolescente fazer uma assimilação entre o seu passado e futuro, através de um processo de recapitulação e antecipação. O desenvolvimento do indivíduo é determinado e ocorre num contexto social marcado pelas relações interpessoais, pela interação com a família, com as instituições sociais e com a cultura num momento histórico particular. A base da personalidade adulta é constituída pelo conceito que possuímos do eu (a forma como nos vemos a nós próprios e como os outros nos veem). Assim sendo, uma boa base determinará uma sólida identidade pessoal, em contrapartida uma base instável originará uma identidade difundida. A identidade é algo uno, com características dinâmicas e adaptáveis e que permanece para além do passar dos tempos (Erikson, 1972). A construção da identidade é um processo complexo que acompanha o ciclo de vida do indivíduo. Neste processo, a construção biológica, a organização pessoal da experiência e o meio cultural dão significado, forma e continuidade à existência do indivíduo (Kroger, 1989 citado por Campbell, Lindzey & Hall, 2000, p.532). De acordo com Erikson, os adolescentes formam a sua identidade por modelagem a partir de outras pessoas, como fazem as crianças mais novas.

1.1.2. Adolescência segundo Sigmund Freud

Para Sigmund Freud, o pai da psicanálise, o desenvolvimento humano e a constituição da mente explicam-se pelo desenvolvimento psicosexual. Um dos conceitos mais importantes da teoria psicanalítica sobre o desenvolvimento é a existência de uma sexualidade infantil que é sentida através de pulsões. A adolescência é um período singular em que se vivem experiências e encaram-se questões que nunca antes se tinham colocado e que dificilmente se repetem. A mudança, a transformação, a alteração são palavras-chave para caracterizar esta etapa e as modificações ocorrem a todos os níveis. O adolescente muda fisicamente, assumindo novas formas de um corpo adulto, adquire novas capacidades intelectuais, nomeadamente no pensamento, que passa de concreto para abstrato e dá-se início ao pensamento puro que traz a capacidade de pensar em hipóteses ou em conceitos abstratos. Esta nova capacidade leva-o a refletir e manifesta-se pelo egocentrismo intelectual. Seguindo o pensamento de Freud, o adolescente considera-se apto a resolver todos os problemas e considera que as suas ideias são as melhores. Ele atua como se os outros e o mundo, se tivessem que organizar em função dos seus pontos de vista, apresentando e defendendo as suas convicções pelo pensamento lógico-argumentativo, como foi salientado por Piaget. É também na adolescência que as relações com os pais se transformam no sentido de uma maior autonomia e os pais passam a constituir um ponto de referência e de identificação importante. O jovem inicia o envolvimento em relações de intimidade e partilha, criando uma nova forma de relacionamento e Freud define cinco estádios do desenvolvimento psicosexual, no qual o estágio genital (depois da puberdade) é o que corresponde à adolescência

Parrott, (2003) complementa que, por norma, a maioria dos adolescentes com Perturbação do Comportamento, quando passam por alguma dificuldade, tem tendência a retrair-se. Estes bloqueiam a ansiedade e conseqüentemente, ficam mais predispostos para cederem a atos conflituosos, mesmo que inconscientemente. Como tal, quando são magoados têm tendência a expressarem os sentimentos de forma impulsiva, frequentemente agem sob comportamentos não aceites pela sociedade e têm o intuito de aliviar a tensão. Uma outra forma de “usar” a adolescência é a forma como o mercado a passou a ver, como uma forma de marketing, isto porque o adolescente passou a ser um

consumidor nato uma vez que, como nos é transmitido por Calligaris (2000), os estilos e looks que caracterizam os grupos adolescentes, as marcas identitárias (*dark, punk, pop*, etc.), são rapidamente transformadas em mercadorias e comercializados. Existe, portanto, um interesse de marketing em definir e fixar tais grupos em tribos de forma que “cada grupo, e a adolescência em geral, se transformam em uma espécie de franchising que pode ser proposta à idealização e ao investimento de todo o mundo, em qualquer faixa etária” (Calligaris, 2000, p.58). Pode verificar-se que as práticas sociais da cultura de consumo e a transformação da adolescência num bem de consumo e estilo de vida, fica fácil concluir que a adolescência foi elevada a ideal cultural.

1.1.3. A adolescência segundo Sprinthall

A Adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano fundamental para o crescimento e maturação física e psicológica. É nesta fase que o indivíduo procura construir e edificar de uma forma pró-ativa a sua identidade, que ensaia e se afirma como ser independente, autónomo, diferente do outro, com necessidades, interesses, capacidades e linguagens diferentes. É um período em que a mudança é a principal fonte de toda a novidade, gerando um leque enorme de novas capacidades. O corpo adquire uma outra forma e uma nova atitude e linguagem, a “cabeça” pensa agora através de hipóteses e, de uma forma mais abstrata, os outros passam a ter um peso maior e a determinar a vida do indivíduo, as suas motivações e os seus comportamentos (Sprinthall, & Collins, 1994). O adolescente torna-se, então, muito mais ativo, participativo, interveniente e reflexivo, exigindo mais simetria e isomorfismo nas suas relações. É de particular importância, para a formação da identidade, o desenvolvimento da cognição social o que, no fundo, não é mais do que a capacidade para perceber e agir de acordo com as ideias e sentimentos, próprios e dos outros, saber ser empático, sendo o fundamental para a obtenção da maturidade psicológica. É verdade que os pares contribuem, de forma positiva, para o desenvolvimento do adolescente. Os pares, juntamente com a família e a escola, constituem os principais contextos de desenvolvimento de competências fundamentais para o crescimento e adaptação à vida

adulta. Os adolescentes dedicam a maior parte do seu tempo no investimento da relação com os pares, o que é vital para o desenvolvimento da individualidade e da identidade. Há um “alargamento do mundo social” devido ao maior número e à diversidade de contactos sociais que ocorrem na adolescência (Sprinthall & Collins, 1994, p. 359).

A maturação biológica, quer precoce, quer tardia, tem efeitos consideráveis no adolescente, reflectindo as reacções sócio-culturais face à puberdade. O facto de os adolescentes atingirem mais precocemente o tamanho e aparência dos adultos parece facilitar-lhes a entrada e uma adaptação mais ajustada à adultez. (Sprinthall & Collins, 1994, p.94).

No entanto, é possível que a maturação precoce possa levar a que os adolescentes assumam papéis e responsabilidades para os quais não estão minimamente preparados. Os rapazes que se desenvolvem mais cedo são vistos pela sociedade (adultos e pares) como mais atraentes e competentes. Pelo contrário, os que se desenvolvem mais tardiamente são percebidos como mais tensos, ansiosos, faladores e desinibidos (Sprinthall & Collins, 1994). Já relativamente às raparigas, as que se desenvolvem mais precocemente parecem ser mais introspectivas, mais inseguras, menos equilibradas, mais submissas, ponderadas e expressivas do que as colegas da mesma idade. As que experimentam uma puberdade mais tardia mostram-se superiores na capacidade de expressão, na atividade, sociabilidade, liderança, prestígio e popularidade.

1.1.4. A Adolescência Moral segundo Kohlberg

A socialização ocorre ao longo do desenvolvimento humano e constitui um processo gradual e cumulativo. No campo do desenvolvimento humano deve procurar-se compreender de que forma os indivíduos assumem os valores que orientam o seu comportamento e como se sucede o desenvolvimento moral. Este tem vindo a ser um problema que na atualidade, desperta bastante interesse por parte de professores e orientadores educacionais, no contexto da sociedade contemporânea, em relação ao que se convencionou chamar de crise de valores, bem como quando se analisa quais as significativas são as considerações morais como elementos do comportamento humano.

De acordo com estudos desenvolvidos por Piaget e Kohlberg, o desenvolvimento no julgamento moral é estimulado pela interação social nos grupos de pares e no seio familiar. Todo o processo de desenvolvimento e experiência maturacional realizados pelo adolescente são determinados pelas normas e padrões socio-culturais e pelas expectativas sociais relativas à puberdade. Esta fase é, inevitavelmente, acompanhada por sentimentos que influenciam o modo como o adolescente se vê a si próprio e como responde aos outros e ao meio. Kohlberg conclui que a maneira como as pessoas pensam acerca de questões morais reflete o desenvolvimento cognitivo e que as pessoas chegam aos julgamentos morais por si próprias, em vez de pela mera internalização de padrões dos pais, dos professores ou dos pares.

Com base nos processos de pensamento, evidenciados pelas respostas aos seus dilemas, Kohlberg (1969) descreveu três níveis de raciocínio moral, cada um dividido em dois estádios:

- Moralidade pré-convencional: 1º nível da teoria de raciocínio moral de Kohlberg, no qual o controlo é externo e as regras são obedecidas com o objetivo de se ser premiado ou de evitar o castigo.
- Moralidade convencional: 2º nível na teoria do raciocínio moral de Kohlberg, no qual os padrões das figuras investidas de autoridade são internalizadas.
- Moralidade pós-convencional: 3º nível do raciocínio moral de Kohlberg, no qual o indivíduo segue princípios morais internamente sustentados, ex.: o bem e o mal, equidade e é capaz de decidir entre padrões morais conflituosos. (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p.551).

Mais tarde, Kohlberg, acrescentou um nível de transição entre os níveis II e III, justificando que se enquadrava quando as pessoas não se sentem limitadas pelos padrões morais da sociedade, mas também ainda não desenvolveram, racionalmente, princípios derivados da justiça. Em vez disso, baseiam as suas decisões morais em sentimentos pessoais.

Na teoria de Kohlberg, é o raciocínio perante um dilema moral, que está subjacente à resposta de uma pessoa e não a resposta em si mesma, que indica o estádio de desenvolvimento moral. Se o raciocínio se baseia em fatores similares, duas pessoas, que

dão respostas opostas, podem estar no mesmo estágio. (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p.552).

Alguns adolescentes, e mesmo alguns adultos, permanecem no nível I de Kohlberg, que tal como as crianças pequenas procuram evitar o castigo e satisfazer as suas próprias necessidades. A maioria dos adolescentes e dos adultos, parece estar no nível II. Estes sujeitam-se às convenções sociais, mantêm o *status quo* e fazem as coisas “certas” para agradar aos outros ou para obedecer à lei. Uma das razões pela qual as idades que estão ligadas aos níveis de Kohlberg são tão variáveis é que, para além da cognição, fatores como o desenvolvimento emocional e a experiência de vida, afetam o julgamento moral. As pessoas que atingiram um nível elevado de desenvolvimento cognitivo, nem sempre atingem um nível comparavelmente elevado de desenvolvimento moral. Assim, um certo nível de desenvolvimento cognitivo é necessário, mas não é suficiente para um nível semelhante de desenvolvimento moral. (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p.553)

Nem Piaget, nem Kohlberg consideraram os pais relevantes para o desenvolvimento moral das crianças. Estudos mais recentes, contudo, enfatizam a contribuição dos pais, em ambos os domínios, cognitivo e emocional. Segundo Kohlberg, o raciocínio moral está enraizado no desenvolvimento do sentido de justiça e ocorre em três níveis principais: moralidade pré-convencional, moralidade convencional e moralidade pós-convencional. A família contribui para a obtenção dos níveis mais avançados do julgamento moral. A aplicabilidade do sistema de Kohlberg a mulheres, a raparigas e a pessoas de culturas não ocidentais tem sido questionada.

1.2. A Adolescência e a Perturbação do Comportamento

Neste trabalho irá ser abordado de forma mais consistente a Perturbação do Comportamento. Existe uma dificuldade sistemática dos adolescentes na aceitação de regras e agressividade (reação auto-preservadora como resposta a um contexto de vida ou social adverso, procura de atenção ou necessidade de autonomia), no caso da Perturbação do Comportamento, existe uma violação grave da liberdade dos outros e das normas sociais, violência, obtendo prazer a causar mal a outro e comportamentos destrutivos e ilícitos.

Os critérios para a Perturbação do Comportamento focam-se no controlo dos comportamentos que violam os direitos dos outros ou que violam as principais normas da sociedade. Muitos dos sintomas comportamentais (eg.: agressão) pode ser o resultado de um fraco controlo das emoções como a raiva. Esta perturbação é mais frequente entre indivíduos do sexo masculino do que nos do sexo feminino e foi associada a um espectro de externalização comum, articulado com dimensões de personalidade rotuladas como “desinibição” e inversamente “constrangimento”, e em menor extensão com emocionalidade negativa. Segundo Lopes (2002), os problemas de comportamento dos adolescentes têm mais probabilidade de surgir quando as famílias têm elevados níveis de conflito, baixo nível de envolvimento e monitorização inadequada da relação dos jovens com os pares e do seu comportamento. O adolescente, com características desta perturbação, manifesta os sentimentos face ao mundo que a rodeia através do seu comportamento: reage negativamente quando se sente frustrado, mas aprende, ao longo do desenvolvimento, a lidar com a sua evolução de forma socialmente adequada. Neste processo, características como o reforço positivo, compreensão e acompanhamento por parte dos pais, educadores e professores, é fundamental. Os problemas de comportamento podem surgir em qualquer idade e frequentemente começam cedo. Ao longo do desenvolvimento, os comportamentos desajustados também se vão alterando, tornando-se progressivamente mais violentos. Passando a incluir mentiras, furtos, fugas, a rejeição às regras estabelecidas e comportamentos de risco anti-sociais (faltas ou abandono escolar, consumos de álcool e drogas, relações sexuais não protegidas,

desumanidade, seja para com pessoas ou animais, participação em assaltos, atos de vandalismo, etc.).

Os adolescentes diagnosticados com Perturbação do Comportamento podem ter pouca empatia e pouca preocupação pelos sentimentos, desejos e bem-estar alheios. Sobretudo em situações duvidosas, os indivíduos considerados agressivos e com esta Perturbação em geral, por norma, entendem mal as intenções dos outros, interpretando-as como mais hostis e ameaçadoras do que de facto são, e respondem à situação de forma agressiva e entendem esta atitude como plausível e explicável. Estes podem ser bastante agressivos verbalmente e não possuem qualquer tipo de sentimento de culpa ou arrependimento. Pode ser difícil avaliar a autenticidade do arrependimento demonstrado, pois estes aprendem que a expressão de culpa pode reduzir ou evitar punições. Os indivíduos com essa patologia podem facilmente denunciar o seu grupo de pares e culpabilizar os mesmos pelas atitudes tomadas. Denota-se que possuem baixa autoestima, embora se mostrem sob a forma de “os maus, os melhores”. Estes demonstram fraca tolerância para com a frustração, angústia, momentos de raiva e negligência são aspetos frequentemente associados a esta perturbação.

A Perturbação do Comportamento abarca comportamentos disruptivos que podem conduzir os adolescentes à suspensão ou expulsão da escola, a problemas de adaptação ao trabalho, a conflitos legais, a contrair doenças sexualmente transmissíveis, à gravidez não desejada e a danos físicos por acidentes ou lutas (APA, 2014, p.569). Segundo Patterson e colaboradores (2002), os problemas de comportamento são mais frequentes quanto maior o número de fatores de risco que estiverem associados (Patterson et al., 2002, citados por Bolsoni-Silva & Del Prette, 2003).

Todos estes fenómenos são mais frequentemente verificados na adolescência, visto que esta é uma fase da vida humana difícil de se entender e de se fazer entender. A mudança é permanente e baseada em vários contextos ambientais (família, escola, pares, sociedade), que interagem uns com os outros e são cruciais no desenvolvimento da identidade e da maturidade do adolescente. Contudo, esses ambientes carregam consigo riscos sociais que podem diminuir a capacidade de resiliência do adolescente e aumentar a vulnerabilidade à prática de condutas de risco e ao desequilíbrio emocional e social. A emancipação do adolescente passa por romper com certos valores e regras familiares,

exibindo uma postura rebelde e passar mais tempo com os amigos e com o meio social envolvente (Ferreira & Ferreira, 2000 citado por, Rosando, 2014). O companheirismo e a lealdade dos amigos são características assinaladas como importantes no desenvolvimento da identidade do jovem e no desenvolvimento de percepções, de valores, atitudes e comportamentos. Erikson, citado por Rosando, 2014) tendo como base a teoria do desenvolvimento psicossocial, adiciona à abordagem psicanalítica a antropologia cultural e constrói um modelo que coloca as dimensões intelectual, sociocultural, histórica e biológica em interação. Este também determinou esta fase como a *crise da identidade da adolescência*, visto que a separação da esfera adulta é apenas uma das manifestações do que os adolescentes estão realmente a querer atingir.

É de notar que, na Comunidade Escolar, a Perturbação do Comportamento é um dos temas associado a comportamentos considerados fora do normal aos olhos da sociedade, como a falta de respeito, a negligência de um ou vários atos fortuitos, ao pertencer a grupos de pares com características de P.C. e a outros comportamentos que serão trabalhados na dissertação a apresentar.

Em suma, pode considerar-se que a adolescência e o modo como esta é vivida está diretamente relacionada com a comunidade onde o adolescente está integrado. Também o modo como é entendida é específica em função da época, do ambiente social, cultural e económico a que se reporta. Ao longo do tempo foram várias as tentativas para explicar a adolescência, desde as que se fundamentam nas teorias psicanalíticas a outras que realçam as interações que o adolescente estabelece, a vários níveis, dando uma perspetiva relacional/desenvolvimental a esta etapa da vida humana. Todas auxiliam a compreender melhor a adolescência e a relação com os adolescentes.

2. A perturbação do Comportamento

2.1. Definição de Perturbação do Comportamento

As Perturbações Disruptivas do Comportamento e do Controlo de Impulsos e do Comportamento são um grupo complexo de patologias que, segundo American Psychiatric Association [APA] (2014), no Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais. [DSM-5], incluem: a Perturbação Desafiante de Oposição, a Perturbação Explosiva Intermitente, a Perturbação do Comportamento, a Perturbação Antissocial da Personalidade, a Piromania, a Cleptomania (impulsos para roubar objetos), a Perturbação Disruptiva, do Controlo dos Impulsos e do Comportamento com Outra Especificação e a Perturbação Disruptiva, do Controlo dos Impulsos e do Comportamento Não Especificada

O conceito de Perturbação do Comportamento é complexo, como tal poderemos verificar algumas definições:

Perturbação do comportamento é uma expressão utilizada habitualmente pelos pais e educadores descontentes pelas manifestações perturbantes que encontram no seu projeto educativo os psicólogos escolares e dos centros médico-psicopedagógicos definem como: desequilíbrios no campo constitucional, perturbações instintivas com variação de humor, disfuncionamentos e desarmonias cognitivas, atrasos afetivos, conflitos relacionais cuja expressão está mais ou menos organizada à volta de temas hétero ou autoagressivos e variáveis no decorrer do desenvolvimento. As perturbações da conduta e do comportamento polimorfos dos adolescentes colocam problemas específicos por causa da importância dos conflitos transitórios, dos agires, dos riscos e da tendência à somatização. Devem ser ligados a uma patologia conflitual (atualização do conflito edípiano (V. Édipo), a problemática narcísica ou do desenvolvimento). A intrincação e as interações dos fatores biológicos, psíquicos e relacionais convidam a apreciar a influência dos determinismos genéticos numa análise sincrónica; a sua articulação efetua-se à volta das condutas sintomáticas na

sua relação com os conflitos intrapsíquicos e as significações subjetivas e objetivas que elas tomam no meio em que vive o sujeito. (Doron & Parot, 2001, p.579).

Passando um pouco pela história da definição da Perturbação do comportamento verificamos que segundo a (DSM-III-R,1987), os comportamentos perturbadores são definidos do seguinte modo:

esta subclasse de distúrbios é caracterizada pelo comportamento social perturbador, o qual é frequentemente mais penoso para os outros do que para a pessoa que exhibe o distúrbio.... Constitui-se num padrão de conduta persistente, que viola os direitos básicos dos outros e as principais normas ou regras da sociedade apropriadas para a idade. (Lopes & Rutherford, 2001, p. 25).

Os critérios de diagnóstico das Perturbações Disruptivas do Comportamento encontram-se definidos nas classificações internacionais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders DSM-IV-TR*] e *International Classification of Diseases [ICD-10]*). Este grupo complexo de situações engloba as Perturbações de Oposição e as Perturbações do Comportamento propriamente ditas.

As Perturbações do Comportamento caracterizam-se pela presença de padrões recorrentes e persistentes de dificuldade de aceitação de regras e atos agressivos, desencadeados frequentemente por situações de frustração;

Segundo a DSM-5, a perturbação de comportamento pertence ao grupo das Perturbações Disruptivas do Controlo dos Impulsos e do Comportamento.

Este grupo inclui condições que envolvem problemas de autocontrolo das emoções e dos comportamentos, bem como podem também envolver problemas de regulação emocional e/ou comportamental. Verificando que estas manifestações se verificam por comportamentos que violam os direitos dos outros (eg.: agressão, destruição de propriedade) e/ou envolvem o indivíduo em conflitos significativos com as figuras de autoridade ou normas da sociedade. (DSM-5, APA, 2014, p.553).

Com base nos critérios de diagnóstico definidos na DSM-5, “A perturbação do comportamento pode ser um padrão repetitivo e persistente de comportamento no qual são violados os direitos básicos dos outros ou as principais normas sociais correspondentes à idade.” (APA, 2014, p. 563). Esta Perturbação é considerada tendenciosa, por apresentar comportamentos que incomodam, perturbam e, até mesmo, envolvem atividades perigosas e/ou ilegais. Podem considerar-se as seguintes atitudes, dificuldade em aceitar regras, passam a atos agressivos quando desencadeados frequentemente por situações de frustração, bem como apresentam comportamentos de anti-sociais através da prática de roubos, mentiras, fugas, destruição de propriedade, agressividade para pessoas e animais. Estes adolescentes não demonstram sofrimento psíquico ou constrangimento com as suas atitudes e não se importam de atingir os sentimentos do outro ou desrespeitar os seus direitos. A Perturbação do Comportamento prejudica a aprendizagem dos adolescentes ou a aprendizagem/ensino do meio envolvente. Por norma são considerados adolescentes indisciplinados que não respeitam as regras e opõem-se às regras escolares, familiares e da sociedade. Este processo acaba por danificar todos esses diferentes ambientes nos quais os mesmos necessitam de vivenciar experiências para um melhor desenvolvimento.

2.2.Subtipos de Perturbação do Comportamento

De acordo com a DSM-5, (APA, 2014), podemos verificar que existem três subtipos de Perturbação do Comportamento, com base na idade de início da Perturbação (isto é, subtipo de início não especificado, Tipo com Início na Infância e Tipo com Início na Adolescência). Os subtipos diferem com base na idade de início da perturbação. De seguida são apresentados, dois subtipos não descartando o que é designado um subtipo de início não especificado quando não existe informação suficiente para determinar a idade de início.

Apesar da ênfase colocada nos comportamentos externalizantes, os comportamentos internalizantes ou neuróticos, tais como a timidez, o medo e outros défices na interação social também devem ser considerados como problemas de comportamento, segundo Bolsoni-Silva & Del Prette, 2003. Dois subtipos de Perturbação do Comportamento são oferecidos, com base na idade de início da Perturbação (isto é, Tipo com Início na Infância e Tipo com Início na Adolescência). Os subtipos diferem relativamente à natureza característica dos problemas apresentados, curso, prognóstico e distribuição entre os géneros. Ambos os subtipos podem ocorrer de forma leve, moderada ou severa. O subtipo com Início na Infância, é definido pelo início de, pelo menos um critério característico da Perturbação do Comportamento, antes dos 10 anos de idade. Os indivíduos com este subtipo, em geral, são do sexo masculino, frequentemente demonstram agressividade física para com outros, têm relacionamentos perturbados com o seu grupo de pares, podem ter Perturbação de Oposição durante um período precoce da infância e geralmente apresentam sintomas que satisfazem todos os critérios para Perturbação do Comportamento antes da puberdade.

Caracterizam-se por serem indivíduos que estão mais propensos a terem uma Perturbação do Comportamento persistente e a desenvolverem uma Perturbação da Personalidade Anti-Social na idade adulta do que aqueles com o Tipo com Início na Adolescência. Já o subtipo com Início na Adolescência, este subtipo é definido pela ausência de quaisquer critérios característicos da Perturbação da Conduta antes dos 10 anos de idade. Comparativamente com o Tipo com Início na Infância, são indivíduos que estão menos propensos a apresentar comportamentos agressivos e tendem a ter

relacionamentos mais normais com seus pares (embora apresentem com frequência problemas de comportamento na companhia de outros).

Relativamente aos níveis de Gravidade, podemos verificar que são considerados três níveis, o nível leve, o moderado e o severo. O nível leve é caracterizado por existirem poucos problemas de conduta e se por ventura, estes existirem ultrapassando os necessários à realização do diagnóstico estão presentes, e os problemas de comportamento causam danos relativamente pequenos a outros (eg.: mentiras, faltar à escola, permanência na rua à noite sem autorização). No nível leve confirma-se que número de problemas de comportamento e o efeito sobre os outros são intermediários entre "leves" e "severos" (eg.: roubos sem confronto com a vítima em causa, vandalismo). Por fim, no nível severo observa-se que muitos problemas de comportamento além daqueles necessários para fazer o diagnóstico estão presentes, ou os problemas de conduta causam danos consideráveis a outros (eg.: sexo forçado, crueldade física, uso de arma, roubo exercendo confronto com a vítima, arrombamento e invasão).

2.3. Características e Prevalência da Perturbação do Comportamento

A característica mais específica da Perturbação do Comportamento está relacionada com um padrão repetitivo e persistente de comportamento no qual são violados os direitos básicos dos outros ou normas ou regras sociais importantes apropriadas à idade (Critério A). Estes comportamentos caem em quatro agrupamentos principais: comportamento agressivo que causa ou ameaça danos físicos a outras pessoas ou a animais (Critérios A1-A7), comportamento não-agressivo que causa perdas ou danos a propriedades (Critérios A8-A9), defraudação ou furto (Critérios A10-A12) e sérias violações de regras (Critérios A13-A15). Três (ou mais) comportamentos característicos devem ter estado presentes durante os últimos 12 meses, com presença de pelo menos um desses nos últimos 6 meses.

A perturbação do comportamento causa prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, académico ou ocupacional (Critério B). A Perturbação do Comportamento pode ser diagnosticada em indivíduos com mais de 18 anos, mas apenas se os critérios para Perturbação da Personalidade Anti-Social não são satisfeitos (Critério C). O padrão de comportamento em geral está presente numa variedade de contextos, tais como em casa, na escola ou comunidade. As crianças ou adolescentes com esta Perturbação frequentemente iniciam o comportamento agressivo e reagem agressivamente aos outros. Elas podem exibir um comportamento de provocação, ameaça ou intimidação (Critério A1); iniciar lutas corporais frequentes (Critério A2); usar uma arma que possa causar sério dano físico (eg.: um bastão, tijolo, garrafa partida, faca ou arma de fogo) (Critério A3); ser fisicamente cruéis com pessoas (Critério A4) ou animais roubar carteiras (Critério A5); roubar em confronto com a vítima (eg.: , extorquir ou assaltar à mão armada) (Critério A6); ou forçar alguém a manter atividade sexual consigo (Critério A7). A violência física pode assumir a forma de agressão ou, em casos raros, homicídio. A destruição intencional da propriedade alheia é um aspeto característico desta Perturbação, podendo incluir a provocação propositada de incêndios com a intenção de causar sérios danos (Critério A8) ou destruição deliberada da propriedade alheia de outras maneiras (eg.: quebrar vidros de automóveis, praticar vandalismo na escola) (Critério

A9). O furto é comum, podendo incluir a invasão de casa, prédio ou automóvel alheios (Critério A10); mentir ou romper promessas com frequência para obter bens ou favores ou para evitar débitos ou obrigações (eg.: ludibriar outras pessoas) (Critério A11); ou furtar objetos de valor sem confronto com a vítima (eg.: furtar em lojas, falsificar documentos) (Critério A12).

Por norma os indivíduos com esta Perturbação também cometem sérias violações de regras (eg.: escolares, parentais). As crianças com a Perturbação frequentemente apresentam um padrão, iniciando-se antes dos 13 anos, de permanência fora de casa até tarde da noite, apesar de proibições dos pais (Critério A13). Pode haver um padrão de fugas de casa durante a noite (Critério A14). Para ser considerada um sintoma de Perturbação do Comportamento, a fuga deve ter ocorrido pelo menos duas vezes (ou apenas uma vez, sem o retorno do indivíduo por um extenso período). Os episódios de fuga que ocorrem como consequência direta de abuso físico ou sexual não se qualificam tipicamente para este critério. As crianças com esta Perturbação podem, com frequência, faltar à escola sem justificação, iniciando-se este comportamento antes dos 13 anos (Critério A15). Em indivíduos mais velhos, manifesta-se através de por constantes ausências do emprego, sem uma razão pertinente.

É importante salientar alguns aspetos de diagnóstico relacionados com cultura, idade e género, estes podem alterar a configuração da aplicação do diagnóstico. Alguns profissionais já manifestaram a preocupação de que o diagnóstico de Perturbação do Comportamento possa, ocasionalmente, ser mal aplicado a indivíduos em contextos nos quais os padrões de comportamento indesejável às vezes são vistos como protetores (eg.: contexto ameaçador, empobrecido, com alto índice de marginalidade). É de notar que os sintomas da Perturbação variam de acordo com a idade, à medida que o indivíduo desenvolve maior força física, capacidades cognitivas e maturidade sexual. Comportamentos menos severos (eg.: mentir, roubar só em situação de necessidade e em pouca quantidade, envolver-se em lutas/confrontos corporais) tendem a surgir primeiro, enquanto outros (eg.: roubo) tendem a manifestar-se mais tarde. A Perturbação do Comportamento, especialmente do Tipo com Início na Infância, é muito mais comum no sexo masculino. As diferenças entre géneros também são encontradas em tipos específicos de problemas de conduta. Os indivíduos do sexo masculino, com um diagnóstico de Perturbação do Comportamento frequentemente, apresentam atitudes

como conflitos, roubos, vandalismo e problemas de disciplina na escola. Já do sexo feminino com diagnóstico de Perturbação do Comportamento tendem a apresentar mais atitudes como mentiras, faltar às aulas, fugas, uso de substâncias e prostituição. Enquanto a agressão com confronto é mais comum entre os homens, as mulheres tendem mais a usar comportamentos sem confronto. (APA, 2014, pp. 566-567).

A perturbação do comportamento tem uma prevalência por ano na população estimada entre 2% e mais de 10%, com uma média de 4%. A prevalência da Perturbação do Comportamento parece ser consistente entre vários países que diferem entre si relativamente à raça e à etnia. A prevalência aumenta desde a infância até à adolescência e é maior entre os indivíduos do sexo masculino do que do sexo feminino. (APA, 2014, p. 567).

As perturbações mentais e do comportamento representam 11,8% da carga global das doenças em Portugal, bem como continuam a ter um peso significativo no total de anos de vida saudável perdidos pelos portugueses, com uma taxa de 11,75%, e representam 20,55% do total de anos vividos com incapacidade, como revela o relatório “Portugal – Saúde Mental em Números 2015”, apresentado pela Direção-Geral da Saúde. Esta parece ter aumentado nas últimas décadas, podendo ser superior em contextos urbanos, em comparação com a área rural.

Já o relatório apresentado pela CPCJ regista 8352 casos em 2016, mais 24 do que em 2015. Mostrando que a causa deste aumento se deve ao facto de os jovens em risco não conseguirem sair do sistema, ou seja, foram considerados jovens em risco pela CPCJ e até ao momento ainda não deixaram de ser jovens “sinalizados”, ainda não conseguiram encontrar uma solução para o “problema” em causa.

2.4.Fatores de Risco de Perturbação do Comportamento

Sabe-se que não existe uma resposta concreta quanto a este tema, mas sabe-se que existem múltiplos fatores como biológicos (temperamento, fatores neuroanatômicos, psicológico e genéticos), relacionais (processos de vinculação com os pais, práticas educativas parentais e relação com irmãos), familiares e sociais que se podem associar.

Segundo a DSM-5 (APA, 2014), existem os seguintes fatores de Risco e prognóstico relativos à Perturbação do Comportamento:

- ✓ **Temperamentais:** Os fatores de risco temperamentais incluem temperamento de difícil controlo na infância e inteligência abaixo da média, particularmente no que toca ao QI verbal.
- ✓ **Ambientais:** Fatores de risco ao nível familiar incluem negligência e rejeição pelos pais, práticas educacionais inconsistentes, disciplina rígida, abuso sexual ou físico, falta de supervisão, institucionalização precoce, frequente mudança de cuidadores, família de grande dimensão, criminalidade dos pais e certos tipos de psicopatologia familiar (por exemplo, perturbações relacionadas com substâncias). Os fatores de risco ao nível da comunidade incluem: rejeição pelos pares, associação com grupo de pares delinquentes, viver numa zona com problemas de violência. Ambos os tipos de fatores de risco tendem a ser mais frequentes e graves entre indivíduos com perturbação de comportamento do tipo com início na infância.
- ✓ **Genéticos e fisiológicos:** A perturbação do comportamento é influenciada por fatores tanto genéticos como ambientais. O risco é maior em crianças em que um progenitor (biológico ou adotivo) ou um irmão tenha perturbação do comportamento. Esta perturbação também parece ser mais comum em crianças com pais biológicos com perturbação de uso de álcool grave, perturbações depressivas e bipolares ou esquizofrenia, ou pais biológicos que tiveram história de perturbação de hiperatividade/défice de atenção ou perturbação do comportamento.

Valores de frequência cardíaca em repouso mais baixas está associado, de forma confiável, a indivíduos com perturbação do comportamento por comparação com aqueles sem esta perturbação, e este marcador não é característico de nenhuma outra perturbação mental. A redução do condicionamento autonómico em resposta ao medo, particularmente a baixa condutância da pele, também está bem documentada. No entanto, estes achados psicofisiológicos não são diagnósticos da perturbação. Diferenças funcionais e estruturais em zonas cerebrais associadas à regulação e processamento dos afetos, particularmente as ligações frontotemporais-límbicas envolvendo o córtex pré-frontal ventral e a amígdala, foram consistentemente observadas em indivíduos com perturbação do comportamento por comparação aos indivíduos sem esta perturbação. No entanto, os achados neuroimagiológicos não são diagnósticos da perturbação.

✓ **Modificadores do curso:** A persistência é mais provável em indivíduos com comportamento que preencha critérios para o subtipo com início na infância e que reúnam os requisitos para o especificador “com emoções prossociais limitadas”. O risco de a perturbação do comportamento persistir é aumentado também pela coocorrência de PHDA e de abuso de substâncias. (APA, 2014, pp.568-569).

Quadro I. Fatores de Risco da Perturbação do Comportamento		
Temperamentais	Temperamento difícil Inteligência abaixo da média	
Genético e Fisiológico	Factores genéticos	Predisposição biológica Pais biológicos com Perturbação uso de álcool, perturbações depressivas e bipolares ou Esquizofrenia
	Défices neurocognitivos da criança	Diferenças funcionais e estruturais em zonas cerebrais associadas à regulação e processamento de afetos Epilepsia, Lesão cerebral Défice cognitivo (executivo e verbal)
	Período pré e pós-natal	Estilo de vida materno Idade materna inferior a 18 anos Complicações obstétricas Prematuridade Baixo peso ao nascer Traumatismos cranioencefalico na 1ª infância
Ambientais nível familiar	Tipo de vinculação	Tipo inseguro ou desorganizado
	Disfunção familiar	Criminalidade dos pais e psicopatologia familiar Experiências precoces carências/traumáticas Negligência e rejeição parental Irmão com perturbação do comportamento diagnosticada Frequente mudança de cuidadores Família de grande dimensão Institucionalização precoce Conflitualidade intrafamiliar Exposição a violência e maus-tratos Abuso sexual ou físico Práticas educacionais inconsistentes Estilo parental permissivo (falta de supervisão, alternância aleatória entre uma disciplina rígida e rigidez ausência de disciplina e consequente ausência de limites)
	Patologia psiquiátrica parental	Perturbação da Personalidade antissocial Comportamento aditivos Perturbação Depressiva materna
Ambientais nível da comunidade	Rejeição pelo grupo de pares Associação com grupos delinquentes Viver em Zona problemática (casos de violência) Baixo nível socioeconómico Insucesso e absentismo escolares Exposição a violência nos meios de comunicação	

Quadro I. Fatores de Risco da Perturbação do Comportamento. Adaptado de Marques, Marques & Pardilhão, 2009, p. 593).

3. Diagnóstico e Intervenção na Perturbação do Comportamento

3.1. Diagnóstico da Perturbação do Comportamento

O diagnóstico é complexo, pode ser suscitado pelos pais e/ou médico assistente, no entanto deve ser sempre confirmado (ou não) por um pediatra do desenvolvimento. Para o diagnóstico desta Perturbação destacam-se várias técnicas e instrumentos, tais como a entrevista, ao adolescente e aos pais; os métodos projetivos; as *checklists* de comportamento; os métodos de observação direta; e os inventários de personalidade (Benavente, sd), a analisar de acordo com os critérios definidos na DSM-5. O tratamento da Perturbação do Comportamento deve passar por uma abordagem integrada que atue sobre as várias dimensões da vida do adolescente, particularmente a família, a escola, o grupo de pares e o próprio, de forma a ser prestado um acompanhamento contínuo e a longo prazo (Bordin & Offord, 2000). Para o sucesso da intervenção, a mesma deve incluir o treino parental, o treino de habilidades sociais com o indivíduo e a inclusão académica (Patterson et al., 2002, citados por Bolsoni-Silva & Del Prette, 2003).

Outra forma importante de avaliação é a observação direta da criança e dos comportamentos da mesma, para evitar os chamados falsos comportamentos quando são avaliados numa situação clínica. A avaliação neuropsicológica é bastante importante no diagnóstico, uma medida em que permite a avaliação das alterações nas funções executivas em adolescentes diagnosticados com P.C. e as possíveis implicações na aprendizagem. Pode ser ainda necessário procurar uma avaliação de outras especialidades médicas para identificar possíveis problemáticas que podem gerar problemas de atenção: problemas visuais, auditivos, análises intelectuais ou de outras patologias. Os Cuidados de Saúde Primários constituem a primeira linha de abordagem da maioria das situações de Perturbação do Comportamento, pelo que a avaliação destas deverá ter como objetivos a definição do tipo e gravidade do problema, a estimativa da importância relativa dos diversos fatores de risco e protetores e o planeamento de uma intervenção terapêutica.

Os critérios de diagnóstico, para cada uma das perturbações, estão definidos na DSM-5, (APA, 2014, p.563): deve-se respeitar os seguintes padrões:

- A. Padrão de comportamento repetitivo e persistente em que são violados os direitos básicos dos outros ou as principais normas sociais correspondentes à idade, que se manifesta pela presença nos últimos 12 meses, de pelo menos 3 dos 15 critérios a apresentar em qualquer das categorias, em que 1 dos critérios tem de se verificar presente nos últimos 6 meses. As categorias mencionadas são: 1. *Agressão a pessoas ou animais*; 2. *Destruição da propriedade*; 3. *Falsificação ou roubo* e 4. *Violação grave das normas*. Os critérios e as respetivas categorias tal como nos é transmitida pela DSM-5, encontram-se em (**Anexo 1**).
- B. A Perturbação do Comportamento causa um défice clinicamente significativo no funcionamento social, académico ou ocupacional.
- C. Se o indivíduo tem 18 ou mais anos de idade, os critérios de Perturbação antissocial da personalidade não são preenchidos.

Existem três diferentes configurações para se averiguar em que faixa etária se desencadeou a perturbação do comportamento:

- Tipo com início na infância, é apresentado pelo menos um sintoma característico da perturbação do comportamento nos indivíduos até aos 10 anos.
- Tipo com início na adolescência, não são apresentados sintomas característicos da perturbação do comportamento nos indivíduos antes dos 10 anos.
- Tipo com início não especificado, não existe informação suficiente para se determinar em que idade existiu o primeiro sintoma da perturbação do comportamento, embora os critérios de diagnóstica desta patologia já estejam completados.

A especificação deve ter em conta as limitações nas emoções prossociais, o indivíduo tem de ter apresentado pelo menos duas das seguintes características, por um período de 12 meses. Para serem avaliados os critérios para este especificador são necessárias várias fontes de informação com conhecimento prolongado do indivíduo (eg.: pais, professores, grupo de pares). As características apresentadas são: 1. *Falta de remorso ou Culpa*; 2. *Indiferença - falta de empatia*; 3.

Despreocupação relativamente ao seu desempenho com performance/consequências e 4. Afeto superficial ou deficiente

Existem três tipos de gravidade:

- Leve: poucos problemas de conduta, se existem, além daqueles exigidos para fazer o diagnóstico e os problemas de conduta causam apenas um dano pequeno a outros.
- Moderado: número de problemas de comportamento e efeito sobre outros são intermediários, entre "leve" e "severo".
- Severo: muitos problemas de conduta além daqueles exigidos para fazer o diagnóstico ou problemas de conduta que causam danos consideráveis ao outro. (APA, 2014, pp. 563 – 565).

3.2. Diagnóstico Diferencial da Perturbação do Comportamento

O termo diagnóstico diferencial refere-se aos diagnósticos diferentes daquele que é o mais provável, com base nos diferentes sintomas apresentados pelo paciente. O diagnóstico diferencial pode igualmente designar os diferentes métodos utilizados por um médico para estabelecer um bom diagnóstico. O diagnóstico diferencial combina os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo dos estudos da medicina, do exame clínico, sintomas do paciente e os exames complementares, biológicos ou radiográficos. O médico especialista analisa esses diferentes elementos reunidos para determinar a patologia e aplicar um tratamento apropriado.

Embora a Perturbação de Oposição inclua algumas das características observadas na Perturbação do Comportamento (eg.: desobediência e oposição a figuras de autoridade), ele não inclui o padrão persistente das formas mais sérias de comportamento, nas quais são violados os direitos básicos dos outros ou as normas ou regras sociais apropriadas à idade. Quando o padrão de comportamento do indivíduo satisfaz os critérios para uma Perturbação do Comportamento e Perturbação De Oposição, o diagnóstico da Perturbação do Comportamento assume precedência e não é diagnosticada a Perturbação De Oposição. Embora as crianças com Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção frequentemente apresentem um comportamento impulsivo ou hiperativo que pode ser perturbador, este comportamento, em si, não viola as normas sociais apropriadas à idade e, portanto, não satisfaz, habitualmente, os critérios para a Perturbação do Comportamento. Quando são satisfeitos os critérios para Perturbação de Déficit Hiperatividade e Atenção e Perturbação da Conduta, aplicam-se ambos os diagnósticos, (pode verificar na DSM-5, APA, 2014, pp. 643-644, “Outras Condições que Podem Ser o Foco de Atenção Clínica”. A Perturbação do Comportamento é diagnosticada apenas se os problemas de conduta representarem um padrão repetitivo e persistente associado com prejuízo no funcionamento social, acadêmico ou ocupacional.

Para indivíduos com mais de 18 anos, um diagnóstico de Perturbação do Comportamento aplica-se apenas se não forem satisfeitos os critérios para Perturbação da Personalidade Anti-Social. O diagnóstico de Perturbação da Personalidade Anti-Social é

vedado a indivíduos com menos de 18 anos. Tanto a perturbação do comportamento como a perturbação explosiva intermitente envolvem elevados níveis de agressividade. No entanto, a agressividade em indivíduos com perturbação explosiva intermitente está limitada a agressão impulsiva e não premeditada e não é levada a cabo para atingir determinados objetivos tangíveis (por exemplo, dinheiro, poder, intimidação). Além disso, a definição de perturbação do comportamento. Se os critérios para ambas as perturbações forem preenchidos, o diagnóstico de perturbação explosiva intermitente só deve ser feito quando as explosões impulsivas recorrentes de agressividade requerem atenção clínica independente. O diagnóstico de perturbação de ajustamento (com alteração do comportamento ou com alteração mista de emoções e do comportamento) deverá ser considerado se os problemas comportamentais, clinicamente significativos, não preenchem os critérios de outra perturbação específica, se se desenvolvem em clara associação com início de um fator de stress psicossocial e se não resolvem dentro de 6 meses após o desaparecimento do fator de stress (ou das suas consequências). A perturbação do comportamento é diagnosticada apenas quando os problemas comportamentais representam um padrão repetitivo e persistente que está associado a défice do funcionamento social, académico ou ocupacional.

Especificar tipo com base na idade de início:

- Tipo com Início na Infância: Início de pelo menos um critério característico de Perturbação do Comportamento antes dos 10 anos de idade.
- Tipo com Início na Adolescência: ausência de quaisquer critérios característicos de Perturbação do Comportamento antes dos 10 anos de idade.

Quadro II- Perturbação do Comportamento, Comorbilidade e Diagnóstico Diferencial	
Comorbilidade	<ul style="list-style-type: none"> ○ Perturbação de Hiperatividade com Déficit de Atenção (PHDA) ○ Perturbação Desafiante de Oposição ○ Perturbação Antissocial da Personalidade ○ Perturbação específica da aprendizagem ○ Perturbação da ansiedade, ○ Perturbação depressiva ou bipolar ○ Perturbação relacionada com substâncias
Diagnóstico Diferencial	<ul style="list-style-type: none"> ○ Perturbação Desafiante de Oposição ○ Perturbação de Hiperatividade/Déficit de atenção ○ Perturbações depressivas bipolares ○ Perturbação explosiva intermitente ○ Perturbação de ajustamento

Quadro II- Perturbação do Comportamento, Comorbilidade e Diagnóstico Diferencial. Adaptado de Marques, Marques & Pardilhão, 2009, p. 593).

3.3. Consequências funcionais da Perturbação do Comportamento

Os comportamentos da Perturbação do Comportamento podem levar à suspensão ou expulsão escolar, problemas de adaptação ao trabalho, problemas legais, doenças sexualmente transmissíveis, gravidezes não planeadas e lesões físicas decorrentes de acidentes ou lutas. Estes problemas podem impedir o indivíduo de frequentar uma escola regular ou viver na casa dos progenitores ou família adotiva. A Perturbação do Comportamento está, com frequência, associada ao início precoce de comportamento sexual, consumo de álcool, tabaco e de substâncias ilegais, e atos imprudentes e de risco. A taxa de acidentes parece ser maior entre estes indivíduos por comparação com outros que não sofrem desta perturbação. Estas consequências podem predizer problemas de saúde na meia-idade. Não é incomum que indivíduos com esta perturbação estejam associadas a um défice mais grave e crónico do que o experienciado por outras crianças que frequentam estas instituições de saúde. Esses problemas podem também impedir a autorização do adolescente em escolas normais ou à vida na casa dos pais ou em lares adotivos. Ideação suicida, tentativas de suicídio e suicídio completo ocorrem em índices superiores ao esperado. A Perturbação do Comportamento pode estar associada à inteligência inferior à média. O rendimento escolar, particularmente na leitura e outras habilidades verbais, em geral verifica-se abaixo do nível esperado com base na idade e no Q.I., podendo justificar o diagnóstico adicional de Perturbação da Aprendizagem ou Perturbação da Comunicação. A PDHA é comum em crianças com Perturbação do Comportamento, e tal também pode estar associado a uma ou mais das seguintes Perturbações mentais: Perturbação da Aprendizagem, Perturbação de Ansiedade, Perturbação do Humor e Perturbações Relacionadas a Substâncias. Os seguintes fatores podem predispor o indivíduo ao desenvolvimento da Perturbação do Comportamento: rejeição e negligência parental, práticas inconsistentes de criação dos filhos com disciplina rígida, abuso físico ou sexual, falta de supervisão, institucionalização nos primeiros anos de vida, mudanças frequentes de tutores, família muito numerosa, ou família já considerada delinvente e familiares já diagnosticados com certas patologias do foro mental.

De acordo com o anteriormente focado entende-se que todos esses comportamentos constituem um forte motivo de preocupação para as famílias, a escola e outros meios onde o adolescente está inserido.

Adolescentes com Perturbação do Comportamento têm com frequência:

- dificuldade em interagir e integrar-se no grupo de pares principalmente da sua idade;
- muitas vezes unem-se a grupos já considerados de risco, o que contribui para que os seus problemas se agravem;
- embora tenham normalmente um coeficiente de inteligência dentro dos parâmetros normais, o seu rendimento escolar tende a ter um défice e correm o risco de insucesso e abandono escolar;
- muitas vezes existe também um sentimento de mau-estar intenso e uma desvalorização, dos quais se defendem culpando os outros pelos seus problemas.

Globalmente a integração social destes jovens corre um sério risco e, sem ajuda, têm uma dificuldade acrescida em ultrapassar os problemas. Adaptado de Direção Geral de Saúde, 2007, p.2.

3.4. Intervenção na Perturbação do Comportamento

Antes de se iniciar uma intervenção, devemos sempre ponderar sobre a aplicação imediata da prevenção. A palavra “prevenção” surge no contexto da promoção da saúde, como um conjunto de atitudes que devemos tomar por antecipação, de modo a evitar determinados acontecimentos. Ou seja, surge no sentido de “precaução” ou de evitar determinados riscos. A prevenção, no âmbito do sector da saúde enquadra-se no modelo que preconiza um contínuo nos cuidados e abordagem aos indivíduos. Foca-se na alteração dos comportamentos e das práticas pessoais e sociais, no sentido da promoção da saúde individual e coletiva. Enquanto dimensão do conhecimento científico, a prevenção ganhou um grande impulso nos países ocidentais nas últimas duas décadas, que se traduziu num aumento da qualidade da conceptualização e eficácia das intervenções desenvolvidas (Albee, 1996).

A prevenção sugere ato de se antecipar às consequências de uma ação, no intuito de prevenir o seu resultado, corrigindo-o e redirecionando-o por segurança. Neste, para se tornar completa, convém que exista a interligação e complementação de três modelos que a ancoram: o risco, a proteção e a resiliência. O Risco pode ser definido como o conjunto das características dos indivíduos e dos contextos que reduzem as capacidades biológicas, psicológicas e/ou sociais dos indivíduos para manter o seu bem-estar e adaptação em contextos sociais. A Proteção refere-se a processos que permitem que alguém, face a condições adversas que se constituam como um desafio ou como uma ameaça, consiga ultrapassá-las de forma eficaz e com resultados positivos. Por fim, a Resiliência caracteriza-se como sendo uma característica ou um traço pessoal que torna os indivíduos menos sujeitos aos efeitos negativos do stress. (Ornelas, 2008). Podemos verificar que existem duas estratégias de prevenção, a prevenção primária e a prevenção secundária. A prevenção primária visa prevenir o problema alvo, promover a saúde e o bem-estar do indivíduo, desenvolver competências do mesmo e prevenir a adaptação. Esta pode ser considerada proativa, baseada em populações, inclui evitar o aparecimento de uma perturbação numa população em risco, introduzindo intervenções “antes do facto”, quer diretamente, quer indiretamente. Destinando-se a estabelecer a sua identidade, reduzir a incidência de perturbações contrariando as circunstâncias negativas

que favorecem o seu aparecimento através da promoção da “robustez” emocional nos indivíduos, de forma a sentirem-se protegidos e mais capacitados. Já a prevenção secundária engloba um conjunto de estratégias que se caracterizam pela identificação e intervenção precoce junto de indivíduos que manifestam sinais iniciais de disfunção. Esta reage sob a forma de impedir perturbações no problema alvo, visa diminuir a prevalência do problema alvo, procurando impedir a progressão do “problema” uma vez iniciada.

A intervenção define-se como o ato de exercer influência em determinada situação na tentativa de alterar o seu resultado, neste projeto temos como importante foco a interferência com vista a alcançar o objetivo de minorar as manifestações da perturbação do comportamento na adolescência.

Bugental e Johnston (2000) concordam que a forma como os pais pensam e lidam com os seus filhos interfere diretamente nas cognições, comportamentos e locus de controle da criança (citados por Bolsoni-Silva & Del Prette, 2003). Desta forma, comportamentos como brincar, apoiar e ajudar os filhos são habilidades sociais educativas que podem aproximar pais e filhos, criar um ambiente cooperativo e promover repertórios socialmente hábeis nas crianças (Bolsoni-Silva & Del Prette, 2003). O fator mais importante é o diagnóstico precoce. De forma consistente, os estudos têm indicado que quanto mais cedo se inicia a intervenção terapêutica, maior é a eficácia, com evidência já a partir dos dois anos de idade. As intervenções de educação parental são as que provaram ter maior sucesso neste tipo de patologias. Os pais são treinados a identificar os comportamentos anómalos e a introduzir os comportamentos desejados através de técnicas de comunicação simples, concisas e claras de reforço positivo dos comportamentos. Em casos de maior gravidade, a intervenção profissional (normalmente um profissional da área da Psicologia) é necessário para trabalhar com os pais estratégias, comportamentos a serem melhorados. “Comportamento é qualquer ato externo ou interno, de um organismo que seja observável e mensurável.” (Kearney, 2008, p.27). Pode, portanto, considerar-se como atos internos, ações ou acontecimentos, atos psicológicos realizados pelo nosso corpo. Atos não observáveis. (eg.: bater o coração, fazer a digestão, pensar, criar imagens e sentimentos). Já como atos externos verificamos que são os que ocorrem no exterior do corpo e são diretamente observáveis e reconhecíveis, (eg.: lavar as mãos, escovar os dentes, dançar, falar ao telefone). (Kearney, 2008, pp. 28 e 29).

É importante salientar várias estratégias de intervenção, bem como fatores considerados de proteção de Perturbação de Comportamento de forma a se verificar uma melhoria do desenvolvimento de um adolescente.

Conte, (1997) aponta como fatores protetores do desenvolvimento saudável das crianças e jovens:

- suporte parental com conduta calorosa,
- valorização pessoal da criança,
- demonstração de aceitação e apoio às suas iniciativas,
- encorajamento do desenvolvimento de competências sociais,
- frequente expressão de afeto positivo, apoio ao desenvolvimento da autonomia na forma de escolhas;
- uso de métodos disciplinares mais racionais e verbais ao invés de físicos e
- pais como modelos socialmente competentes. (Conte, 1997 citado por Rosando, 2014, p.124).

Em concordância com (Marques, Marques & Pardilhão, 2009, p.594) que indicam como fatores de proteção de Perturbação do Comportamento:

- Boa capacidade familiar para lidar com a adversidade;
- Bom nível cognitivo;
- Temperamento fácil;
- Boa capacidade de socialização com pares;
- Existência de relação significativa com pelo menos um dos progenitores ou outro adulto de referência;
- Relação com irmão mais velho responsável e autodisciplinado;
- Bom desempenho escolar e extracurricular;
- Integração em grupo pró-social;
- Integração em meio escolar promotor de sucesso, responsabilidade e autodisciplina.

Deve ter-se também em conta fatores desencadeantes e perpetuadores a nível familiar, social ou escolar:

- Apoio e orientação aos pais;
- Evitar exposição a situações de violência;

- Motivar a família para a mudança;
- Desaconselhar punições físicas;
- Sublinhar a importância da coerência de regras/atitude;
- Impedir benefícios secundários com o sintoma;
- Fomentar outras formas de expressão da agressividade;
- Trabalho de articulação com a escola: planejar intervenções ao nível da escola que facilitem a integração no grupo de pares e o investimento de atividades lúdicas/desportivas;
- Articulação com a rede de apoio social e com projetos de intervenção sociocultural locais;
- Orientar para consulta de Pedopsiquiatria se as medidas anteriormente tomadas não levarem a atenuação da sintomatologia, principalmente se existir evidência de associação com perturbações emocionais;
- Orientar para o SPO (Serviço de Psicologia e Orientação) ou outros serviços de apoio educativo, quando se associam dificuldades de aprendizagem;
- Orientar para serviços sociais locais, se a problemática social assim o justificar;
- Prognóstico Variável, de acordo com a gravidade, número e tipo de sintomas;
- Alguns casos com sintomas múltiplos, de gravidade moderada a severa e disfunção familiar coexistente, podem evoluir para perturbações de personalidade na idade adulta. (Marques & Cepêda, 2009, p.23).

De acordo com Kearney, (2008), existem estratégias específicas que podem modificar o comportamento, podendo auxiliar na diminuição de manifestações características da Perturbação do Comportamento num adolescente. Verifica-se então que é de grande importância a intervenção comunitária, incluindo o adolescente no seio da comunidade. O Reforço social é um ato que consiste em dar a um indivíduo uma resposta socialmente recompensadora (consequência positiva) após a ocorrência do comportamento, o que faz com que a frequência deste aumente. (eg: um sorriso, definindo a expressão de aceno, “bom trabalho”, “estou muito orgulhosa do teu trabalho”). Já

quando se foca a gestão de contingências, existe uma técnica criada para reforçar sistematicamente os comportamentos “agradáveis” ou “prováveis” que são contingentes (relação de dependência entre dois acontecimentos) a outros comportamentos menos agradáveis e reforçadores. Também é explicado que os contratos comportamentais são importantes e passam por ser um acordo entre duas ou mais pessoas, estipulando as responsabilidades das mesmas, devido a determinado comportamento como ao reforço pela realização do mesmo. A autogestão é explicada como:

“Deixar os alunos envolverem-se na gestão do seu próprio comportamento pode pois constituir uma forte motivação para o processo de modificação de comportamento na aula, uma vez que os alunos, como qualquer outra pessoa, gostam de se pronunciar sobre aquilo que lhes diz diretamente respeito.” (Kearney, 2008, pp.114-115).

Sabemos que a aprendizagem é um ponto chave do desenvolvimento do ser humano. A maior parte do comportamento humano resulta de um ou mais de três fatores que normalmente funcionam em conjunto, sendo eles: “O nosso capital genético ou hereditário, as alterações psicológicas que têm lugar em nós após a conceção (tal como a maturação e os efeitos de doenças ou de acidentes) e experiências que alteram o comportamento e às quais chamamos aprendizagem.” (Kearney, 2008, p.30).

Em seguimento ao anteriormente focado percebemos que a aprendizagem é realmente um bem essencial ao desenvolvimento de um ser e como tal, uma forma de ensinar é que, apesar das consequências poderem ser necessárias ocasionalmente, a interação pais-filhos deve incluir também recompensas. As recompensas devem ser concretas, específicas e sempre indicadas no imediato quando a criança cumpre os critérios. Através desta forma tenta-se a aplicação do reforço positivo e a aquisição de rotinas, comunicando de uma forma simples e clara. Os pais, professores, educadores devem comunicar de forma clara, direta e específica, e, muito importante, sem ir pela negatividade, dentro deste âmbito, uma técnica de comunicação eficaz é a utilização de instruções. Uma outra forma importante de colocar a aprendizagem em prática de modo a serem desenvolvidos conhecimentos a nível da saúde escolar, que procura promover as competências socioemocionais dos alunos, contribui para o desenvolvimento

de autoconhecimento, autogestão, consciência social, relações interpessoais e tomada de decisão responsável, conseguindo assim o sentimento de pertença a uma comunidade.

Posteriormente a uma recolha empírica acima evidenciada consideramos que é essencial a união de todas as comunidades como a de pais, professores, educadores e grupos de pares e passarem estar atentos a comportamentos como os seguintes a serem focados e como tal iniciarem-se medidas preventivas para com o desenvolvimento da perturbação do comportamento:

- comportamentos fora da norma que ultrapassam as regras impostas pela família e sociedade e verificar se estes comportamentos se mantêm de forma contínua durante meses ou anos;
- as perturbações interferem no desenvolvimento do adolescente, na sua integração e no seu meio ambiente como familiar, escolar entre grupo de pares;
- adolescente com uma personalidade mais complexa, impaciente, impulsiva e com dificuldade de autocontrolo;
- adolescente com dificuldades de aprendizagem;
- adolescente com aparente discurso de desvalorização, indício de depressão, transmitindo um sentimento de não ser amada ou ter apoio de pessoas importantes do seu meio envolvente;
- adolescentes que são ameaçados ou vítimas de maus-tratos

É importante salientar que estas situações se vão “construindo” ao longo do tempo e que é fundamental intervir precocemente para obter melhores resultados. A prevenção é, como enunciado inicialmente, a intervenção a ser aplicada com mais ênfase e possivelmente mais eficaz. Como recomendações gerais aos pais, sugere-se que:

- sejam pais e não companheiros dos filhos;
- que não aconselhem apenas, mostrem como se faz (dar o exemplo);
- estabeleçam regras claras e consistentes assim como as consequências resultantes da quebra desses limites;

- organizem o tempo para que tenham disponibilidade, para a partilha de afeto e diálogo para com os filhos, desde os primeiros tempos de vida e ao longo do desenvolvimento; assim poderão conhecê-los em profundidade e compreender as suas necessidades, capacidades e fragilidades;
- protejam e estimulem o adolescente, de forma adequada às suas características e idade;
- estimulem o adolescente a pensar e falar do que sentem, em vez de os incentivar a descarregar a sua irritação e o seu mal-estar através da externalização de comportamentos menos ajustados às normas;
- valorizem o bom comportamento e os esforços do adolescente para melhorar;
- controlem e supervisionem o adolescente: saber onde ele está, com quem está e a fazer o quê;
- cheguem a um acordo com o companheiro/a quanto à forma de educar o adolescente e quanto às regras a serem estabelecidas;
- os educandos devem manter-se em contacto com a escola, para que possa existir um trabalho multidisciplinar e se conseguir melhorar o desenvolvimento e a integração do adolescente.

As intervenções devem integrar saberes de várias disciplinas e um trabalho multidisciplinar de modo a potenciar empatia e o desenvolvimento saudável entre pares, e, para que tal se suceda é útil existir o “colocar em prática” os seguintes objetivos de uma possível intervenção:

- fornecer pistas para a compreensão dos comportamentos de indisciplina, da desobediência, das “birras” e de outros problemas de comportamento nas crianças/ adolescentes com diagnóstico de Perturbação do Comportamento;
- proporcionar algumas noções decorrentes das práticas parentais positivas na promoção de comportamentos adequados no adolescente/ adolescente;
- demonstrar que a prevenção dos problemas de comportamento com base em algumas estratégias comportamentais, é um aspeto muito importante no que toca à atuação parental em situações de Perturbação do Comportamento;

- acentuar que as manifestações comportamentais do adolescente assumem determinados contornos, associados com as práticas educativas familiares e parentais.
- promover nos Pais a autonomia e autocontrolo nas suas atitudes educativas, justamente pelo reconhecimento do seu valor e singularidade no conhecimento que têm do seu filho e da sua própria situação familiar, incrementando assim o seu papel enquanto promotores de resolução de problemas.
- organizar e sistematizar um conjunto de princípios, orientações e estratégias, relativamente à definição e resolução de situações problemáticas.

Em suma, não se pretendem criar novas metodologias de intervenção, mas sim, compreender e interpretar as estratégias já definidas e estudadas pelos modelos comportamentais e cognitivos existentes, sob uma perspetiva psicoeducacional e desenvolvimentista. Num contexto comunitário, consiste “em identificar, facilitar ou criar contextos em que as pessoas isoladas ou silenciadas possam ser compreendidas, ter uma voz e influência sobre as decisões que lhes dizem diretamente respeito ou que, de algum modo, afetam as suas vidas”. (Rappaport, 1992 citado por Ornelas, 2008, p. 47).

4. Projeto de Intervenção

É na população adolescente que se deve intervir, por excelência, em termos educativos, sociais, psicológicos, desportivos para a promoção de saúde, com o intuito de não afetar a sua vida como adultos. Dada a heterogeneidade da população adolescente, é importante ter em conta as especificidades das potencialidades, dos estilos e hábitos de vida, do contexto cultural e social, etc. Os jovens podem e devem participar, juntamente com as suas famílias e pares, nas decisões e ações respeitantes à mudança e promoção de hábitos, de comportamentos de saúde e à qualidade de vida. De acordo com a abordagem de Bandura (1977, 1986) da aprendizagem social, a modelagem entre pares também pode ser um mecanismo pelo qual os jovens aprendem atitudes morais e comportamentos.

Erikson defende que a energia ativadora do comportamento é de natureza psicossocial, integrando não apenas fatores pulsionais biológicos e inatos, como a libido, mas também fatores sociais, aprendidos em contextos histórico-culturais específicos. Como tal, é de extrema importância a intervenção a nível comunitário, visto que se existir uma intervenção precoce junto de familiares e da sociedade será de uma maior eficácia a intervenção junto de um adolescente. Seria bastante pertinente a prevenção primária, dado que está direcionada para a estruturação de programas orientados para níveis ou dimensões sociais múltiplos, abrangendo diferentes grupos sociais, pessoas em etapas diferenciadas do seu desenvolvimento e que desempenham uma variedade de papéis sociais, o que poderia em muito ser o passo primordial a ser calculado para a obtenção de um bom desenvolvimento da população a nível social, bem como a nível individual, procurando atingir uma maior autonomia.

Segundo Ornelas, (2008, p.38) a psicologia comunitária surge em meados da década de 60, inspirada pelos movimentos sociais emergentes e no decurso de um período de grandes transformações, na sociedade em geral e na área da saúde mental em particular. Esta é uma disciplina filosófica e orientada por valores e que assenta num conjunto de valores que influenciam a definição dos problemas, determina as questões de interesse e orienta a escolha dos objetivos e metodologias dos seus programas de intervenção e trabalhos de investigação. Para o desenvolver deste trabalho, é bastante importante focar a perspetiva de empowerment, num contexto comunitário, que consiste

“em identificar, facilitar ou criar contextos em que as pessoas isoladas ou silenciadas possam ser compreendidas, ter uma voz e influência sobre as decisões que lhes dizem diretamente respeito ou que, de algum modo, afetam as suas vidas”. (Rappaport, 1992, citado por Ornelas, 2008 p. 47).

Pode considerar-se que o Empowerment é visto como um ganho pessoal, e é este ponto de vista que é pretendido ser conquistado e “saboreado” pelos adolescentes com Perturba diagnosticada aquando a idealização do projeto “DIALOGAR”, como tal Wallerstein (1992) defende a ideia de empowerment como um processo de ação social que promove a participação das pessoas, com o objetivo de ação social que promove a participação das pessoas, com o objetivo de aumentar o controlo individual e de comunidade, a sua eficácia política e melhorar a qualidade de vida. (Wallerstein, 1992, citado por Ornelas, 2008, p. 47).

Para que o adolescente tenha um percurso saudável e normativo, deverá possuir fatores protetores que o inibam das práticas anti-sociais que englobam o conceito de Perturbação de Comportamento. Assim, um ambiente social e familiar funcional, onde se privilegiem as boas relações afetivas e as normas positivas, bem como a promoção do convívio entre grupos de pares normativos e a envolvência e participação pró-social na escola e na restante comunidade envolvente são fatores que afastam o adolescente do mundo considerado “desviante”. A nível individual é fundamental que o adolescente possua competências sociais e relacionais positivas. Sendo os parâmetros acima referidos de extrema importância, percebe-se que, para que estes ocorram, se deve exercer a prevenção em muitos casos relacionados com a P.C., iniciando com a prevenção primária e posteriormente a prevenção secundária, daí que pode vir a nascer um projeto que de seguida será desenvolvido. Por esta razão, é fundamental que exista um apoio regular às famílias e que estas sejam ajudadas a agir de forma a potenciar o desenvolvimento emocional ajustado no adolescente, bem como desenvolver, nos adolescentes, um acompanhamento, desenvolvendo um forte sentimento de pertença à comunidade, conduzindo-os a cuidar da mesma e a adquirir comportamentos revestidos de um forte carácter cívico. Para além da concretização prática destes objetivos, é premente ter em conta as necessidades sentidas pelos adolescentes com quem estamos a fazer intervenção, devendo a equipa técnica conciliar estas necessidades com os objetivos estabelecidos.

Neste contexto, pode-se catalogar as necessidades dos adolescentes, segundo a pirâmide das necessidades de Maslow, com a ressalva de que as mesmas podem alterar-se com o decorrer da intervenção, dado que cada adolescente revela necessidades diferentes, em tempos diferentes: heterogeneidade social. Ou seja, se a adolescência corresponde a uma fase da vida que pode ser limitada em termos etários, deve também salientar-se que esses mesmos limites são eminentemente sociais. Neste sentido, mais do que um grupo etário, a juventude é, pois, um fenómeno social de múltiplas dimensões; é uma etapa de transição entre a dependência e a autonomia, que implica três percursos interrelacionados e interdependentes. Portanto, a Pirâmide de Maslow transmite a hierarquia de necessidades que foi introduzida por Abraham Maslow e se refere a uma pirâmide que representa uma divisão hierárquica a respeito das necessidades humanas. Na base da pirâmide estão as necessidades de nível mais básico, sendo que, apenas quando satisfeitas, se sobe em direção às hierarquias mais altas para atingir a autorrealização, que é o nível mais alto.

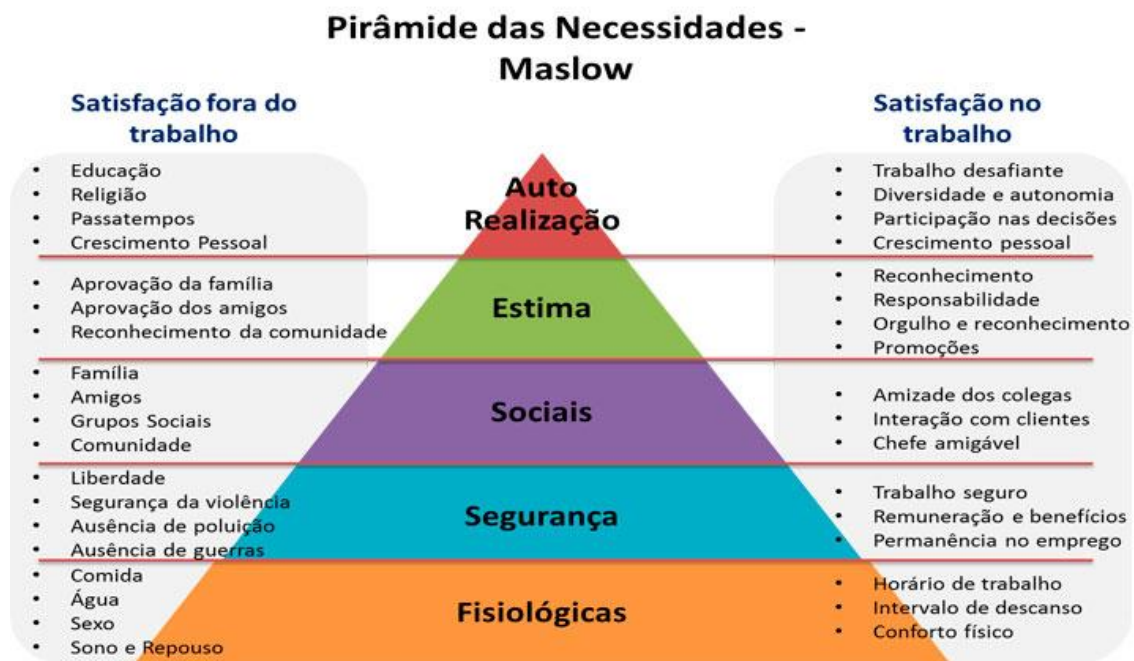


Imagem1: Pirâmide das Necessidades de Maslow. Adaptado de Robbins (2002). de Robbins, (2002).

De acordo com o que pretendido a ser desenvolvido na dissertação nomeadamente, minorar as consequências das manifestações da P.C. na adolescência, são de privilegiar as questões relacionadas com a gestão do risco e da inclusão social, bem como a prevenção primária visando prevenir o problema alvo, promover a saúde e o bem-estar do indivíduo, desenvolver competências nos indivíduos, prevenir a adaptação dos mesmos ao seu meio ambiente. Prevenção Primária e posteriormente secundária, sendo que esta engloba um conjunto de estratégias que se caracterizam pela identificação e intervenção precoce junto de indivíduos que manifestam sinais iniciais de disfunção. Impedir perturbações no problema alvo visa diminuir a prevalência do mesmo, procurando impedir a progressão do “problema” uma vez iniciado.

As necessidades básicas devem ser enquadradas com as políticas sociais (política fundamentada para “o bem estar do cidadão”). É importante participar nos programas de ação pública, nas decisões políticas, para que assim se consiga encontrar respostas para as seguintes questões: qual a origem dos problemas, quais as decisões que devem tomar como solução de um dado problema e por fim ter em atenção à formulação das soluções e posteriormente às condições para uma implementação de sucesso das mesmas. Estas configuram assim um processo complexo, multidimensional, que se desenvolve em múltiplos níveis de ação e de decisão, tais como o local, o regional, o nacional e o transnacional, tendo como foco minorar as consequências das manifestações da P.C. na adolescência.

O foco central passará pelo trabalho da inclusão, visto que a intervenção se direciona para uma população alvo específica que se torna excluída da sociedade por ter comportamentos que não correspondem à norma. Paralelamente, devem ser canalizados esforços para gerir todos os riscos inerentes, daí se partir inicialmente por uma prevenção a nível primário em que se pretende prevenir o problema alvo, promover a saúde e o bem-estar do indivíduo, servindo de apoio a nível do desenvolvimento de competências, bem como prevenir a exclusão social e só posteriormente a nível secundário, que passa por englobar um conjunto de estratégias que se caracterizam pela identificação e intervenção precoce junto de indivíduos que manifestam sinais iniciais de disfunção, passa também por impedir perturbações no problema alvo, diminuindo a sua prevalência, procurando impedir a progressão do “problema” uma vez iniciada. Existe, portanto, a consciência de que nos referimos a adolescentes que assumiram comportamentos que não são apoiados

como corretos pela sociedade, aliás estes vão contra aos comportamentos aceites pela sociedade, enquanto conjunto normativo de direitos sociais. Por estas razões, é fundamental que exista um apoio regular às famílias e que sejam auxiliadas a agir de forma a potenciar o desenvolvimento emocional ajustado no adolescente. Através deste modelo de intervenção comunitária, pretende-se conseguir identificar resultados concretos da aplicação da filosofia de empowerment (facultar poder à população, para que esta melhore), nomeadamente um maior controlo, aquisição de autonomia e responsabilidade das pessoas sobre as suas próprias vidas, o aumento da participação nos processos de decisão, maior participação social tanto organizacional, como no suporte aos pares e uma maior procura dos serviços prestados pelos profissionais, pelo que se pode concluir que, com estes aumentos, existe conseqüentemente um desenvolvimento da consciência crítica, do crescimento pessoal e do recovery. No que diz respeito à intervenção a nível da Política Social, é de referenciar então os objetivos que conduzem à concretização desta política, inicia-se com: a redistribuição de recursos, onde se privilegia a tentativa de garantir a equidade e a eficiência; já a gestão de riscos sociais, é responsável pela gestão dos efeitos negativos de medidas implementadas; por fim a promoção da inclusão social, trata da concretização plena dos direitos sociais, sendo que o direito a ser e a sentir-se integrado na sociedade em que vive é o que se destaca neste contexto. (Castro, 2013). De acordo com o referido até ao momento, pode-se concluir que, quando abordamos o tema da intervenção com adolescentes, deve ter-se em consideração toda a caracterização de uma intervenção, focando como fatores importantes para um bom e sustentável desenvolvimento da mesma: o estabelecimento de normas sociais, culturais e habitacionais, em que o adolescente cresceu e foi sociabilizado. Sabe-se que um adolescente é um ser único e como tal pertence a um determinado território, que poderá influenciar na construção da sua identidade, desenvolve e tem cultura próprias em que os princípios foram apreendidos pela via da socialização familiar e dos pares.

O desenvolvimento do projeto pauta-se também pela projeção do objetivo Geral, salientando a importância de dialogar e aferir quais as estratégias de intervenção que podem auxiliar o adolescente a minorar as manifestações da Perturbação de Comportamento. Já como Objetivos Específicos em concreto serão focadas: as características da Perturbação do Comportamento; Prevenir os comportamentos dos

adolescentes; apostar na ressocialização e reinserção social na comunidade ; Atenuar o impacto negativo que os comportamentos adolescentes com P.C. diagnosticada provocam na comunidade, apostando em atividades que aproximem os adolescentes dos “outros” residentes, conseguindo a conquista da confiança e proximidade; Proporcionar aos adolescentes a oportunidade de terem apoio psicossocial regular que os conduza à resolução positiva das situações/problema; Criar grupos de debate, workshops relativos a temas escolhidos pela equipa técnica e pelos adolescentes, de forma a se desenvolver o raciocínio crítico e estruturado sobre os mesmos, demonstrando que também têm uma opinião e é útil; Desenvolver proximidade com as famílias dos adolescentes a usufruírem do projeto, no sentido de conhecer as suas práticas diárias e o projeto de prevenção a ser realizado dinâmica das relações, de modo a atenuar os fatores de risco que advém do seio familiar; Desenvolver nos adolescentes em acompanhamento um forte sentimento de pertença à comunidade, conduzindo-os a cuidar da mesma e a adquirir comportamentos revestidos de um forte carácter cívico. Embora seja de realçar todos os outros enfoques que se desenvolvem ao longo do trabalho.

Delinear este projeto surge pela consciência do crescimento do fenómeno da Perturbação do Comportamento e da necessidade premente de se atuar sobre esta realidade, com vista à sua redução. É urgente perceber o porquê do surgimento destes comportamentos e tratar as causas detetadas, pela via da intervenção comunitária integrada e multidisciplinar. Para se produzir mudança nos problemas sociais é preciso empreender novas políticas sociais, envolvendo todos os segmentos da sociedade em questão. Apoios entre os quais salientamos o Modelo de Funcionamento Comunitário; a interligação entre a prevenção primária e a secundária e por fim a delineação das estratégias de Intervenção. Também existe a preocupação em optar por um tipo de intervenção mais orientada, para a relação de suporte, que facilite a satisfação das necessidades psicológicas de autonomia, competência e pertença, uma vez que esta satisfação é apontada pela teoria da autodeterminação como fundamental para a promoção da internalização dos valores. Tendo em conta que a promoção de autonomia deve incluir os seguintes elementos: a compreensão da perspetiva do adolescente, apoio incondicional, apoio às suas escolhas e minimização do controlo. No contexto psicoterapêutico, o processo de promoção de autonomia deve incluir todos esses elementos, mas deve começar pela compreensão e validação das referências internas do

adolescente. No que respeita à promoção da competência, o terapeuta deve dar feedbacks eficazes e providenciar uma estrutura para atividades dentro do processo terapêutico que seja coerente para o adolescente (por exemplo, “os trabalhos de casa” - registos diários, estabelecimento de objetivos terapêuticos em conjunto). A promoção de pertença deve basear-se no envolvimento genuíno por parte do terapeuta. Relativamente à intervenção em grupo, e para além dos princípios atrás enunciados (promoção do foco no comportamento em detrimento do self, da internalização dos valores e da satisfação das necessidades básicas), será importante formar grupos heterogêneos, onde existam adolescentes com comportamentos regulados por fatores menos e mais internalizados. A partir de uma dinâmica de investigação colaborativa, conseguem identificar-se resultados concretos da aplicação da filosofia de empowerment, nomeadamente um maior controlo e responsabilidade das pessoas sobre as suas próprias vidas, o aumento da participação nos processos de decisão, em termos organizacionais, o desempenho de papéis relevantes no suporte aos pares e na consultoria aos serviços prestados por profissionais, bem como uma maior participação social, pelo que podemos concluir que uma maior participação e controlo gera um aumento da consciência crítica, crescimento pessoal e recovery. Segundo (Ornelas, 2008, pp. 99-100), o modelo de Funcionamento Comunitário tem como principal objetivo facilitar o aumento das ligações sociais e os níveis de funcionamento na comunidade. Deste modo, este modelo considerou prioritária a prestação dos serviços da comunidade, passando os profissionais hospitalares a focalizar a sua atividade no ensino de competências no contexto comunitário.

Pelas diversas razões focadas ao longo do desenvolvimento de todo o projeto, é fundamental pensar na existência de um apoio regular às famílias e que estas sejam ajudadas a agir de forma a potenciar o desenvolvimento emocional ajustado no adolescente, percebe-se que isso acontece através de:

Prevenir os comportamentos de perturbação do comportamento em adolescentes e apostar na ressocialização e reinserção social na comunidade, procura-se atenuar o impacto negativo que os comportamentos P. C. provocam na comunidade, apostando em atividades que aproximem os adolescentes dos “outros” residentes, conseguindo a conquista da confiança e proximidade; proporcionar aos adolescentes a oportunidade de terem apoio psicossocial regular que os conduza à resolução positiva das situações/problema; criar grupos de debate, workshops relativos a temas escolhidos pela

equipa técnica e pelos adolescentes, de forma a se desenvolver o raciocínio crítico e estruturado sobre os mesmos, demonstrando que também têm uma opinião e são úteis para a sociedade, desenvolver uma maior proximidade com as famílias dos adolescentes a usufruírem do projeto, no sentido de conhecer as suas práticas diárias e o projeto de prevenção a ser realizado; dinâmica das relações, de modo a atenuar os fatores de risco que advém do seio familiar; desenvolver nos adolescentes a serem acompanhados um forte sentimento de pertença à comunidade, conduzindo-os a cuidar da mesma e a adquirir comportamentos revestidos de um forte carácter cívico. Deve existir uma preocupação em optar por um tipo de intervenção mais orientada, para a relação de suporte, que facilite a satisfação das necessidades psicológicas de autonomia, competência e pertença, uma vez que esta satisfação é apontada pela teoria da autodeterminação como fundamental para a promoção da internalização dos valores. A promoção de autonomia deve incluir os seguintes elementos: a compreensão da perspectiva do adolescente, apoio incondicional, apoio às suas escolhas e minimização do controlo. No contexto psicoterapêutico, o processo de promoção de autonomia deve incluir todos esses elementos, mas deve começar pela compreensão e validação das referências internas do adolescente. No que respeita à promoção da competência, o terapeuta em trabalho multidisciplinar deve dar feedbacks eficazes e providenciar uma estrutura para atividades dentro do processo terapêutico que seja coerente para o adolescente - estabelecimento de objetivos terapêuticos em conjunto. Relativamente à intervenção em grupo, e para além dos princípios já atrás enunciados (promoção do foco no comportamento em detrimento do self, da internalização dos valores e da satisfação das necessidades básicas), será importante a elaboração de um trabalho multidisciplinar, bem como a formação de grupos heterogêneos, onde existem adolescentes com comportamentos regulados. Pelas razões mencionadas considera-se que o Focus Group é o modelo comunitário que nos proporciona uma melhor validação da qualidade dos serviços segundo o paradigma comunitário, e é o que cumpre de uma forma mais eficaz com o pretendido e é o que consegue cumprir com os três critérios essenciais: os processos e resultados de empowerment; os níveis de participação individual, organizacional e comunitária; a acessibilidade aos serviços e recursos comunitários naturais. Muitos são os desafios que se nos colocam para se dar continuidade à implementação de serviços e suportes no contexto comunitário que facilitem o empowerment e a emergência da liderança das

pessoas com experiência a nível da P. C., que promovam um maior sentido de esperança para as famílias e o sentimento de que os profissionais estão a desempenhar um papel relevante no progresso e modernização da prevenção ligada à diminuição das manifestações da Perturbação do Comportamento.

É pretendida a aplicação do Focus Group relacionado com a diminuição das manifestações da Perturbação do Comportamento nos adolescentes, prendendo-se então: Focus Group das famílias: em que o 1º parâmetro se prende com o Envolvimento e Participação das Famílias: prever a participação das famílias no desenvolvimento e avaliação dos serviços e organizações relativos à P.C.; implementar as orientações e os mecanismos de participação das famílias na definição de políticas da P.C. (ex.: conselhos regionais e locais, entre outros). O segundo está ligado à Prevenção para: a realização de ações de informação e combate ao estigma da perturbação do comportamento nas escolas e na comunidade local; a informação sobre adolescentes com P.C. diagnosticada e recursos existentes disponibilizada em locais públicos; uma maior articulação entre as escolas, os centros de saúde e as famílias, no sentido de possibilitar a deteção dos problemas de P. C. e assim poder proceder-se a uma intervenção precoce. Já o terceiro relaciona-se com Serviços de Suporte na Comunidade: fortalecimento do apoio à criação e funcionamento de organizações comunitárias que apoiam os adolescentes, ao nível da integração escolar, social e de lazer; desenvolvimento de um sistema/rede de organizações comunitárias de suporte a nível nacional que possibilite às pessoas como os adolescentes diagnosticados com P.C., uma integração plena na comunidade. O quarto parâmetro foca a Intervenção dos Serviços de Saúde: Generalização das consultas de Psicologia em todos os centros de saúde; Disponibilização de mais informação e apoio às famílias nos centros de saúde; Existência de uma linha de ajuda SOS especializada que promova o contacto dos familiares ou os próprios delinquentes aquando da decisão da “passagem ao ato”. Já o quinto está ligado ao Suporte Habitacional, e o sexto item vai de encontro com a Integração no Mercado de Trabalho, são parâmetros que não afetam a faixa etária da população alvo específica e então não vão ser tão explorados. O sétimo parâmetro Grupos de Ajuda Mútua de Famílias: apoiar a constituição de grupos de ajuda mútua; promover ações de formação de familiares sobre a ajuda mútua. O oitavo item relaciona-se com a Informação/Formação: proporcionar informação/formação às famílias sobre a delinquência e os fatores adjacentes; desenvolver mecanismos de divulgação de

informação sobre recursos e serviços de suporte. Já o nono relativiza-se com o Apoio Jurídico: desenvolver recursos/serviços de apoio jurídico para o público alvo e os seus familiares. Por fim décimo item está ligado aos Rendimentos: combater a discriminação dos adolescentes com P.C. diagnosticada, estabelecendo acesso a seguros e outros benefícios sociais; promover o empreendedorismo destes, como facultar fundos para tal.

É necessário o auxílio de várias instituições, estas serem uma fonte de informação importante para a designação geográfica, étnica, cultural e por vezes pessoal do meio, conhecendo histórias e vivências da população alvo a ser trabalhada. Podem ser envolvidas instituições consideradas como as maiores potenciadoras a nível de mobilizar esforços na aquisição de um espaço e de material, necessário para o mesmo, instituições como a Câmara Municipal, Juntas de Freguesia e Centros de Saúde, mas não se deve desvalorizar as escolas sejam elas consideradas de risco ou não, associações como a de pais, de estudantes das diversas escolas, Confederação Nacional de Associações de Família (CNAF), entre outras que entretanto se verifiquem que sejam pertinentes, são importantes para o desenvolvimento do projeto. E para complementar a delineação do projeto, é de enfatizar a preparação de uma equipa multidisciplinar onde o campo de atuação seja o mais diversificado possível. (Adaptado de Ornelas, pp. 99-100, 2008)

Em suma e concordando com (Sampaio e Gameiro, 1985, pp.11-12 citado por Xavier, 2011/2012). A família define-se como “um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior, que mantém o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados”. É, primordialmente, no seio familiar que os adolescentes constroem a sua identidade e desenvolvem a sua personalidade através de diversas vivências e aprendizagens.

PARTE II - PARTE EMPÍRICA

5. Metodologia de Investigação

5.1. Contextualização

Foi ao longo da licenciatura em Psicopedagogia Clínica que nos foi despoletada a curiosidade pela Perturbação de Comportamento, e este gosto foi ainda mais alimentado no meu primeiro ano de Mestrado em Intervenção Comunitária. Com o decorrer do ano letivo em questão, apercebemo-nos que vivíamos numa sociedade em que a P.C. é bastante frequente que esta se evidencia ainda mais com o desenvolvimento da adolescência. Com base nos critérios de diagnóstico definidos na DSM-5 “A perturbação do comportamento pode ser um padrão repetitivos e persistente de comportamento no qual são violados os direitos básicos dos outros ou as principais normas sociais correspondentes à idade.” (APA, 2014, p. 563).

Relativamente ao propósito de estudo, é de salientar a importância em entender quais são as características apontadas para se efetuar um diagnóstico de Perturbação do Comportamento e que estratégias de intervenção podem auxiliar na diminuição das manifestações da Perturbação do Comportamento no adolescente.

5.2. Metodologia

Pretendemos, agora, apresentar e justificar as nossas opções metodológicas através da explicitação dos objetivos, descrição da amostra, instrumentos e procedimentos utilizados, *tendo* como objetivo principal produzir novos conhecimentos e/ou corroborar ou refutar algum conhecimento já existente.

Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, os desvios e as incertezas que isto implica (...) o investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um fio condutor tão claro quanto possível, de forma que o seu trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência. (Quivy & Campenhoudt, 2008 p.27).

Através da metodologia é possível selecionar técnicas de pesquisa adequadas ao trabalho a realizar, e permite o controlo da atualização (das técnicas) e a integração dos resultados obtidos. As técnicas são selecionadas em função do método, podendo ser consideradas como um conjunto de processos operativos ou operações simples acionadas nas práticas de pesquisa. A investigação consiste num processo sistemático de construção do conhecimento, tendo como objetivo principal produzir novos conhecimentos e/ou corroborar ou refutar algum conhecimento já existente. A metodologia utilizada nesta investigação é qualitativa e consideramos que o estudo de casos múltiplos é o que vai de encontro à investigação decorrente. Esta realiza-se no sentido de compreender melhor as características, as diferenças e semelhanças e a variedade de fatores contextuais envolvidos de um determinado conjunto de casos, que facilitará com certeza, a compreensão e a teorização de uma determinada problemática. É de considerar que a realização do estudo de caso é importante para detalhar “uma determinada situação ou contexto, em contraste aos estudos empíricos estatísticos” (Ferreira & Serra, 2009, p.13).

Na investigação qualitativa existem diferentes técnicas de recolha de análise dos dados para uma pesquisa qualitativa. A técnica de recolha e análise de dados a ser aplicada é a análise de conteúdo. Existindo também a realização de duas entrevistas exploratórias e de três Grupos Focais a ser aplicados, de maneira que, através do grupo focal pretendemos perceber a configuração que os adolescentes mostram relativamente a

expressões faciais, manifestação de emoções, a diálogo, como estes se explicam e conseguem transmitir a informação ao ouvinte. A idealização é obter a realização de três reuniões, uma com adolescentes do sétimo ano de escolaridade, outra com adolescentes do nono ano de escolaridade, de modo a conseguir entender qual o seu autoconceito, quais os seus sentimentos perante determinadas atitudes, que os podem levar a ultrapassar os “seus limites”, o porquê de utilizarem comportamentos fora da norma para resolverem os seus problemas. Posteriormente é realizado o grupo focal dos profissionais de modo a se perceber, os profissionais de educação têm formação no âmbito da Perturbação do Comportamento, se aplicam estratégias de modo a colmatar as manifestações desta perturbação no adolescente, o que entendem por P.C., é intencional também se obter o maior proveito da informação partilhada pelos profissionais e que irão ser convocados para esta dinâmica (Psicólogo Clínico, duas Diretora(s) de turma e uma Educador Social).

Múltiplas são as opções de avaliação do comportamento humano, nomeadamente, a perturbação de comportamento, que passa pelos métodos quantitativos e pelos métodos qualitativos. “A investigação quantitativa tem sido muito usada na área da educação, contudo com limitações e com resultados, por vezes, inconclusivos...” (Fernandes, 1991 citado por Almeida & Freire, 2007). Por sua vez, a investigação qualitativa a ser utilizada para este estudo, consegue aprofundar variáveis e perceções singulares, que uma análise estatística não consegue. De acordo com Quivy & Campenhoudt, (2008), a investigação qualitativa utiliza normalmente pequenas amostras e explora-as em profundidade, uma vez que a amostra deste estudo é constituída por nove participantes do Grupo Focal do 9º ano de escolaridade, 8 participantes do Grupo Focal do 7º ano de escolaridade e quatro participantes no Grupo Focal das Profissionais de Educação, Psicólogo Clínico e Educadora Social. A metodologia de estudo de casos será a mais pertinente e rentável para aprofundar respostas respeitantes ao que foi revisto na literatura sobre a Perturbação do Comportamento. Yin (2001) considera o estudo de caso como uma estratégia de pesquisa de um “fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos”. O estudo de caso é considerado como uma estratégia de pesquisa de um “(...) fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos (...)” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.32).

De acordo com Silva (2013), a metodologia qualitativa de investigação possui um conjunto de estratégias e métodos de investigação que apresentam características similares entre si, baseadas em perspectivas naturalistas, etnográficas e etogenéticas. Proporcionando, assim, um modo interativo de recolha e análise dos dados e o recurso a variadas fontes através de uma combinação de métodos que procuram conseguir a dimensão subjetiva dos fenómenos sociais. O traço mais marcante desta metodologia pode ser considerado o facto de que as questões a investigar não são definidas a partir de variáveis ou de hipóteses previamente formuladas, mas segundo objetivos de exploração, descrição e compreensão de fenómenos na sua totalidade e complexidade, beneficiando um contato mais próximo da realidade para com os sujeitos no seu meio natural.

Esta inspira-se nos pressupostos do paradigma construtivista que, no plano ontológico, assume que a realidade não existe fora da consciência do sujeito, tratando-se de uma construção social embebida de significado. No plano epistemológico, estas metodologias consideram que o conhecimento é construído intersubjectivamente através de uma interacção estreita entre o sujeito cognoscente e o objecto. No plano metodológico, a interpretação da realidade passa pela consideração e captação dos significados atribuídos pelos actores sociais aos diferentes aspectos da sua interacção. (Guba & Lincoln. 1994, pp.105-117 citados por Silva, 2013).

O objetivo desta metodologia consiste no facto de descrever e compreender o comportamento humano na sua complexidade, passando por se explicar a forma como se constroem os significados atribuídos ao que é social. Procura-se, portanto, proporcionar uma interpretação da realidade considerada como múltipla e dinâmica, residindo o interesse na interpretação de processos sociais com recurso a uma análise reflexiva e crítica das narrativas obtidas. As características desta metodologia passam por abordar processos socioculturais onde as interações sociais constituem o objeto predominante e em que os sujeitos se assumem como personagens do saber.

A investigação qualitativa é encarada como uma incursão ao mundo da subjetividade, porquanto reconhece e valoriza as significações sociais elaboradas pelos atores, através dos quais são captadas as experiências, idealizações e representações da realidade. Demarcando-se da conceção positivista de ciência, a investigação qualitativa valoriza a função do

contexto social na compreensão da realidade bem como o papel dos sujeitos na produção de sentido. (Silva, 2013, p.14).

A análise de conteúdo tem a sua origem no final do século XX, mas as suas características, bem como as suas diferentes abordagens têm sido desenvolvidas ao longo dos últimos cinquenta anos, (Moraes, 1999). A análise do conteúdo é caracterizada como o desvendar crítico e definida como um método empírico. Segundo Bardin (2011, p.15), a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Portanto, a Análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que visa uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa.

De seguida, iremos estudar a análise dos dados obtidos, realizar a discussão dos mesmos, pretendendo compreender quais as melhores estratégias a serem implementadas para que se possa auxiliar o adolescente na diminuição da perturbação em questão.

5.3. Questões de Investigação

A Questão de Investigação é o primeiro e vital passo do processo de investigação. Para Lewis & Pamela (1987) uma questão de investigação é aquela que explicita precisamente a área de investigação. Para salientar, consideramos que as questões de investigação contínua “metade do trabalho” de um cientista. Um cientista é aquele que sabe formular questões interessantes e profundas sobre sua área de trabalho e estabelecer relações com outras áreas e com o mundo. Esta é a razão de ser do estudo, o que orienta o grupo de investigação e o que motiva o esforço e investimento. Embora possam existir muitas razões para um estudo ser realizado, é a força da questão de investigação que será o seu motor e um fator crítico para um estudo reconhecido como um bom estudo. As questões de investigação são consideradas por Souza & Souza (2011, p.1), como “os guias que orientam o tipo de informação necessária, como a recolha de informação deve ser feita e define a abrangência do corpus de dados para a resolução de um problema.” Estas questões são também fundamentais na análise da informação recolhida ou construída e ajudam o investigador a não se perder com os temas “secundários”, mantendo assim o rumo/foco para nas conclusões e possíveis respostas. Uma boa questão de investigação deve ser exequível. Um bom estudo acrescenta ou reformula o que já é conhecido, tendo em conta que muitas vezes as questões éticas não são claras ou consensuais. Uma percepção do entendimento ético das instituições, da comunidade e dos participantes é fundamental para que um estudo não seja comprometido.

Uma questão de investigação deverá ser i) importante, ii) específica e iii) sem resposta evidente ou rotineira. A verdade é que as questões de investigação são algo dinâmico e que geralmente são modificadas ou ajustadas após a construção, a recolha ou análise dos dados. (Souza & Souza, 2011, p.1).

A questão de investigação é considerada como uma incerteza sobre qualquer coisa na população, que o investigador se propõe a resolver. O principal problema levantado para esta investigação é:

- Que estratégias de intervenção podem ser utilizadas para minorar as consequências da Perturbação de Comportamento num Adolescente?

De seguida são apresentadas as questões de investigação complementares:

- Os professores/pais utilizam estratégias de intervenção junto dos adolescentes com Perturbação de Comportamento?
- Os professores/ pais têm formação no âmbito da Perturbação de Comportamento?
- Os professores/ pais aplicam as estratégias de intervenção com o objetivo de minorar as consequências da Perturbação do Comportamento no adolescente?
- Quais as estratégias de intervenção que são utilizadas para minorar as consequências da Perturbação do Comportamento num adolescente?

5.4. Objetivos

Segundo Fonseca et al. (2008), os objetivos são considerados a operacionalização da pergunta de investigação, tendo estes que ser claros, precisos e definidos na fase inicial do projeto, pois constituem o eixo a partir do qual se desenvolve o desenho de estudo. Os objetivos de investigação são a declaração daquilo que os autores pretendem descobrir com o trabalho, para os quais poderão ser encontradas respostas específicas. Os objetivos de investigação devem incluir o eixo do desenho de estudo, a sua definição deve ser precisa e sem ambiguidades; serem suscetíveis de investigação específica, serem realistas e operativos, e devem incluir a principal pergunta a que se deseja responder. (Fonseca et al., 2008, p.41). Estes constituem a finalidade de um trabalho científico, ou seja, a meta que se pretende atingir com a elaboração da pesquisa. São estes que indicam o que o investigador realmente deseja concretizar, auxiliam o mesmo na investigação, bem como nas decisões a tomar relativamente aos aspetos metodológicos da pesquisa.

Podemos distinguir dois tipos de objetivos num trabalho científico: o objetivo geral e os objetivos específicos. Os objetivos gerais são tratados com um sentido mais amplo e constituem a ação que levará ao tratamento da questão abordada no problema de pesquisa, referindo-se ao objeto de uma forma mais direta. Este define o que o investigador pretende atingir com o estudo. Já os objetivos específicos apresentam, de uma forma mais pormenorizada, detalhada, as ações que se pretendem realizar e estabelecem estreita relação com as particularidades relativas à problemática a trabalhar. Conseguem definir etapas do trabalho a serem realizadas para que se atinja o objetivo geral.

O desenvolvimento do estudo irá orientar-se de acordo com os seguintes objetivos:

Objetivo geral

- Aferir quais as estratégias de intervenção que podem auxiliar na diminuição das consequências da Perturbação de Comportamento de um Adolescente.

Objetivos específicos

- Descrever os sintomas da Perturbação de Comportamento de um adolescente.
- Compreender quais as estratégias de intervenção utilizadas para minorar as consequências da Perturbação do Comportamento num adolescente.
- Entender se os professores/pais utilizam estratégias de intervenção junto dos adolescentes com Perturbação de Comportamento.
- Perceber se os professores/ pais têm formação no âmbito da Perturbação de Comportamento
- Entender que estratégias de intervenção são utilizadas pelos pais/professores, de modo a minorarem as consequências da Perturbação do Comportamento no adolescente.

Todos estes objetivos podem ter uma resposta através do estudo aprofundado da Perturbação do Comportamento, da recolha de dados da entrevista exploratória e da análise de dados obtidos dos Grupos Focais. Neste projeto de investigação optou-se por restringir a investigação aos adolescentes de uma escola secundária, porque os estudos realizados sobre a temática indicam que é nesta faixa etária que se desenvolvem mais problemas relacionados com a Perturbação de Comportamento.

5.5. Caracterização da amostra

O estudo empírico foi realizado numa escola situado no concelho de Paredes. Atualmente, podemos verificar que é um concelho em fraco desenvolvimento. O concelho de Paredes encontra-se administrativamente integrado no Distrito do Porto, região do Litoral Norte. A escola enquadra-se numa zona que é considerada problemática, um pouco afastada do centro do concelho, onde existem situações de risco para os alunos ou comunidade escolar. A escola em estudo é uma escola secundária com 3º ciclo do Ensino Básico. Esta conta com cerca de 3000 alunos um número alargado de professores e cerca de 50 funcionários. Esta oferece os cursos: científico-humanísticos, tecnológicos e profissionais. Entende-se que esta escola possui bons recursos humanos, físicos e materiais para o seu bom desempenho a todos os níveis. A amostra do nosso estudo pertence à escola anteriormente referida e é constituída por dezassete alunos, duas professoras, que exercem o cargo de diretores de turma, um psicólogo clínico e uma Educadora Social. Sendo que 8 alunos pertencem ao Grupo Focal do 7º ano de escolaridade, 9 alunos ao Grupo Focal do 9º ano de escolaridade e os profissionais referidos ao grupo focal dos profissionais de Educação. Este último foi realizado por considerarmos importante para o estudo a diversificação de opiniões. Na totalidade contamos com uma amostra de 23 participantes.

A acessibilidade para esta amostra teve por base a área de intervenção comunitária, o tema a ser abordado, bem como a receptividade para a realização do estudo por parte do Diretor do Agrupamento. Seleccionamos esta amostra por considerarmos serem estes os participantes que melhor podem contribuir para os objetivos do estudo, uma vez que os Diretores de turma têm acesso a todas as informações pertinentes acerca dos alunos e que serviram de base de estudo. Também contamos com a participação do diretor do agrupamento e da psicóloga escolar, para a aplicação das Entrevistas Exploratórias que visavam obter os conhecimentos dos mesmos sobre a população alvo à qual este estudo se dirige e perceber a sua opinião. Consideramos pertinente questionar o Diretor do Agrupamento acerca do que considera ser a Perturbação do Comportamento, e as estratégias que a escola implementa para tentar minorar as manifestações da Perturbação do Comportamento, bem como conhecer as ocorrências disciplinares dos

alunos da escola que dirige. A Psicóloga da Escola foi também entrevistada, visto ser um agente educativo importante na escola, em diversas vertentes, nomeadamente no que respeita ao acompanhamento dos alunos.

Relativamente às questões de género, temos, no grupo focal com adolescentes do 7º ano, 8 alunos, em que 5 dos quais são do sexo feminino e 3 do sexo masculino. Já o grupo focal do 9º ano é constituído por 6 elementos do sexo masculino e 3 elementos do sexo feminino. As idades dos participantes do 7º ano é de maioritariamente 12 anos. Quanto à idade do grupo focal do 9º ano, todos tinham 14 ou 15 anos, à exceção de dois participantes, em que um tinha 18 anos e outro tinha 17 anos. No que respeita ao grupo focal dos professores, educadora social e psicólogo clínico, todos têm licenciatura como habitação literária à exceção do psicólogo que tem mestrado. Verifica-se que apenas um participante é do sexo masculino enquanto os restantes são do sexo feminino. É de enfatizar que as professoras são também diretoras de turma, sendo uma a coordenadora das direções de turma. No que diz respeito às entrevistas exploratórias, o Diretor do Agrupamento é do género masculino enquanto, a psicóloga escolar é do género feminino. Verifica-se um equilíbrio a nível de género, neste estudo, mas uma heterogeneidade a nível dos participantes da mesma escola.

5.6. Procedimentos

A escolha da escola para a realização do estudo empírico teve por base a nossa área de intervenção comunitária e a receptividade por parte do Agrupamento da Escola. Desta forma tivemos alguma facilidade de acesso aos participantes, na medida em que existiu colaboração, desde que tivemos a autorização do diretor do agrupamento. Antes de proceder à exploração do estudo na escola selecionada, foi pedido uma Declaração à Escola Superior de Educação De Paula Frassinetti, para realizar um projeto de investigação (**Anexo 2**).

Inicialmente fizemos o pedido de autorização (**Anexo 3**) para a realização da investigação ao Diretor do Agrupamento, por escrito, garantindo o anonimato da escola e a confidencialidade dos dados recolhidos junto dos participantes. Depois de deferido o pedido, o estudo foi iniciado, uma vez que este assinou e autorizou. De seguida realizamos a entrevista exploratória ao diretor do agrupamento, (**Anexo 6**). As respostas obtidas foram de encontro aos objetivos que nos propusemos atingir. Foi através deste guião que desenvolvemos o guião da entrevista exploratória para a psicóloga da escola (**anexo 7**), que também serviu de base para a construção dos guiões dos grupos focais. Este tipo de entrevista permitiu o acesso a vários relatos pessoais e intimistas relevantes no campo emocional, social, comportamental, familiar e escolar, que provavelmente, num estudo quantitativo, não seria possível.

Iniciámos contactos com a psicóloga da escola, e também com os professores para se começar a idealizar os participantes do grupo focal dos profissionais de educação. Solicitamos a sua colaboração para o estudo e a psicóloga mostrou-se logo disponível. Já com os professores não obtivemos os mesmos resultados e aquando a solicitação só dois se mostraram disponíveis. A todos os participantes foi mostrado a autorização para a realização das entrevistas e dos grupos focais, (**Anexo 4 e 5**).

A entrevista exploratória ao diretor decorreu no seu gabinete, garantindo privacidade e menos ruído. A duração da entrevista foi de 110 minutos, tendo sido realizada no dia 6 de março de 2017. Já a entrevista à Psicóloga, foi realizada no dia 14 de março de 2017, com a duração de 86 minutos, decorrendo esta também no seu

gabinete. Ambos os entrevistados tinham acesso ao guião e realizámos os registos através de gravador na presença dos mesmos. A todos foi garantido o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos. Seguidamente foi feita a transcrição das entrevistas, tendo sido os dados guardados em formato Word 2010 para impressão. Posteriormente foi feita a leitura e releitura das entrevistas no sentido de se encontrarem pontos em comum e ligações que fossem pertinentes ao estudo.

Posteriormente a este trabalho prévio, passou-se à parte da observação dos adolescentes no seu contexto escolar, verificando a forma como estes vivenciavam os intervalos, como falavam entre pares, as atitudes que tinham, bem como as atividades que faziam. Também foi permitida a observação dos adolescentes em contexto sala de aula. Esta observação inicialmente foi não participante, em ambos os contextos, mas ao longo do percurso de observação passou a ser observação participante. Esta foi uma tarefa importante, visto ter auxiliado no conhecimento de alguns adolescentes, para posteriormente serem selecionados para a realização do Grupo Focal. Na sala dos professores também houve oportunidade de dialogar sobre o tema de modo a se conseguir colaboradores para a realização do grupo focal dos profissionais de educação. Foi mais complexo obter participantes para este grupo focal devido à pouca disponibilidade existente por parte das pessoas contactadas.

Após a fase da observação, realizou-se o primeiro grupo focal que foi com os adolescentes selecionados do 7º ano. Este foi realizado numa sala à parte onde se conseguia estar em silêncio. Teve uma duração de 45 minutos e foi realizada no dia 1 de julho de 2017. Iniciou-se este grupo focal com uma explicação da investigação a ser realizada, e requerendo o consentimento informado a todos os participantes. No final fez-se uma síntese do que foi abordado, com a ajuda do facilitador e por fim o grupo despediu-se e houve lugar para algum feedback. O mesmo processo se sucedeu com o grupo focal do 9º ano, tendo em consideração que se conseguiu uma melhor organização e maior participação de todos os participantes. Este realizou-se no dia 2 de julho de 2017 e teve uma duração de 59 minutos, seguindo o mesmo esquema de realização do outro grupo e também sendo utilizado um gravador. No dia 10 de julho de 2017, foi realizado o grupo focal dos profissionais de educação, onde se procedeu à apresentação da investigação e do que era pretendido, este teve a duração de 67 minutos. No final do mesmo fizemos uma retrospectiva de todos os aspetos abordados de modo a se obter conclusões.

Seguidamente, fez-se a transcrição e a releitura de todos os grupos focais de modo a se conseguirem encontrar pontos em comum e ligações pertinentes entre os diferentes grupos.

5.6.1. Instrumentos de recolha de dados

A escolha da metodologia de investigação qualitativa foi efetivada para, de certa forma, se conseguir uma compreensão mais e ampla do fenómeno em estudo. Assim, o investigador observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como ele se apresenta. Para tal existem os grupos focais como instrumento da recolha de dados, bem como as entrevistas exploratórias: “As entrevistas exploratórias servem para encontrar pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho, e não para verificar hipóteses preestabelecidas.” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.70). Foram realizadas duas entrevistas exploratórias, sendo uma aplicada ao Diretor do agrupamento de uma escola (**Anexo 6**) e a outra à Psicóloga desse mesmo agrupamento (**Anexo 7**).

Através das entrevistas exploratórias e dos grupos focais procuramos responder aos objetivos a que nos propusemos. Interessa também detetar através de respostas, opiniões, o que consideram os entrevistados acerca da Perturbação do Comportamento, das estratégias de intervenção existentes, bem como quais são as motivações dos alunos para a aprendizagem. Verificar porque é que os adolescentes têm atitudes/comportamentos não aceites pela sociedade, o que os leva a terem essas atitudes. O mais relevante para o estudo é perceber que estratégias de intervenção são implementadas de modo a minorarem as manifestações das características de adolescentes com Perturbação do Comportamento, segundo os participantes. Para tal elaboramos os seguintes guiões: Guião do Grupo Focal dos Profissionais de educação (**Anexo 8**) e o Guião do Grupo Focal dos Adolescentes (**Anexo 9**).

A entrevista exploratória elaborada divide-se em duas partes, uma de caracterização social (idade, habilitações académicas, área de estudo, número de anos que

está nesta escola e função desempenhada/ categoria profissional), e uma segunda parte que envolve um conjunto de questões de resposta aberta sobre a Perturbação do Comportamento em adolescentes. Como complemento à realização do estudo foram também executados três grupos de discussão, sendo eles feitos um com oito alunos do sétimo ano de escolaridade, um outro com nove alunos do nono ano de escolaridade e por fim um com dois profissionais de educação que desempenham funções de direção de turma, um Educador Social e um Psicólogo Clínico.

Definição e aplicações do focus group Focus group, também designado como grupo de discussão, é uma técnica que visa a recolha de dados, podendo ser utilizada em diferentes momentos do processo de investigação. Morgan (1996, 1997), define focus group como uma técnica de investigação de recolha de dados através da interação do grupo sobre um tópico apresentado pelo investigador. (Silva, Veloso & Keating, 2014, p.177).

De acordo com o pensamento dos autores anteriormente focados, o Grupo Focal comporta três componentes essenciais: é a técnica de investigação dirigido à recolha de dados; localiza a interação na discussão do grupo como a fonte dos dados; e reconhece o papel ativo do investigador na dinamização da discussão do grupo para efeitos de recolha dos dados. Krueger e Casey (2009), para além das características anteriores, salientam também a focalização da discussão num dado assunto, o seu contributo para a compreensão do tópico de interesse e o facto dos participantes que os compõem terem alguma característica em comum e relevante face ao tema em discussão.

É considerada a existência de uma variedade de possíveis usos dos focus group, referindo os seguintes como sendo os mais comuns:

“... obtenção de informação sobre um tópico de interesse; gerar hipóteses de investigação; estimular novas ideias e conceitos criativos; diagnosticar os potenciais problemas com um novo programa, produto ou serviço; gerar impressões sobre produtos, programas, serviços, instituições ou outros objetos de interesse; compreender como os participantes falam acerca de um fenómeno de interesse...” (Stewart et al. 2007 citado por Silva, Veloso & Keating, 2014, p.178).

Observa-se que a técnica do grupo focal tem sido cada vez mais utilizada em diversos estudos, podendo facultar uma aproximação entre pesquisadores/profissionais ao universo da população-alvo, em diversos momentos da investigação. Outra importante contribuição é a de dar voz e vez a grupos que tradicionalmente não são ouvidos e até muitas das vezes silenciados. Esta técnica permite também observar os processos de interação que ocorre entre os participantes, podendo vir a ser relevantes para a investigação.

A investigação qualitativa utiliza normalmente pequenas amostras e explora-as em profundidade (Sampaio, 2010 citado por Silva, Veloso & Keating, 2014), e uma vez que a amostra deste estudo é constituída por vinte e três participantes, na totalidade, a metodologia da investigação qualitativa será a mais pertinente e rentável para aprofundar respostas referentes ao que foi revisto na literatura sobre a Perturbação do Comportamento. Nesse sentido, a abordagem qualitativa permite a construção de um sistema de categorias de forma a aproximar-se o mais possível dos objetivos e da problemática teórica em análise, (Quivy & Campenhoudt, 2008). Podem incluir-se estudos de caso único ou estudos de casos múltiplos. O estudo de casos múltiplos realiza-se no sentido de compreender melhor as características, as diferenças e semelhanças e a variedade de fatores contextuais envolvidos num determinado conjunto de casos, que facilitará com certeza, a compreensão e a teorização de uma determinada problemática (Stake, 2005). Antes e durante a realização do estudo de caso, várias fontes de informação foram consultadas, desde observações, documentos oficiais, revisões de literatura, entrevista exploratória, testemunhos através do Grupo Focal para que assim possa existir uma garantia de qualidade a construção dos objetivos. É de salientar a importância de se verificar que o Grupo Focal tem as suas vantagens, como o facto de se conseguir obter uma variedade de opiniões sobre um determinado assunto; condução a novos dados para quem participa no grupo focal; é um método que se pode tornar agradável tanto pelo esclarecimento de dúvidas que possam existir quanto ao assunto em discussão como quanto ao facto de poder existir uma partilha de ideias e opiniões que podem vir a ser úteis para uma melhor convivência entre os envolvidos, não descartando a hipótese de saber que os inconvenientes também existem. Estes podem ser o facto de por norma os resultados não virem sob a forma de generalização, o que leva a que exista uma maior exigência na análise de dados e na obtenção de conclusões; este método pode demorar

algum tempo a ser realizado e ser de difícil organização; deve ter-se em conta o facto de poderem existir participantes que são desinibidos e dispersam quando é a sua vez de exprimirem a sua opinião, bem como aqueles que são bastante inibidos e chegam a não se sentirem confortáveis como a opinião dada pelos outros participantes, nem com o facto de terem de exprimir a sua própria opinião.

De acordo com a teoria acima sustentada, o Grupo Focal é importante para o nosso projeto, visto que através da análise do mesmo podemos usufruir de toda uma recolha de dados sobre o tema a abordar, localizar a interação, na discussão do grupo, como a fonte dos dados, reconhecer o papel ativo do investigador na dinamização da discussão do grupo para efeitos de recolha dos dados, aprofundar o conhecimento acerca do processo de ajustamento psicossocial dos adolescentes com P.C., reunir diferentes profissionais e adolescentes, ambos parte integrante da área em questão a ser explorada para a realização de Focus Group, sempre com o objetivo de se conseguir uma perceção mais aproximada das vivências destes adolescentes, e do seu entendimento sobre a Perturbação do Comportamento.

5.6.2. Instrumentos de análise de dados

A Análise de Dados Qualitativos assenta na aplicação das técnicas que permitam uma perceção mais completa e profunda de uma realidade mais restrita. A análise de dados pode ser caracterizada como: “Exame de cada parte de um todo para conhecer-lhe a natureza, as funções” (Ferreira, 2001, p. 41). Demonstra ter como objetivo “(...) organizar sistematicamente os dados de forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema de investigação.” (Ferreira, 2001, p. 41).

De acordo com Bardin (1997), a análise de conteúdo enriquece a leitura e a tentativa exploratória de uma investigação, procurando decifrar o que está por trás das palavras que as mensagens transportam. Após a transcrição das entrevistas, procedeu-se à análise de conteúdo, onde o conteúdo dos mesmos foi organizado em tabelas para se obter uma melhor organização e estruturação da informação. Posteriormente procedemos à análise, seleção e agrupamento de dados. Para Bardin (2007) a análise de conteúdo é constituída por várias técnicas onde se procura descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, em que procedimentos sistemáticos proporcionam o levantamento de indicadores (quantitativos ou não), permitindo a realização de inferências de conhecimentos. Para Oliveira (2008)

A análise de conteúdo permite: o acesso a diversos conteúdos, explícitos ou não, presentes num texto, sejam eles expressos na axiologia subjacente ao texto analisado; implicação do contexto político nos discursos; exploração da moralidade de dada época; análise das representações sociais sobre determinado objeto; inconsciente coletivo em determinado tema; repertório semântico ou sintático de determinado grupo social ou profissional; análise da comunicação cotidiana seja ela verbal ou escrita, entre outros (Oliveira 2008, p.570).

Assim, a análise de conteúdo compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes ligadas ao contexto de exposição, bem como das conclusões sobre os dados recolhidos. A escolha deste método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas consequentes das hipóteses e pressupostos, pela necessidade de enriquecimento da leitura por meio da

compreensão das significações e pela necessidade de se descobrir as relações que se estabelecem para além das respostas verbais dadas.

Para Oliveira (2008) a análise de conteúdo permite: O acesso a diversos conteúdos, explícitos ou não, presentes em um texto, sejam eles expressos na axiologia subjacente ao texto analisado; implicação do contexto político nos discursos; exploração da moralidade de dada época; análise das representações sociais sobre determinado objeto; inconsciente coletivo em determinado tema; repertório semântico ou sintático de determinado grupo social ou profissional; análise da comunicação cotidiana seja ela verbal ou escrita, entre outros (Oliveira, 2008 p.570).

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2009), sustenta três etapas:

a) pré-análise; b) exploração do material e c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Bardin, 2009; Minayo, 2007). a) Pré-análise: é a fase de organização tem por objetivo operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais de maneira a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento da pesquisa (Bardin, 2009). b) Exploração do material: é a operação de analisar o texto sistematicamente em função das categorias formadas anteriormente (Bardin, 2009; Minayo, 2007). c) Tratamento dos resultados, inferência e a interpretação dos resultados. (Bardin, 2009; Minayo, 2007). (Assis & Silva. 2010, p. 146).

Para além de demonstrarmos que a análise de conteúdo é o principal instrumento da análise de dados deste estudo, interessa também perceber através das respostas, das opiniões, que significação os entrevistados possuem acerca da Perturbação do Comportamento e das estratégias de intervenção existentes.

De seguida, procederemos à análise de dados de todos os instrumentos de recolha de dados, ou seja, iremos descrever os resultados obtidos nas entrevistas e dos grupos focais.

6. Apresentação dos Resultados

Relativamente ao propósito de estudo, é de salientar a importância em entender que estratégias de intervenção podem auxiliar na diminuição das consequências da P.C. no adolescente.

Os antecedentes, os comportamentos e as consequências estão tão intimamente relacionados, Skinner utilizava a expressão “contingência do reforço” como conceito tripartido que envolve: “a ocasião em que o comportamento ocorre, o comportamento em si e as consequências do comportamento.” (Skinner, 1968, citado por Kearney, 2008, p.22). “A automotivação para a mudança é um trunfo fundamental para a modificação de comportamentos perturbadores.” (Lopes & Rutherford, 2001, p.114). Pode considerar-se que o Empowerment é visto como um ganho pessoal, e é este ponto de vista que pretende ser conquistado e “saboreado” pelos adolescentes aquando da idealização da aplicação das estratégias que visam facilitar a comunicação e interpretação de sentimentos dos mesmos. Como tal Wallerstein (1992) defende a ideia de empowerment como um processo de ação social que promove a participação das pessoas, com o objetivo de aumentar o controlo individual e de comunidade, a sua eficácia política e melhorar a qualidade de vida. (Wallerstein, 1992 citado por Ornelas, 2008, p. 47).

A análise documental permitiu selecionar material relevante para uma compreensão e caracterização dos adolescentes participantes e, por isso mesmo, os resultados da investigação iniciam-se com a caracterização pessoal, familiar e escolar de cada caso. Desta forma, a exposição de parte do seu percurso de vida a nível pessoal, familiar e escolar, facilitará a compreensão dos testemunhos e perceções que estes adolescentes apresentam acerca dos seus comportamentos. A análise das entrevistas exploratórias aplicadas ao Diretor do agrupamento da escola e à Psicóloga da escola, bem como dos grupos focais dos adolescentes quer do 9º ano de escolaridade, quer do 7º ano de escolaridade e o grupo focal profissionais que participaram neste estudo, foi realizada através da análise de conteúdo, identificando-se os elementos, as características a incluir em cada resposta e as respetivas inferências, fazendo referência a cada uma das questões, encaminhando-as para relatos, opiniões, esperanças, receios e experiências destes

adolescentes e profissionais. A categorização das respostas dadas pelos participantes será acompanhada com excertos mais significativos das respostas dadas pelos menos, de forma a tornar os resultados mais compreensíveis e interessantes. De salientar que a mesma técnica foi aplicada para a análise das entrevistas exploratórias aplicadas ao Diretor do Agrupamento da Escola e à Psicóloga da Escola.

6.1. Análise dos Resultados das Entrevistas Exploratórias

A apresentação dos resultados é iniciada com as questões aplicadas nas entrevistas exploratórias tendo como participantes o Diretor do Agrupamento da Escola e a Psicóloga da Escola. As respostas vão ser analisadas segundo os participantes e conclui-se com uma análise de conteúdo que corresponde á síntese e interpretação de cada uma das respostas obtidas.

Questão 6: Que balanço faz, da sua experiência ao longo destes anos a prestar serviços à escola, do comportamento dos alunos?

De acordo com a opinião dos entrevistados, tem-se verificado uma mudança a nível das idades dos considerados “miúdos destruidores” que eram maioritariamente do ensino secundário com idades compreendidas entre os 16 a 18 anos e atualmente passaram a ser os 3º ciclo (7º, 8º e 9º anos). Salientando que desses a faixa etária que mais se destaca e preocupa a nível de ser presenciado comportamentos que seguem os critérios para o enquadramento de um diagnóstico da P.C. é a dos alunos que frequentam o 7º ano de escolaridade ou seja, adolescentes com idades compreendidas entre os 12/13 anos. Uma outra preocupação é a da reconquista da valorização e importância de respeitarem um professor, psicólogo, e toda a população envolvida na comunidade escolar.

Questão 7: O que entende por Perturbação de Comportamento?

Através das opiniões transmitidas pelos elementos das entrevistas exploratórias, pode considerar-se que a Perturbação do comportamento envolve o facto da existência de adolescentes que não cumprem com as normas estabelecidas pela sociedade e em específico pela comunidade escolar. Transmitindo que os adolescentes com Perturbação do Comportamento são os que não se enquadram quer nas normas que são impostas pela sociedade, quer nas do regulamento interno da escola, que passam por ser normas que são estipuladas como sendo o dever que o aluno tem para com a escola e que proporcionam um melhor ambiente escolar. Adolescentes que têm condutas impróprias, como o mentir, o agredir, o roubar, o homicídio. Na escola verificam-se comportamentos como

assinarem trabalhos pelos pais, mentiras, situações de agressões aos avós, familiares, comportamentos sexuais menos próprios e a participação dos adolescentes em pequenos delitos. A Perturbação do Comportamento de um adolescente está bastante relacionada com o facto de ser um pré-delinquente, um adolescente que está no limite em ligação direta com a lei, mesmo antes dos 18 anos.

Questão 8: A que se devem as situações de Perturbações de Comportamento dos alunos desta escola?

No seguimento das respostas dadas pelos elementos das entrevistas exploratórias, estes assinalam como situações que proporcionem o desenvolvimento da Perturbação de Comportamento naqueles alunos como: o local geográfico onde o adolescente está inserido, bem como às famílias disfuncionais/destruturadas, o papel de menor importância, a fragilidade que a sociedade estabeleceu para a figura do professor, destaca-se que o mesmo já não tem o sentido de posse de antigamente e agora está à mercê dos pais dos alunos. A influência e a creditação, por vezes, negativa que os média proporcionam. De destacar também o facto de os pais passarem a transmitir os valores que a sociedade da atualidade considera como os melhores, esquecendo-se dos seus verdadeiros valores, os que os seus pais transmitiram, bem como, a existência de famílias que emigraram e deixaram os filhos entregues aos avós, que muitas vezes não estão preparados e não sabem educar os mesmos de acordo com as suas necessidades, para além de todas as dificuldades financeiras em que muitos vivem. A conceção de que o papel da escola passou a ser o de educar os filhos e cuidar dos mesmos, tendo em conta que agora os pais “depositam” os filhos na escola e esta tem de dar resposta a todas as exigências dos pais; outra situação preocupante é a falta de transmissão de responsabilidade aos adolescentes, estes aprendem a viver sem responsabilidade, o que pode levar a terem comportamentos desviantes. De salientar que mimar só não chega, é necessário que os pais percebam que as suas atitudes constituem o exemplo que transmitem aos filhos e que têm o dever de lhes proporcionarem uma educação presencial, com sentido de responsabilidade e pertença.

Questão 9: Tendo em conta a sua experiência, o nº de adolescentes com Perturbações de Comportamento, nesta escola, tem vindo a ser alterado?

Segundo a opinião dos elementos das entrevistas exploratórias, existe uma diferença de opiniões. Verifica-se, portanto, que o Diretor transmite que não é aconselhável os alunos terem muita liberdade, mas sim terem uma liberdade regrada e entenderem que existem hierarquias e essas têm de ser cumpridas e respeitadas. Demonstrando que os números de adolescentes com P.C., naquela escola, tem-se alterado, mas num sentido positivo devido à sua imposição de regras e formas de convivência na escola, alegando que agora os alunos deixaram de ter tanta liberdade, e tal foi possível com a ajuda de professores, alunos, funcionários e encarregados de educação. Ter a liberdade de se conseguir mostrar aos alunos que, sem um clima calmo e saudável, não é possível obterem-se resultados de sucesso escolar. No entanto, e de acordo com a opinião da Psicóloga é de referir que os números se têm mantido, embora se perceba que nos últimos 2-3 anos as ocorrências têm sido devido a problemas mais complexos.

Questão 10: Os comportamentos dos alunos, relacionados com as Perturbações de Comportamento, têm vindo a ser diferentes? Se sim, quais as diferenças que verifica nos comportamentos?

Tem se verificado uma grande alteração, e tal pode estar a acontecer devido à falta do “consumo de valores” que a sociedade deixou de ter em consideração. O facto de existir menos consideração pelos valores a serem praticados leva à consequência de se passar a ter intervenções menos próprias. São estas intervenções que levam aos comportamentos e atitudes que os adolescentes praticam, como colocarem em causa a autoridade do professor, levando à criação de conflitos entre alunos e professores, provocando um clima desagradável dentro da sala de aula. Devido à situação da escolaridade mínima obrigatória ter aumentado o número de anos de estudo, foi notória a crescente revolta que os alunos com Perturbação do Comportamento têm demonstrado, acabando por destabilizar os alunos que querem estudar. Esta revolta surge, uma vez que os alunos com P.C. não querem estudar, querem sim ir trabalhar, pois os seus pensamentos centram-se na necessidade de construção da sua independência e no que o dinheiro lhes pode trazer de satisfação. Existem de facto diferenças e estas estão bastante

relacionadas com o facto de o professor não poder ser mais rígido, nem exercer um sentido de punição mais forte. Esta situação provoca nos adolescentes uma ascensão de ego, pois passam a ter um sentido de impunidade, achando que nada lhes acontece e que serão sempre protegidos pelo sistema, sentindo-se na liberdade de poderem fazer o que querem e quando querem, sem que exista qualquer tipo de retaliações. Este é um problema grave e que tem contornos sociais complexos. A cultura de intimidade que está a ser criada, e o facto dos adolescentes a decidirem tomar como adquirida, está a provocar grandes danos no controlo das suas atitudes.

Questão 11: Nesta escola quais as consequências para os alunos que não cumprem regras?

Existem situações onde se aplica um castigo disciplinar, por exemplo de suspensão de 3/4 dias, mas denota-se que os pais não querem que os alunos fiquem em casa, não pelo facto de perderam as aulas, mas sim pelo facto não terem ninguém que fique com eles em casa. As consequências referidas são: inicialmente, existe a chamada de atenção ao aluno, sendo esta a medida de prevenção; se voltar a acontecer a situação, reporta-se o acontecimento ao diretor de turma que através da participação escrita, transmite a informação o encarregado de educação e dependendo da gravidade da situação, esta é participada à psicóloga, para que esta avalie e faça uma avaliação ao aluno para se perceber se existe alguma disfuncionalidade e posteriormente, e de acordo com a gravidade do comportamento, a participação quando chega à direção, abre-se um processo disciplinar, existindo uma intervenção direta com o diretor, de modo a serem agilizadas algumas conversas com o encarregado de educação. Resolvida a situação, o aluno é expulso onde pode durar até 8 dias, e existe uma transferência obrigatória da escola. Procedimento previsto na lei pelo ministério da educação.

Questão 12: Qual o nº de processos disciplinares por ano/mês nesta escola?

Dando continuidade à opinião dos elentos das entrevistas exploratória, estes explicam que os processos disciplinares, não existem mais de 5 por ano, sendo que o que mais se verifica são os comportamentos de regras reportados aos encarregados de

educação, pois não se pode aplicar algo mais. Relativamente ao incumprimento de regras, denota-se que estas são “aos pontapés”, não chegam a raiar o processo disciplinar, existindo alunos com incumprimentos reportados ao diretor de turma. O sistema não funciona. A não ser o processo disciplinar não existe nenhuma punição que se possa aplicar de forma a que estes formem conhecimento mais aprofundado dos erros que cometem. Por exemplo não podemos colocar um aluno a limpar as casas de banho, mas era ideal, para aprenderem a terem mais cuidado com o uso do mesmo

Questão 13: Acha importante intervir junto dos adolescentes com Perturbação de Comportamento?

Os entrevistados entendem que se deve intervir, considerando que essa intervenção seja efetuada de forma direta, precoce, disciplinada, contínua e constante. Transmite-se que se deve implementar uma intervenção, de acordo com a educação que os nossos pais receberam, bem como, do ponto de vista social, o professor passe a ter outra imagem, que este voltasse a ter a imagem e o estatuto de professor de antigamente. O professor tem de possuir alguma autoridade, seja esta garantida pelo estado, pelos pais. Socialmente, é preciso habilitar as figuras parentais, que estes passem a ter mais responsabilidades pelos comportamentos que os filhos têm na escola. Os pais têm de passar a ser mais responsabilizados. A escola devia ter mais autonomia/liberdade na forma como pode intervir com estes adolescentes. Porque existe essa imagem de que a escola tem essa liberdade, mas não é real, pois existe um conjunto de leis, toda uma série de burocracias e papéis a preencher, que é toda a responsabilidade da escola. É preciso mudar muita coisa, para conseguirmos chegar ao ponto de termos um sistema perfeito, que permitisse que estes adolescentes fossem responsabilizados de imediato pelos atos. É muito importante e urgente que esta intervenção seja pensada e passada o mais rapidamente possível à prática.

Questão 14: Que estratégias considera pertinentes para minorar as manifestações da Perturbação de Comportamento nos adolescentes?

Segundo os inquiridos os pais, transmitem a ideia que a escola é o reflexo da sociedade. No entanto, os encarregados de educação não se podem esquecer que os comportamentos dos alunos são o reflexo da educação que os pais lhes proporcionam. Os adolescentes necessitam de ser consciencializados para a existência de normas na sociedade, na comunidade, seja escolar ou a familiar. A intervenção deve existir e ser executada com uma configuração preventiva e precoce, e se esta já não for possível (devido à incidência do diagnóstico), que se faça notar uma intervenção direta e imediata, naquele preciso momento. O foco mais importante seria realmente intervir antes das situações acontecerem, mas para tal era necessário a implementação de uma intervenção comunicativa ou de trabalho comunitário na comunidade escolar, feito com um propósito de médio a longo prazo e não imediato, porque até ao momento não se tem verificado resultados. O mais necessário é toda a comunidade escolar se sentar e conversar, como comunidade escolar, e perceber “ Quais são os nossos problemas? Quais são os nossos pontos fracos? “. Verificar as informações dos alunos, dos registos, das situações que entretanto se sucederam, de modo a se conseguir resolver os pontos fracos e, a partir daí, a médio-longo prazo termos uma noção de onde estávamos e para onde fomos. Criar um conjunto de objetivos a atingir enquanto comunidade escolar, envolvendo pais, funcionários, direção, alunos, porque os alunos são a base, também sabem o que é que a escola tem, o que os motiva a lá estar e a não quererem lá estar.

Questão 14.1.: Nesta escola tem sido possível aplicar alguma(s) das estratégias?

Os entrevistados afirmam que algumas estratégias são aplicadas, embora a escola tenha pouco espaço e liberdade para tomar decisões, como tal, tem de seguir o regulamento implementado pelo Ministério da Educação. Os elementos ressaltam que inicialmente contactam os encarregados de educação pelo diretor de turma, após algum comportamento desviante que o seu educando tenha praticado. Os diretores de turma têm transmitido aos pais que estes devem acompanhar os filhos e ter bastante atenção ao seu desenvolvimento escolar. Em recurso SOS, e se já se tiverem aplicado todas as estratégias

possíveis e o problema não for solucionado, é feita uma reunião com a equipa multidisciplinar, diretor de turma, encarregado de educação, psicólogo e se necessário a CPCJ. O diretor de turma é quem está na primeira linha, pelo que recebe e é confrontado de imediato com as atitudes dos adolescentes. O diretor de turma é quem ainda aplica algumas estratégias pois é este que tentam modificar estes comportamentos. Quando são apresentadas algumas propostas, os pais estão sempre a cobrar a escola por melhorias, são os primeiros a colocar limitações e assim torna-se complicado efetuar na realidade alguma alteração. Os diretores de turma sabem quem são os alunos que sistematicamente têm comportamentos desviantes, às vezes um simples problema de família e até existem mais alunos com pais divorciados, os comportamentos começam a modificarem-se e os professores têm que estar que estar atentos e mostram-se preocupados para saberem o que aconteceu. Se a CPCJ não tiver solução para o caso em concreto é encaminhado para tribunal. Quando falhar a sociedade e a família do aluno os comportamentos dos adolescentes dependem da sociedade onde vivem e os próprios pais se desvinculam das suas próprias obrigações, são percentagens pequenas, mas existem. Em relação aos alunos que têm casos de comportamentos desviantes, procura-se revolver, muitas vezes, aconselhando os pais que as situações até não têm nada a ver com a escola, mas que devem ir ao médico de família ou psicólogo, e muitas vezes as situações surgem por falta de acompanhamento. O que a psicóloga da escola faz, a maioria das vezes, é o encaminhamento para o psicólogo, pediatra, psiquiatra. É pretendido que pelo menos seja transmitido à escola um diagnóstico concreto onde se explique a origem dos comportamentos e, assim, se adotar uma intervenção de acordo com as necessidades do aluno.

6.2. Análise dos resultados do Grupo Focal dos Profissionais

É dada continuação à apresentação dos resultados através das questões aplicadas no grupo focal realizado aos profissionais de educação, que abrangia duas diretoras de turma, uma educadora social e um psicólogo clínico.

Questão 1: O que considera ser um adolescente “dito normal”?

Tendo em conta a opinião dos elementos do grupo focal pode considerar-se que um adolescente “dito normal”, seja um adolescente que, ao longo do seu desenvolvimento, procure descobrir e experienciar situações, de modo a que faça as suas escolhas, mostrando as suas opiniões, delineando os traços da sua personalidade, apesar das suas inseguranças e misto de certezas e incertezas. Vivem o seu desenvolvimento sem ter de exibir comportamentos que perturbem ou causem transtorno para a sociedade.

Questão 2: O que entende por Perturbação de Comportamento?

De acordo com as respostas obtidas no grupo focal podemos verificar que a perturbação do comportamento é uma perturbação que, para ser diagnosticada, tem de cumprir os critérios estipulados pela DSM-5, sendo estes pautados por comportamentos persistentes e repetitivos. Os adolescentes com a P.C. diagnosticada não se preocupam com o outro nem nutrem qualquer tipo de empatia pelo mesmo, podem ter comportamentos de agressão física ou psicológica. Geralmente têm comportamentos que são considerados fora da norma e não aceites pela sociedade. Com o desenvolvimento da adolescência verifica-se que surgem bastantes dúvidas e receios e conseqüentemente muitos problemas de autoestima, autoconfiança, entre outros de foro identitário.

Questão 3: A que se devem as situações de Perturbações de Comportamento dos adolescentes?

Entende-se que, segundo a opinião dos elementos do grupo focal, a adolescência é identificada como uma das fases de desenvolvimento considerada como a mais crítica, uma vez que é nesta fase que o adolescente tenta perceber quem é e começa a traçar a sua personalidade. No entanto, é nesta fase que os adolescentes são mais facilmente vítimas, alvo de fatores de risco referido pelo elemento, como consumo excessivo de álcool e início da prática de atos ilícitos. Por vezes sentem-se incompreendidos em determinadas situações, autoisolam-se, vivem no seio de uma família destruída onde nem sempre existe a melhor transmissão de valores, problemas de relacionamento com os pais, sofrem de bullying, têm falta de sentimento de pertença. O não saberem aceitar regras pré-estabelecidas, pode advir de uma causa biológica própria do sujeito, ou de alguma situação traumática que o mesmo possa ter vivenciado.

Questão 4: O tipo de comportamentos dos alunos, relacionados com as Perturbações de Comportamento, tem vindo a ser diferente?

O tipo de comportamentos que os elementos denotam que se têm vindo a diferenciar são o facto de cada vez mais o desafiarem a posição de adulto, passando a existir consequentemente desrespeito pelo mesmo, a falta de educação acerca de valores morais, o desrespeito pelas regras, a falta de paciência seja para a fila de espera do refeitório, seja para escutar o que as figuras cuidadoras ou os docentes têm para dizer. A necessidade de uso das novas tecnologias e de estarem constantemente a exporem, partilharem com outro o que fazem, onde estão e utilizam essa prática para se sentirem um membro integrado da sociedade. Estas atitudes podem trazer bastantes consequências, emitindo uma potencial causa do desenvolvimento da P.C.

Questão 5: Tendo em conta a sua experiência, o nº de adolescentes com Perturbações de Comportamento, tem vindo a ser alterado? Em que sentido?

De acordo com as respostas obtidas pelos elementos do grupo focal denota-se que o número de adolescentes diagnosticados com a Perturbação do Comportamento tem

vindo a ser alterado, denota-se um aumento. Estas perturbações têm tendência a aumentar de acordo com os fatores de risco a que o adolescente estiver associado. Sendo que é demonstrada uma preocupação que se insere mais na extensão do problema em si e não na quantidade. Está a tornar-se mais preocupante a intensidade do Diagnóstico da P.C. em adolescentes.

Questão 6: Acha importante intervir junto dos adolescentes com Perturbação de Comportamento

Segundo as respostas obtidas no grupo focal pode afirmar-se que é realmente importante existir uma intervenção precoce, quanto mais cedo se diagnosticar a perturbação, melhor será o prognóstico para se proceder posteriormente à aplicação de uma intervenção, que resulte casos de sucesso. Deve ter-se em consideração que, na génese dos comportamentos de risco, podem estar os fatores biológicos, psicológicos e sociais e todo o meio ambiente que os rodeia. A família deve ser sempre parte integrante, uma vez que esta, por vezes, demonstra ter várias lacunas a nível da dinâmica familiar e que são muitas vezes as potenciadoras/desencadeadoras da P.C.

Questão 7: Que estratégias considera pertinentes para minorar as manifestações da Perturbação de Comportamento nos adolescentes?

Tendo em consideração a opinião dos elementos do grupo focal pode-se aferir que as estratégias tidas como essenciais de modo a minorar as manifestações da P.C. nos adolescentes são:

- Existir uma maior paciência para dialogar com o adolescente, mostrar-lhe que é bom e necessário este exteriorizar os seus pensamentos. Deixar que este experimente, vivencie e partilhe as suas experiências, conquistando assim um autoconceito mais positivo e uma melhor descoberta da sua identidade;
- Executar uma intervenção de forma preventiva, precoce e também se intervir nas famílias para posteriormente se conseguir uma intervenção de sucesso nesta problemática;
- Serem criados programas de formação de forma gratuita e explicativa a nível

parental, dos professores e funcionários;

- Adquirir os Diagnósticos Clínicos de forma mais clara e objetiva, "Diagnósticos clínicos claros e objetivos, tratamento medicamentoso, se for necessário, acompanhamento psicológico com psicoterapia e formação parental e escolar para docentes acerca das estratégias que poderão ser eficazes para controlar o comportamento do adolescente.";
- Procurar elaborar uma partilha de recomendações/orientações centrada nos aspetos em cima focados.

Questão 8: Considera que os professores estão preparados para terem alunos com estas características?

A opinião de todos os elementos do grupo focal é que os professores não estão preparados para terem alunos com esta patologia diagnosticada, uma vez que se trata de um caso clínico e estes não recebem formação para tal. Conclui-se que sentem cada vez mais a necessidade de adquirirem esta formação, e têm vontade que esta seja colocada em prática, sendo facultada e inserida num conteúdo programático elaborado pelo Ministério da Educação.

Questão 9: Considera que os pais estão preparados para terem filhos com estas características?

Podemos verificar que segundo as respostas obtidas no grupo focal, consideram que os pais não estão preparados para lidarem com adolescentes diagnosticados com P.C., uma vez que muitos não sabem dar exemplo dos comportamentos corretos a praticar. O ritmo da vida que têm não lhes permite ter tempo para educar, muito menos para dialogar e perceberem as atitudes/comportamentos dos filhos. Os pais quando se deparam com este tipo de situações, denota insegurança e culpabilização por terem falhado na educação dos filhos. Surge a ideia de que, se eu não consigo existir, alguém para tratar desta situação e recorrem a psicólogos, psiquiatras, com o intuito de que estes solucionem o problema. Acaba por ser natural recorrer a um profissional para tal, mas não podem esperar que essa

seja a única solução, pois tem de existir um trabalho multidisciplinar entre os pais-filhos-profissionais de educação para assim se obter o sucesso.

Questão 10: Que emoções verifica no adolescente quando este ultrapassa os limites?

Denota-se que os adolescentes com as características da P.C. não sentem empatia (não se sabem colocar no lugar de outro) e mostram-se indiferentes ao que o outro sente. Demonstram irritação, temperamento explosivo, revolta, impaciência, muitas vezes com vontade de repetir. Maioritariamente verifica-se um sentido de autodesculpabilização, mostrando que não fizeram nada de mal.

Questão 11: Qual a(s) atitude(s) por parte dos professores que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

Verifica-se atitudes de autoritarismo, confronto, chamadas de atenção de forma constante, bem como a desvalorização do aluno, a humilhação perante os colegas, a não aceitação do aluno segundo as suas características. Estes são alguns dos fatores bastantes impulsionadores de revolta por parte dos alunos, bem como o facto de utilizarem vezes seguidas a punição perante situações que o aluno apresente, sem tentar perceber/ conhecer quais as causas para o aluno estar a reagir daquela forma.

Questão 11.1: Qual a(s) atitude(s) por parte dos pais que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

As atitudes segundo a opinião dos elementos do grupo focal, têm a ver com: o facto de os pais estipularem limites demasiado restritos, o uso do autoritarismo, as técnicas de punição, sem tentarem dialogar com o filho sobre quais e porquê de terem aquelas atitudes. Os adolescentes também referem a falta de atenção, de afeto, de compreensão dos pais, da sensação de pertença, de segurança e confiança, uma vez que em casa não lhes proporcionam um meio onde eles se possam sentir seguros e confiantes e a não valorização do filho, bem como uma constante comparação deste para com outros (primos, irmãos ou colegas). Denota-se, cada vez mais uma falta de interesse dos pais

pela vida escolar dos filhos. Estes podem ser só alguns dos sinais de falta de tempo e o facto de que os adolescentes estarem à mercê do seu próprio instinto pois os pais não estão presentes para fazerem cumprir as regras e os limites estipulados.

Questão 11.2: Qual a(s) atitude(s) por parte do grupo de pares que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

Por parte do grupo de pares as atitudes que podem estar na base de os adolescentes ultrapassarem os limites, de acordo com a opinião dos elementos do grupo focal, destancam-se as seguintes: o não ser aceite no grupo, a imitação, a pressão exercida pelos colegas para que ele haja de determinada forma, pois só assim poderá ser aceite no grupo. A humilhação, o facto de não valorizarem o que adolescente faz, nem a sua identidade. Mais uma vez o sentido de pertença a uma comunidade surge agregado ao receio da solidão, de serem excluídos do grupo, bem como, de se sentirem sós e do que pode acontecer. Outra das preocupações é o que os líderes lhes podem fazer quando falham, levando ao adolescente deixar-se influenciar e nem sempre de forma positiva.

Questão 12: Os Pais/profissionais de educação têm formação no âmbito da P.C.?

A maioria dos profissionais entrevistados assume que os pais e profissionais de educação não têm formação no âmbito da P.C.. No entanto, sentem necessidade de adquirir essa formação, não o fizeram ainda devido à mesma ter de ser paga a nível privado, pois até ao momento não existe formação direccionada para este tema, proposta pelo Ministério da Educação.

Questão 13: Os Pais/profissionais de educação utilizam estratégias de Intervenção junto dos adolescentes com P.C.?

Na opinião dos elementos do grupo focal, os profissionais de Educação, na maioria das vezes, não aplicam as estratégias, uma vez que também não possuem formação, e como tal também surgem os receios dos comportamentos que os adolescentes podem ter após a aplicação da estratégia, demonstrando que os pais nutrem os mesmos receios. Denota-se é a existência de exceções de professores e encarregados de educação que se mostram mais preocupados e presentes, e o fazem segundo o que consideram o

melhor, procurando auxílio junto de profissionais especializados no assunto (eg.: Psicólogo). Também é referido pelos profissionais que de acordo com a sua experiência e contacto com os pais, afirmam que os estes não têm formação para aplicarem estratégias de intervenção junto dos filhos, e que não o fazem.

Questão 14: Que Estratégias de Intervenção ajudariam a diminuir as consequências de P.C. de um Adolescente?

Segundo a apreciação dos elementos do grupo focal, são consideradas as seguintes estratégias: passar a existir uma preocupação e investimento no conhecimento dos adolescentes e do seu meio, bem como das várias estruturas que influenciam o seu desenvolvimento (família, localização geográfica, grupo de pares, escola); proceder a uma análise às várias dimensões da vida do adolescente; compreenderem a sua ligação e interesse pela escola, família, grupo de pares e até por si próprio (o auto-conceito); apelar a um maior diálogo entre família, alunos e professores; apelar a dinâmicas no âmbito do autoconhecimento e no conhecimento das necessidades que os alunos têm, bem como as dos professores e funcionários, e estas serem partilhadas entre eles, de uma forma multidisciplinar; sensibilização dos pais e professores com vista ao diagnóstico precoce e respetivo encaminhamento do adolescente e família para programas de intervenção que possam evitar ou minorar as manifestações da perturbação nas suas vidas; aplicar “Estratégias de base cognitivo-comportamental e comportamental associadas a psicoterapia.”.

6.3. Análise dos resultados do Grupo Focal dos Adolescentes do 9º ano

Continua-se a apresentação dos resultados com as questões aplicadas ao grupo focal dos adolescentes do 9º ano de escolaridade.

Questão 1: O que é para si um adolescente “dito normal”?

De acordo com a análise das respostas obtidas pelos elementos deste grupo focal, verifica-se que os adolescentes consideram que ser um adolescente “dito normal” tem de seguir certas normas impostas pela sociedade, como cumprir as regras e não reclamarem pelo facto de as executar, efetuarem uma rotina diária, conseguindo obter resultados para serem considerados como bons filhos e bons alunos.

Questão 2: Quais considera ser os comportamentos que saem da norma?

Os adolescentes demonstram saber identificar perfeitamente quais os comportamentos que saem da norma e de forma bem explícita. É enfatizado o facto de utilizarem ofensas verbais, quer seja para professores, funcionários ou colegas. É revelada a existência de desrespeito pelas regras estabelecidas pela escola tanto dentro da sala de aula como no recreio. Consideram como comportamentos desviantes: ter atitudes violentas, enveredarem por caminhos de risco, desrespeitar as regras de sala de aula, as de casa, não saber estar calado, responder de forma incorreta tanto para os colegas como para os professores, destruírem objetos necessários na escola.

Questão 3: Que comportamento dito “fora da norma” tem praticado mais frequentemente?

Afirmam que existe uma procura por horários mais flexíveis em relação às saídas à noite e um arriscar em relação a mentir, apesar de saberem as consequências que isso pode trazer, só para poderem disfrutar de todo esse prazer de sair. Aponta-se ser mais fácil para os rapazes quebrarem as regras, estes demonstram ter muito mais habilidades aquando dos exemplos para possíveis justificações de modo a conseguirem sair. Os

elementos do género feminino destacam-se por serem mais reticentes e mostrarem resistência, aquando a quebra de uma regra. Apresentam como atitudes frequente como o uso do telemóvel dentro da sala de aula, a tentação de resistência às influências a que estão sujeitos e a incapacidade de resistência à entrada em vícios como álcool, droga, canábis, etc, mesmo sabendo que correm riscos. Assinala-se que as raparigas têm uma maior imposição de horários, relativamente a saídas à noite que os rapazes, e que essa situação é mais facilitada para os elementos do género masculino, bem como quebrarem as regras sem receio das consequências. Enquanto que os elementos do género feminino relatam ter mais receio e ponderam mais tomar certas atitudes devido às advertências que possam surgir.

Questão 4: O que considera ser a Perturbação do Comportamento?

Relativamente às respostas obtidas pelos elementos do grupo focal, evidencia-se a existência de uma explicação por parte dos adolescentes, mas que não conseguem formular uma resposta em concreto, percebe-se que eles não sabem o que significa a P.C.. Apontam como possíveis características a ocorrência de roubos, violências físicas e psicológicas, e a infração de regras.

Questão 5: Quais considera ser o(s) comportamento(s) que o Adolescente tem, para lhe ser diagnosticado a Perturbação do Comportamento?

De acordo com as respostas obtidas no grupo focal, pode-se verificar que os adolescentes definem e explicitam muito bem quais consideram ser os comportamentos que fazem parte da P.C., dão alguns exemplos como fazer troça de adolescentes que são mais “benevolentes”, e que são vistos como diferentes, os mais fracos e também exercerem violência física e psicológica para com adolescentes mais novos, o facto de andarem imensas vezes em confrontos, andar a fumar, roubar e pontapear material que está na rua ou na escola (cacifos). A falta de respeito para com os professores, funcionários, colocando em causa a sua dignidade.

Questão 6: Que situações conduzem o adolescente a ultrapassar “os limites”? (Porque quebram as regras)?

Explicitam que os “vícios” e as influências a que estão sujeitos os encaminham a terem comportamentos considerados de risco, sendo assim as causas mais apontadas, bem como os atos de violência para com adolescentes mais vulneráveis, mais novos, ou aqueles com quem entram em confronto. Todas as provocações e violência psicológica existente, a saturação das provocações recebidas que conduzem à conseqüente revolta e à prática de comportamentos. É de ressaltar que estes sabem exemplificar quais os comportamentos que podem levá-los a “ultrapassar os limites”. De salientar que dois dos adolescentes já participaram em várias “lutas” e já foram expulsos, tendo um deles exercido violência para com a mãe e está sob a vigilância da CPCJ.

Questão 7: Como se sente quando é levado ao limite?

Estes descrevem nitidamente o que sentem. Assinalam a necessidade de terminar com a situação o mais rapidamente possível, que a mesma lhes provoca várias emoções, inclusivamente um misto de revolta, angústia, bem como a falta de paciência para continuar a sustentar situações de agressões tanto verbais como físicas. O alívio é a sensação mais focada, os adolescentes transmitem que, quando terminam a situação, essa é a sensação mais prazerosa, denota-se uma concordância relativamente ao facto de sentirem extrema necessidade de perceberem que o outro está a sentir o mesmo que eles quando os provocaram. Evidencia-se que identificam perfeitamente o que sentem quando levados ao limite e detêm consciência das suas emoções.

Questão 8: Qual a(s) atitude(s) por parte dos professores que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

Estes destacam o "abuso de autoridade" como uma das atitudes por parte de muitos professores. Considerando que os professores poderão estar a acusar cansaço devido à sua profissão e mostram que, por vezes, os alunos também conseguem levá-los ao extremo, mas mesmo assim, os alunos não se sentem agradados por ter faltas, recados na caderneta ou repreensões. As constantes chamadas de atenção são o que os

adolescentes assinalam como o mais saturante e que, têm a noção da diferença entre estar na sala de aula e no recreio.

Questão 8.1.: Qual a(s) atitude(s) por parte dos pais que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

Ressaltam o pedido pela liberdade, e emancipação, a vontade de conquistarem independência, de terem liberdade para controlarem o próprio horário das saídas à noite, sentirem a necessidade de possuírem dinheiro para bens materiais. Salientam a existência de menos regras e mais liberdade, o facto de os pais perceberem que eles querem experimentar e vivenciar a noite. Por outro lado, nos programas que consideram ser próprios para eles frequentarem e incomoda-lhes o facto de não terem permissão para tal, acrescentando que eles sabem quais são os seus limites e que os pais referem “tu não sabes o que é o mundo lá fora”, protestando que sem lhes permitirem uma maior liberdade, os adolescentes não serão capazes de saber, nem aprender “como é o mundo”. Explicam que “Não deixar viver, nós as vezes temos que sair do teto dos pais para aprender o que é viver, para saber o que é cair, levantar, o que é lutar. Saber andar para a frente, e às vezes os pais não deixam isso acontecer. Não nos libertam, não dão liberdade nenhuma.”. A maioria dos adolescentes destacam ou a preferência de irem trabalhar em vez de estudarem, como exemplo de empregos referem a construção civil, a metalúrgica, a informática, considerando que o ensino obrigatório não deveria ser tão prolongado. Sublinham sempre a ideia de menor tempo de aulas e abrir uma maior possibilidade para que estes possam ir trabalhar e conquistarem a independência que tanto anseiam. De salientar que o grupo divide-se, os elementos do género masculino maioritariamente dizem que preferem trabalhar, enquanto que todos os elementos do género feminino afirmam que preferem estudar.

Questão 8.2.: Qual a(s) atitude(s) por parte do grupo de pares que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

Verifica-se que nesta faixa etária (14/15 anos), passa a existir uma maior preocupação com o visual e muitos consideram um insulto o facto de os colegas criticarem a sua forma de vestir, Bem como o facto de os “rejeitar” segundo as marcas de roupa e sapatilhas que utilizam, a maneira de falarem, as notas que tiram e o seu comportamento. Ressaltam que existem diferenças e que o facto de cada um ter a sua forma de se vestir e de ser, nem sempre é aceite por todos, e como consequências existem insultos, violência psicológica que é mais frequente e é realizada de forma constante, chegando a levar alguns adolescentes a perderem a paciência. Todas as atitudes anteriormente focadas são realizadas pelos considerados “os maiores, os mais fortes, os rebeldes, os mais velhos, os “king’s”, ou seja, alunos que são considerados superiores e quase que os líderes.

Questão 9: Que emoções nutre após quebrar uma regra? (terem um comportamento “fora da norma”)?

Estes sentem-se satisfeitos caso resolvam o problema e aliviados por terem conseguido libertar toda a raiva sentida no momento. Mas, ao mesmo tempo, existe uma angústia por não saber que advertências podem advir da prática desses comportamentos e sem deixar de salientar o ódio e a vontade de que o outro se sinta tal como se sentiram. Por fim o alívio é a sensação mais focada, pelo que identificam perfeitamente o que sentem e têm consciência das suas emoções.

Questão 10: Consideram que o facto de ter comportamentos desajustados nas situações já anteriormente focadas, o leva a resolver essa situação?

A maioria dos adolescentes que participaram são ponderados, refletem que o ideal é conversarem e conseguirem resolver a situação, sem partir para a violência. Dois dos adolescentes referiram que o diálogo não é a solução e que dessa forma não se consegue resolver na totalidade a situação, logo assinalam que o mais fácil é resolver as questões através de violência física.

Questão 11: Considera que a escola o auxilia em situações deste género? (alunos que têm comportamentos desajustados).

É relatado que nem os funcionários, nem os professores os auxiliam. Evidenciam, dois adolescentes do género masculino, que existem funcionários e professores que não estão para se chatear nem para saírem magoados no meio de certas discussões.

Questão 12: Considera que a família o auxilia em situações deste género? (alunos que têm comportamentos desajustados).

Estes consideram que a família, ao castigarem e ao avisarem, chamarem à atenção dos adolescentes, os estão a auxiliar. Afirmam que, os pais querem o melhor para os filhos e, como tal, tentam encaminhá-los e ajudá-los da melhor forma possível, seja a conversarem, mostrando a sua opinião de modo a que estes cheguem à melhor resolução do problema em questão. Mostram que os pais são quem estão sempre do lado deles e quem lhes proporciona o melhor. Se por ventura os pais sentirem que algo está a correr mal, vão tentar compreender o que se passa e procurar dar a melhor ajuda possível.

Os adolescentes não deixam de parte a partilha de que nem todos os pais praticam as ações mencionadas e que têm colegas que partilham muitas inseguranças e angústias de como vão resolver a situação se os pais nem os ouvem, e nem os tentam compreender, alegando que por vezes muitos Pais, chegam revoltados e com vontade de “partirem tudo”, não dão a devida atenção aos filhos.

Questão 13: Acha que os professores estão preparados para terem alunos com estas características?

A maioria dos adolescentes considera que os professores não estão preparados, considerando que estes quando escolhem ser professores não sabem o que os espera. Um adolescente explicou que não é só saber ensinar, nas escolas há de tudo, dizendo que existem favoritismos, que geram separações entre alunos e que isso os deixa bastante aborrecidos, pois muitas vezes os professores inconscientemente julgam sem conhecerem

verdadeiramente o aluno. É de notar que os adolescentes pretendiam que existisse uma maior cumplicidade entre eles e os professores que não existissem barreiras tão grandes.

Questão 14: Acha que os pais estão preparados para terem filhos com estas características?

Existe uma incerteza, os adolescentes consideram que os pais devem estar preparados para ter os filho da “forma” que eles forem. Ressaltam que os pais, quando não conseguem resolver o problema devem procurar ajuda para proporcionar o melhor ao filho. Todos os adolescentes concordaram que os castigos são o método mais usado para que se mudem os comportamentos e estes são utilizados para os tentar mudar (os comportamentos dos adolescentes) e tentar ajudar, utilizando os seguintes métodos: tiraram a internet, o computador, o telemóvel, ficar sem sair a noite. Verifica-se que os adolescentes quando focam os castigos, referem que estes são dados pelas mães, não focando os pais quando se fala na imposição de regras.

Questão 15: Que Estratégias de Intervenção ajudariam a diminuir as consequências de P.C. de um Adolescente?

Segundo a opinião dos adolescentes que participaram no grupo focal aplicado, é relatado que devem:

- Existir um maior diálogo entre os alunos e os professores;
- A escola proporcionar um maior apoio, por parte dos funcionários/professores da psicóloga da escola e estes passarem a estar mais atentos aos alunos;
- Existir mais conversas entre os professores e os pais para conseguirem que o aluno tenha melhor rendimento escolar e não se sinta sozinho;
- Persistir uma aula em que haja discussão sobre estes temas e outros que preocupam os alunos e os levam a ter esses comportamentos;
- Explicar como se pode resolver os problemas, existir workshops e formações para os alunos, professores e pais;
- Proporcionar maior supervisão por parte dos auxiliares;

- A presença do diretor passar a ser mais assídua e não se notar tanto o afastamento que sugerem que este impõe;

- Quando há um conflito, que os professores tenham mais atenção, não se foquem tanto no que apenas viram, mas sim em tudo o que aconteceu para se ter gerado aquela confusão;

- O professor aconselhar a ir à psicóloga da escola, uma vez por mês;

- os professores falarem com os alunos a nível individual, para tentar perceber se existe alguma coisa mal, “Por exemplo acontecer uma reunião como a de hoje.”.

6.4. Análise dos resultados do Grupo Focal dos Adolescentes do 7º ano

O término da apresentação dos resultados é concretizado com a análise das questões aplicadas no grupo focal realizado aos adolescentes do 7º ano de escolaridade.

Questão 1 : O que é para si um adolescente “dito normal”?

Verifica-se que estes banalizam o ser normal, como alguém que é adolescente, seguindo as rotinas diárias que cumprem com as necessidades básicas, de fazer o percurso de escola-casa /casa-escola, jogar, comer, beber e dormir. Explicam ainda que ser normal é ser igual a todos os outros, enfatizando porteriormente que afinal é cumprir com as regras que são impostas, pois eles não se consideram todos iguais.

Questão 2: Quais considera ser os comportamentos que saem da norma?

Afirmam que sair fora da norma significa o adolescente ter atitudes que os pais não gostam, ou consideram ser imprudentes, quebrar rotinas, ter atitudes não aceites pela sociedade, uma vez que não estão estipuladas pela mesma como sendo algo positivo. Percebem e sabem identificar que tipo de comportamentos não são bem aceites pela sociedade, referindo o seguir “caminhos” da droga, das lutas, álcool, das passas (churros de tabaco ou outro tipo), de “ser os que acham mandam na escola”, magoarem os mais novos, e estarem sempre a provocar os mais fracos.

Questão 3: Que comportamento dito “fora da norma” tem praticado mais frequentemente?

Relativamente às respostas dadas pelos adolescentes que participaram no grupo focal, entende-se que estes percebem que comportamentos normalmente praticam e sabem que não os devem ter, bem como o motivo para tal. Focam a falta de confiança que sentem aquando de um momento avaliativo e que usam cábulas para colmatar a situação, alegam que por vezes utilizam as cábulas para se sentirem mais seguros e confiantes,

referindo que se sentem “stressados“. Referem também que o uso do spinner e dizer palavrões faz bem, para alívio do stress, e que por ficarem nervosos, não controlam o tom de voz.

Questão 4: O que considera ser a Perturbação do Comportamento?

Segundo a opinião dos adolescentes do grupo focal aplicado, entende-se que os adolescentes não conseguiram definir P.C., alegando que já ouviram falar, mas não se obtém uma definição. Foi explicado o significado da P.C., procurando ajudar a entenderem o conceito.

Questão 5: Quais considera ser o(s) comportamento(s) que o Adolescente tem, para lhe ser diagnosticado a Perturbação do Comportamento?

Os adolescentes definem conscientemente quais são os comportamentos que podem levar a ser diagnosticada uma P.C. Os elementos do sexo masculino exemplificam comportamentos de cariz mais agressivo a nível físico, como estragar material da escola, andarem sempre em lutas, fazerem chacota de outros adolescentes mais vulneráveis, entrarem em vícios. Já os elementos do sexo feminino, exemplificam comportamentos mais relacionados com falta de valores morais, como não saber escutar, responderem de forma incorreta para com o professor/funcionário, estragarem material que consideram necessário à utilização dos alunos e bem-estar dos mesmos.

Questão 6: Que situações conduzem o adolescente a ultrapassar “os limites”? (Porque quebram as regras)?

Os adolescentes que participaram neste grupo focal, mostraram-se bastante conflituosos mesmo entre eles, estando sempre a confrontarem-se uns aos outros relativamente a assuntos que não se enquadram com a conversa a ser tida. Existe um adolescente que vive num ambiente conflituoso, referindo que pertence a uma espécie de “gang”, e refere que se o professor estiver sempre a fazer-lhe chamadas de atenção este pode tomar medidas como furar pneus ao professor em questão. São referidas situações

como o sentirem-se gozados pelos outros, não os deixarem fazer alguma coisa que desejam, andarem a contar os segredos uns aos outros, situações que frequentemente lhes acontecem e que vivenciam, de incumprimento de regras, e que por vezes geram discórdias e até impulsos agressivos.

Questão 7: Como se sente quando é levado ao limite?

Os adolescentes percebem que comportamentos normalmente praticam e sabem que não os devem ter, bem como o motivo para tal. Explicam com nitidez a forma como se sentem e as atitudes que têm quando são levados ao limite. Os elementos do género feminino referem que tentam ter uma conversa ou até discutirem com um tom de voz mais elevado. Um dos elementos do género masculino refere sentir-se enervado, com muito calor, ficando transpirado e levando-o a tirar a roupa. Todos os restantes elementos consideram que se sentem furiosos e com vontade de resolver rapidamente o assunto independentemente de terem de exercer violência ou não.

De salientar que os elementos do género feminino se mostram mais ponderadas, já os elementos do género masculino focam que com o vivenciar da discussão surge a adrenalina, e no momento de estarem a experienciar essa emoção, ficam abstraídos de tudo, até mesmo das consequências que podem advir daquela situação.

Questão 8: Qual a(s) atitude(s) por parte dos professores que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

Os adolescente ressaltam o facto das chamadas de atenção constantes, o abuso de autoridade e as advertências relacionadas com o contacto com os pais e os recados na caderneta. Os alunos relatam estes exemplos por vezes de uma forma revoltada, sentindo-se injustiçados com certas atitudes dos professores. De referir que se verificou uma certa revolta e frieza na forma como os adolescentes do género masculino falaram principalmente na parte de acusarem os professores de abuso da autoridade e de estes contactarem os pais para os informarem de comportamentos menos positivos que os adolescentes tiveram, sem terem conversado com eles e de lhes explicarem o que iam fazer.

Questão 8.1.: Qual a(s) atitude(s) por parte dos pais que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

Os adolescentes salientam o facto de os colocarem de castigo ser algo que lhes causa revolta, nomeadamente quando estão a jogar ou a ver tv e isso perturba-os. Estes demonstram sentirem-se furiosos e com vontade de não fazerem nada do que é pedido quando sentem que os seus interesses não são satisfeitos, bem como quando os pais os confrontam com algum assunto que os mesmos consideram que não fizeram algo de errado, mesmo que os pais lhes mostrem o contrário. De salientar que estas opiniões o grupo todo concorda com elas.

Questão 8.2.: Qual a(s) atitude(s) por parte do grupo de pares que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

Verifica-se uma revolta na transmissão de ideias por parte dos elementos do género masculino, que demonstram também serem os mais conflituosos e acham que na “porrada” é que se resolvem as coisas, referindo, um adolescente, que é dessa forma que se percebe quem é o mais forte (mostra atitude de líder). Estes transmitem ter uma vontade enorme de se vingarem assim que acham que algo está mal. O mesmo adolescente revela, que muitos dos seus colegas consideram que são eles quem mandam na escola e que, por exemplo, o campo é deles, bem como outros locais de lazer. Perante essa afirmação este revela-se indignado com essas atitudes e refere que muitas vezes tem de lhes mostrar quem manda (desafiando o líder do grupo oposto para lutar).

Questão 9: Que emoções nutre após quebrar uma regra? (terem um comportamento “fora da norma”)?

Os elementos exprimem com bastante naturalidade, a forma como se sentem e denota-se que os rapazes são muito mais impulsivos. Decidem partir para a viloência, achando que é a forma mais fácil de ser resolver um problema. As raparigas pensam mais na questão da amizade e no afeto que entretanto têm pela pessoa que até lhes possa ter causado "algum mal", bem como nas consequências que os seus atos podem ter, pelo que são mais ponderadas. Os elementos do sexo masculino referem sentir-se aliviados,

acrescentando que quando estão a bater, isso os ajuda a libertar o stress, porque lhes proporciona uma enorme adrenalina e só querem é vivenciar aquele momento e ganharem a disputa.

Questão 10: Consideram que o facto de ter comportamentos desajustados nas situações já anteriormente focadas, o leva a resolver essa situação?

Os elementos do género masculino, na sua grande maioria, considera que “a porrada”, resolve a situação logo de uma vez e denota-se que estes consideram a agressão física como um ato de coragem e de liderança. Enquanto que os elementos do género feminino transmitem que as agressões físicas devem ser só em último recurso. Transmitem também a falta de paciência para dialogarem concordando, a maioria, que a agressão física resolve uma situação na totalidade. “Muitas vezes só percebem uma linguagem, a da porrada.”.

Questão 11: Considera que a escola o auxilia em situações deste género? (alunos que têm comportamentos desajustados).

Os adolescentes definem que a escola é o Diretor e que é uma pessoa quase inatingível, passando por ser aquele que só os prejudica. Transmitem que o conhecem como uma pessoa rude e que só sabe impor regras. Os adolescentes consideram que nem sempre os professores conseguem atender às suas necessidades por serem muitos alunos. Que os auxiliares não se intrometem nas discussões, e que por vezes estes nem conseguem fazer o seu trabalho, não conseguindo cuidarem de tantos alunos. Estes demonstram que os elementos relativos à escola são distantes, não convivem com eles e alegam ainda a existência de poucos auxiliares para muitos alunos.

Questão 12: Considera que a família o auxilia em situações deste género? (alunos que têm comportamentos desajustados).

As adolescentes referem que os pais são quem mais os ajuda e quem mais se preocupa com eles, ressaltando o facto de nem todos os pais serem assim “pais presentes”.

Referem a falta de intercâmbio entre o encarregado de educação e o diretor de turma, demonstram que a presença dos pais e a educação que estes dão é importante para o seu desenvolvimento. Assinalam o facto de os pais irem falar com o diretor de turma sobre algo que possa preocupar o adolescente como ter algum problema com um colega, sendo que dessa forma o diretor de turma pode ajudar com maior facilidade a resolver a situação.

Um adolescente do género masculino relata que os castigos costumam a ser aceites, mas devem ser dados pelos pais, pois muitos filhos só aprendem dessa forma, acrescentando que os pais devem ser severos, uma vez que eles são muito rebeldes. Os elementos do sexo feminino demonstram que os pais castigam sob a forma de aviso, quando os adolescentes fazem algo de errado e enfatizam que o diálogo dos pais com os filhos é bastante importante, pois desta forma os pais podem aconselhar, mostrarem o que é mais correto a ser feito.

Questão 13: Acha que os professores estão preparados para terem alunos com estas características?

A maioria revela que não está preparado, no entanto, um adolescente refere que muitos professores já sabem lidar com estas situações por já estarem habituados. Os elementos do género masculino salientam o facto da experiência profissional levar a que os professores comecem a estar preparados para estas situações. Já os elementos do género feminino comentam que os professores mais compreensíveis, são os que conseguem ajudar mais, mostrando em contrapartida indignação por alguns professores, referindo que esses professores não se preocupam e ainda complicam mais as situações devido às críticas que fazem, chegando a punir, sem antes terem uma conversa com os mesmos procurando perceber as suas atitudes.

Questão 14: Acha que os pais estão preparados para terem filhos com estas características?

Tendo em conta a opinião dos elementos do grupo focal, verificou-se uma divisão de opiniões, em que alguns adolescentes consideraram que sim, que os pais estavam preparados, porque ser pai é querer o melhor para o filho e apoiá-lo. Enquanto que outros alegavam que não, uma vez que a PC “é uma coisa má” e como tal os pais não reagem

bem, embora uma adolescente refira que os pais se habituavam. Alegaram o facto de existirem muito pais que não querem saber dos filhos e conseqüentemente depois surgem patologias como a Perturbação do Comportamento.

Questão 15: Que Estratégias de Intervenção ajudariam a diminuir as conseqüências de P.C. de um Adolescente?

Segundo a opinião dos elementos do grupo focal, denota-se que os adolescentes sabem identificar quais as necessidades que têm, o que consideram ser uma mais valia para o bem-estar deles, bem como qual o material que faz falta na escola para que exista um melhor ambiente escolar. Enunciam exemplos como:

- Existir o diálogo/debate de assuntos que preocupem os alunos, por exemplo a que tivemos hoje;
- Passarem a existir mais funcionários e alguns serem focados para a intervenção específica de situações como a P.C., entre outros;
- Oferecerem formação aos alunos e a toda a comunidade escolar sobre o que é a P.C. e como agir em determinada patologia;
- A escola estar preparada para falar mais destas situações, através workshops.

7. Limitações ao estudo e linhas de futuras investigações

O presente estudo teve algumas limitações, sobretudo pela falta de colaboração da parte de alguns diretores de turma, escolhidos como objeto de estudo e investigação, para o grupo focal dos profissionais, que por sua vez ficou diminuído no seu número de participantes. O investigador deverá conhecer os participantes do estudo para prever eventuais perguntas perturbadoras e reduzir esse nível de perturbação, de forma a obter respostas legítimas e verdadeiras. No entanto, e apesar de alguns obstáculos, o guião foi entregue aos participantes. No mesmo era referido que se assegurava a confidencialidade dos dados, assim como, o anonimato. Fizemos uma nota explicativa acerca do objetivo deste questionário, aquando da sua distribuição, justificando que serviria para fundamentar uma investigação, no âmbito da elaboração de uma dissertação de Mestrado. Talvez por existir um estreito conhecimento dos participantes que faziam parte do grupo focal aos adolescentes de 7º ano, é de salientar que a aplicação deste grupo de discussão foi bastante complexa, uma vez que, estes dispersavam muito em cada questão, para além de preferirem utilizar o grupo de discussão para tentarem resolver assuntos entre eles e cada questão que era colocada era automaticamente associada a uma situação que tivesse decorrido com algum deles, pelo que era necessário serem chamados à atenção e centrar o diálogo na questão colocada.

No final desta investigação, consideramos que haverá possibilidade de se poder alargar, futuramente, este estudo. Perante a reduzida amostra de professores e, não se podendo generalizar os resultados a todas as escolas de Portugal, seria proveitoso aumentar a amostra da investigação alargando este estudo, num futuro próximo, através de uma investigação mais longitudinal, a todo o País, de forma a aferir a realidade sobre os conhecimentos que os profissionais de educação, funcionários, alunos e familiares têm e quais as estratégias de intervenção a utilizar de modo a serem minoradas as consequências da Perturbação do Comportamento.

Com base nos resultados obtidos e na conseqüente análise reflexiva, julga-se ser de referir algumas propostas de pesquisa futuras, tais como: Explorar a importância da existência de programas de formação, da responsabilidade do Ministério de Educação,

sobre a Perturbação do Comportamento que contenham conteúdos específicos que preparem os profissionais de educação e toda a comunidade educativa para lidar com esta problemática; e Explorar a importância da implementação de um programa de prevenção para crianças no âmbito de problemas de comportamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência é a faixa etária escolhida como população-alvo para esta investigação. A adolescência é uma “(...) transição desenvolvimental entre a infância e a idade adulta, que implica importantes mudanças ao nível físico, cognitivo e psicossocial.” (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p.508).

Ser um adolescente “dito normal” é ser detentor de um sonho e de um mundo que ainda está a ser construído através de dúvidas, de incertezas, de novas experiências, da conquista de uma identidade, onde existem mudanças, momentos de rebeldia e de revolta. Todas estas características são consequência das mudanças físicas e hormonais próprias desta fase de desenvolvimento, que acaba por ser uma etapa obrigatória num percurso considerado complexo e que conduz à conquista de uma identidade pessoal, afetiva e social, por parte do adolescente. O que mais dificulta a “vida” de um adolescente é a procura da identidade.

Ser um adolescente com Perturbação do Comportamento diagnosticada pode significar ter dúvidas no que diz respeito à procura de uma identidade, sentindo todo o conflito já anteriormente focado com o seu “EU”, acrescentando que, por norma é considerado agressivo, compreende mal as intenções dos outros, interpretando-as como mais hostis e ameaçadoras do que de facto são, responde à situação de forma agressiva, compreende a sua atitude como plausível e explicável. Facilmente denuncia o seu grupo de pares e culpabiliza-o pelas atitudes que ele próprio tomou. De salientar que este possui fraca tolerância à frustração, angústia, momentos de raiva e negligência, bem como baixa autoestima.

Esta dissertação surge na eventualidade de poder ser útil a quem a consulte, profissionais de educação, psicopedagogos, psicólogos entre outros, na medida em que apresenta uma visão global acerca da Perturbação do Comportamento. Verificou-se uma necessidade de alertar todos os intervenientes do processo educativo para a consciencialização desta perturbação e do que esta envolve. O papel do Professor é fundamental no desenvolvimento e nas práticas educativas do aluno, a formação inicial é necessária, assim como a formação contínua, de forma a completar ou atualizar

conhecimentos já adquiridos. Rodrigues (2001), aponta como necessidades a formação dos professores nos seguintes aspectos: perceberem os conceitos das patologias, trabalhar os problemas de desenvolvimento e implicações socioeducativas dos problemas em causa, apreender a executar uma adaptação curricular, verificarem as metodologias de intervenção existentes, perceber a importância da cooperação interdisciplinar e dinâmica familiar. Como se pôde observar a maioria dos inquiridos concorda com a opinião da autora e com a importância de rever o seu currículo, ou seja, verifica-se que os professores não têm formação no âmbito da P.C. Se não existir o mínimo conhecimento da problemática, os docentes acabam por cair na insegurança de acionarem uma intervenção relativa às dificuldades dos alunos e, conseqüentemente, poderão prejudicar o desempenho escolar e pessoal destes. Deve valorizar-se o trabalho multidisciplinar entre todos os técnicos e que todos passem a intervir no processo educativo, para assim se obter o sucesso esperado. A nível ético, todos os profissionais do ramo da educação devem reavaliar conceitos de afeto, impulso, conflito e resiliência e ponderar deixar de parte uma educação generalista. E, como tal, “É esperado que os professores construam comunidades de aprendizagem, criem a sociedade do conhecimento e desenvolvam as capacidades que permitam a inovação, a flexibilidade e o empenhamento na mudança” (Hargreaves, 2003, p.23). É exigido aos professores profissionalismo e que assumam as suas responsabilidades e funções específicas.

No entanto, é indispensável que se defina o diagnóstico correto e para tal é necessário esclarecer o que é a Perturbação do Comportamento, bem como saber descrever quais os sintomas associados a esta patologia. Deve existir ajuda na regulação da emoção e a exploração do desenvolvimento integral do adolescente, tendo sempre em conta o seu meio bio-psico-social. Os pais encontram-se muitas vezes sozinhos neste papel (de auxiliar os adolescentes nas adversidades da adolescência), assim como confusos e mal informados sobre a problemática dos seus filhos. Esta situação pode conduzir à ausência de imposição de regras, bem como à falta de conhecimentos dos comportamentos dos filhos, não conhecendo conseqüentemente se estes estão em fase de desenvolvimento de alguma problemática, não se podendo assim intervir de forma precoce. É de ressaltar, de acordo com os dados analisados, que os pais não têm formação sobre a P.C. e não aplicam Estratégias de Intervenção. Deve destacar-se que os filhos/alunos têm direito a um ambiente educativo, familiar e comunitário, que demonstre

esforços e apresente reforços para as necessidades dos adolescentes.

Os adolescentes têm uma grande dificuldade em terem uma perspectiva de futuro, mas é de salientar a importância de os adolescentes aprenderem a focar o que é importante e a definir objetivos e realizações que pretendem atingir, e esta será uma motivação que complementa o interesse dos pais para que os filhos concluam o ensino obrigatório sem grandes sobressaltos, o que nem sempre acontece como se verifica ao longo desta dissertação.

A parceria entre a escola, a comunidade escolar e a sociedade é necessária e deve acontecer de modo equilibrado. Estas entidades deverão apoiar-se mutuamente para poderem proporcionar todos os recursos necessários às necessidades e dificuldades dos adolescentes com Perturbação do Comportamento. Ao longo desta investigação constatou-se que os inquiridos apresentam um conhecimento algo disperso sobre o conceito de P.C., principalmente os adolescentes, verificando-se que estes não conhecem o conceito e, por sua vez, não conseguiram definir a patologia. Quanto aos profissionais de educação, denota-se que estes apresentam algum conhecimento relativamente às estratégias de intervenção a serem implementadas com estes adolescentes, mas como não têm formação patrocinada pelo Ministério da Educação, trabalham na sua maioria de forma individual e segundo as pesquisas relacionadas com a temática e a sua experiência. Os profissionais de educação transmitem apresentar ainda dificuldades na relação com os alunos diagnosticados com Perturbação do Comportamento, nomeadamente ao nível da comunicação, das relações sociais, nos comportamentos agressivos e estereotipados. Estes consideram o papel das famílias extremamente importante, assim como o contacto regular com as mesmas, contudo, algumas mostram alguma resistência tanto a nível da sua presença, como na aceitação a alterações propostas pela comunidade escolar.

Todos estes dados remetem para as estratégias de intervenção que teoricamente existem e são descritas na literatura, embora sejam aplicadas com muita dificuldades e bastante escassez, por falta de formação.

Para que se possam utilizar e aplicar as estratégias de intervenção de forma segura, é necessário o desenvolvimento de uma estratégia que passe pela implementação de um grupo de discussão, onde se possa dialogar frequentemente, e o mesmo deve ser realizado por profissionais experientes nas temáticas a desenvolver. Esta estratégia foi uma das mais referenciadas pelos adolescentes de ambos os grupos focais, sugerindo os mesmos

que seria a melhor estratégia a ser aplicada, de modo a minorar as manifestações da P.C. nos adolescentes. Portanto, verifica-se a necessidade de ser iniciada e dada uma posterior formação especializada, tanto facultada aos professores como aos familiares. Será deste modo que os profissionais de educação e os familiares irão compreender/aferir melhor quais as estratégias de intervenção a utilizar para minorar as consequências da P.C. num adolescente.

É importante que os adolescentes se façam ouvir e sejam ouvidos, mas para tal, também é importante que possamos adaptar a forma de comunicarmos com eles, à medida que se desenvolvem. Ao escutar os adolescentes, deve transmitir-se-lhes que se sabe o que sentem, que se compreende a injustiça que sentem quanto às retaliações e ao facto de existirem regras que são impostas devido a já estarem previamente estabelecidas pela sociedade. Os pais devem colocar-se no lugar dos filhos, no sentido destes compreenderem os receios que estes têm, de modo a que passe a existir menos revolta e que seja possível a elaboração de planos de intervenção para os adolescentes expostos aos fatores de risco já referenciados, e para que este conquistem a liberdade, que tanto anseiam, de uma forma mais equilibrada. De enfatizar o facto dos pais terem o dever de dar atenção aos comportamentos e atitudes dos filhos, bem como às alterações dos mesmos. À medida que os filhos crescem procuram a conquista da sua autonomia mas, no caminho que percorrem para chegarem à vida adulta, não deve ser descurado que estes ainda continuam a ser crianças, necessitando do auxílio dos pais e, sobretudo, da sua compreensão.

É realmente necessário ter em consideração que diversos estudos relacionam a Perturbação do Comportamento com o desenvolvimento e manutenção de comportamentos socialmente desajustados, em termos de dificuldades de integração social, legais e de criminalidade, bem como a interligação da P.C. com várias perturbações psiquiátricas. Pelo que se torna fundamental a clarificação das variáveis predictoras da Perturbação para o desenvolvimento de estratégias de prevenção eficazes, e para a sensibilização de pais e professores com vista ao diagnóstico precoce e respetivo encaminhamento do adolescente e da família para programas de intervenção que possam ajudar a minorar as manifestações desta Perturbação nas suas vidas. Algumas das estratégias de intervenção a aplicar de modo a tentar-se minorar as consequências das manifestações da Perturbação do Comportamento de um adolescente são: a aplicação de

grupos de discussão, desenvolvendo a importância de se dialogar, no sentido da partilha das preocupações e vivências do adolescente; a compreensão dos pais para com os adolescentes, a partilha de vivências, levando ao adolescente a perceber que pode confiar nos pais e que estes o podem auxiliar relativamente aos seus conflitos. Dar importância aos comportamentos dos filhos e se verificarem que os adolescentes estão expostos em demasia a fatores de risco, intervir, de forma preventiva e/ou remediativa, procurando auxílio de especialistas; a implementação de um plano de formação sobre a P.C. e outras patologias presentes na comunidade escolar, bem como a partilha de estratégias de intervenção a fim de minorar as suas consequências.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, L. & Freire, T. (2007). Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação. (4ª ed.). Braga: Psiquilibrios.

Alvarez, D. (2016). Avaliação DA Atividade Das Comissões de Proteção Das Crianças e Jovens. Relatório Anual, 2015. Lisboa: Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens. Disponível em: http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=5752&m=PDF.

American Psychiatric Association. (2014). Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais. [DSM-5]. (5ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.

Assis, S. & Silva, J. (2010). Grupo Focal e Análise de Conteúdo como Estratégia Metodológica Clínica-Qualitativa em Pesquisas nos Distúrbios Do Desenvolvimento. Universidade Presbiteriana Mackenzie: CCBS - Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento Cadernos de Pós-graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. São Paulo. (v.10(1), pp.146-152).

Bardin, L. (1997). Análise de conteúdo. Lisboa: Editora Edições.

Borges, C., & Santos M. (2005). Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. Revista da SPAGESP, (vol.6(1), pp.74-80). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702005000100010&lng=pt&tlng=pt.

Bravo, S. (2001). Técnicas de investigación social: teoría y ejercicios (4ª ed.). Madrid: Paraninfo - Thomson learning. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/53545006/Tecnicas-de-Investigacion-Social-bravo>.

Calixto, P., Cavalcante, R. & Pinheiro, M. (2014). Análise De Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, (vol.24, (1), pp. 13-18).

Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.

Campos, C. (2004). Método De Análise De Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Rev Bras Enferm*, Brasília. (vol.57(5), pp.611-4).

Campbell, J., Lindzey, G. & Hall, S. (2000). *Teorias da Personalidade*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed Editora.

Canhota, C., Fonseca, C., Maia, M^a Conceição, Melo, M., Nicola, P., Silva, E., Simões, J., Ramos, V. & Yaphe, J. (2008). *Investigação Passo a Passo – Perguntas e Respostas Essenciais para a Investigação Clínica*. (1.ªed). Lisboa: Núcleo de Investigação da APMCG.

Carvalho A., Mateus P. & Xavier M. (2015). *Saúde Mental em Números – 2015*. Programa Nacional para a Saúde Mental. Lisboa: Direção-Geral da Saúde. Disponível em: http://www.apah.pt/media/publicacoes_tecnicas_sector_saude_2/Saude_Mental.pdf.

CID-10 online. (1993). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde*. Disponível em: http://www.psicologia.pt/instrumentos/dsm_cid/.

Correia, L. (2008). *Inclusão e Necessidades Educativas especiais – Um guia para educadores e professores*. 2.ª edição. Col. Necessidades educativas especiais. Porto Editora.

Correia-Zanini, M. R. G., & Rodrigues, O. M. P. R. A Influência dos problemas de comportamento no desempenho académico. In: Valle, T. G. M. & Maia, A. C. B.

Competências Sociais, Problemas de Comportamento e Competências Académicas: Um estudo no 2º Ciclo do Ensino Básico

(2010). Aprendizagem e comportamento humano. São Paulo: Cultura Académica Editora.

Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na área das Necessidades Educativas Especiais (1994). Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade. UNESCO. Espanha. Disponível em: http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf.

Decreto-Lei nº. 3/2008 de 7 de janeiro. Diário da República nº.4/2008 – I Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Direção Geral de Saúde. 2007. Problemas de comportamento no adolescente e no adolescente. Lisboa: Ministério da Saúde. Disponível em: http://usf-fanzeres.min-saude.pt/educacao/Documents/Comportamento_SI_2007.pdf

Doron R. & Parot F. (2001). Dicionário de Psicologia. Lisboa: (1ªed.). Climepsi Editores.

DSM-IV-TR online. (2000). Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais. (4ª.ed). American Psychiatric Association (APA). Disponível em: http://www.psicologia.pt/instrumentos/dsm_cid/dsm.php.

Espírito Santo, A. (2014). Jovens e Comportamentos Delinquentes: “Ponte” - Programa de Prevenção Face à Recidiva. Dissertação de Mestrado, Escola de Psicologia e Ciências da Vida, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.

Facci, D. (2004). A Periodização do Desenvolvimento Psicológico Individual na Perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostski. Cad. Cedes: Campinas. (vol. 24(62), pp. 64-81).

Fonseca, V. (2005). Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem (8ª ed.). Lisboa: Âncora Editora

Garcia, C. & Rocha, A. (2008). A adolescência como ideal cultural contemporâneo. *Psicologia: ciência e profissão*, (vol.28(3), pp. 622-631). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000300014&lng=pt&tlng=pt.

Gleitman, H., Fridlund, A. & Reisberg, D. (2011). *Psicologia* (9ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Hargreaves, A. (2003). *Os professores em tempos de mudança*. Lisboa: Mc Graw-Hill de Portugal.

Kearney, A. (2008). *Compreender a Análise Aplicada Do Comportamento*. Porto: Porto Editora.

Kohlberg, L. (1958). *The Development of Moes of Moral Thinking and Choice in the Years Ten to Sixteen*, Unpublished doctoral dissertation, University of Chicago.

Lino, A. (2005). *Distúrbio do Défice de Atenção*. Tese de Licenciatura. Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa. disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0041.pdf>.

Lopes, J. (2002). *Problemas de comportamento, Problemas de Aprendizagem, Problemas de "Ensinação"*. Coimbra: Quarteto.

Marques, C., Marques, M. & Pardilhão, C. (2009). Perturbações do comportamento e perturbação de hiperactividade com défice de atenção: diagnóstico e intervenção nos Cuidados de Saúde Primários. *dossier: saúde mental infantil*, (vol.25(5), pp.592-599). Disponível em: http://repositorio.chlc.min-saude.pt/bitstream/10400.17/1583/1/Rev%20Port%20Clin%20Geral%202009_25_592.pdf.

Marques, C. & Cepêda, T. (2009). *Recomendações para a Prática Clínica da Saúde Mental Infantil e Juvenil nos Cuidados de Saúde Primários*. pp. 22-24. Disponível em: <http://www.acs.min-saude.pt/pt/saudemental>.

Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, (vol. 22(37), pp. 7-32).

Nelis, M. & Rae, G. (2009). Brief report: Peer attachment in adolescents. Journal of Adolecence,

Oliveira, C. (2008). Análise de Conteúdo Temático Categorial: uma proposta de sistematização. Rev. Enferm. UERJ, Rio de Janeiro, (vol.16(4). pp.569-76).

Oliveira, M. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. Psicologia em Estudo, (vol.11(2), pp.427-436).

Ornelas, J. (2008). Psicologia Comunitária. Lisboa: Fim de Século

Papalia, D., Olds S. & Feldman, R. (2001). O mundo da criança (8ª ed.). Lisboa: McGraw Hill.

Parrott, L. (2003). Adolescentes em conflito. São Paulo: Vida (vol.1 (1)).

Pinho, A., Mendes, L. e Pereira, M. (2007). Perturbação Hiperactiva com Défice de Atenção - Um problema negligenciado. Universidade Lusíada. Disponível em: <http://www.profala.com/arthiper9.htm>.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). Manual de Investigação em Ciências Sociais. (5ª ed.). Lisboa: Gradiva.

Robbins, S. (2002). Comportamento organizacional. São Paulo: Pretice Hall.

Rodrigues, D. (2001). Educação e Diferenciação – Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva. Coleção Ed. Especial. Porto Editora.

Rodrigues, D. (2003). Perspetivas sobre a Inclusão- Da Educação à Sociedade. Colecção Educação Especial, (nº. 14). Porto: Porto Editora.

Rodrigues, J. & Ribeiro, M. (2005). Análise do Comportamento. Porto alegre: Artmed.

Rosando, A. (2013). Perturbações do Comportamento na Infância e Adolescência: Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente. (nº4). Lisboa: Uma Revisão da Literatura.

Salavessa, M. (2015). Vinculação e Problemas de Comportamento em Adolescentes Orientador: José Brites Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Psicologia Lisboa. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6342/TeseFinal.pdf?sequence=1>

Silva, A. (2004). Desenvolvimento de Competências Sociais na Adolescência. Lisboa: Climepsi Editores.

Silva, E. (2013). As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. Revista Angolana de Sociologia, (vol.12, pp.77-99). Disponível em: <https://ras.revues.org/740>.

Silva, I., Veloso, A. & Keating, J. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. Revista Lusófona de Educação, (vol.26(26), pp. 175-190). Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n26/n26a12.pdf>.

Silva, M. (2009). Da Exclusão à Inclusão: Concepções e Práticas. In Revista Lusófona de Educação Lisboa: Centro de Estudos e Intervenção em Educação e Formação do Instituto de Educação – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, (vol.13 (13), pp.135-153).

Skinner, B. (1974/2006). Sobre o Behaviorismo. São Paulo: Cultrix.

Sousa, B. (2005). Investigação em Educação. (1ª ed.), Lisboa: Livros Horizonte.

Souza, D. & Souza, F. (2011). Internet Latent Corpus Journal. Universidade de Aveiro. (vol. 2(1), pp.1-5). Disponível em: <http://portal.doc.ua.pt/journals/index.php/ilcj/index>

Sprinthall, N. & Collins, A. (1994). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentalista*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Stenberg, L. (1987). Impact of puberty on family relations: Effects of pubertal status and pubertal timing. *Development Psychology*, (vol.24, pp.122-128).

Tuckman, B. (2005). *Manual de Investigação em Educação*. (2ª ed.), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vieira, R. (2011). *Educação e Diversidade Cultural – Notas de Antropologia da Educação*, Porto: Edições Afrontamento e CIID – Centro de Investigação, Identidade(s) e Diversidade(s), (pp. 67-157).

Xavier, M. (2011/2012). *Delinquência Juvenil: As consequências da ausência de vínculos familiares na adoção de comportamentos desviantes*. Projeto de Licenciatura, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.

Yin, K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Tradução: Daniel Grassi. (2ª ed.). Porto Alegre: Bookman.

ANEXOS

Anexo 1 – Diagnóstico da Perturbação do Comportamento segundo a DSM-5

Os critérios de diagnóstico, para cada uma das perturbações, estão definidos na DSM-5,

D. Padrão de comportamento repetitivo e persistente em que são violados os direitos básicos dos outros ou as principais normas sociais correspondentes à idade, que se manifesta pela presença nos últimos 12 meses, de pelo menos 3 dos 15 critérios a apresentar em qualquer das categorias, em que 1 dos critérios tem de se verificar presente nos últimos 6 meses:

1. *Agressão a pessoas ou animais*

1. Frequentemente inulta, ameaça ou intimida as outras pessoas.
2. Frequentemente inicia lutas físicas
3. Usou uma arma que pode causar dano físico grave aos outros (por exemplo, bastão, tijolo, garrafa partida, faca, arma).
4. Foi fisicamente cruel para as pessoas.
5. Foi fisicamente cruel para animais.
6. Roubou quando confrontou uma vítima (por exemplo, agressão, assalto por esticção, extorsão, assalto à mão armada).
7. Forçou alguém a ter atividade sexual.

2. *Destruição da propriedade*

8. Iniciou deliberadamente um incêndio com intenção de causar dano grave
9. Destruiu deliberadamente a propriedade outrem (outra ações que não iniciar um incêndio).

3. *Falsificação ou roubo*

10. Arroubou a casa, propriedade ou carro de outra pessoa.
11. Mentiu frequentemente para obter ganhos ou favores ou para evitar obrigações (por exemplo, “vigariza” os outros).
12. Furtou objetos de certo valor sem confrontar a vítima (por exemplo: furtos em lojas, mas sem arrombamento ou invasão; falsificação).

4. *Violação grave das normas*

13. Frequentemente permanece fora de casa à noite apesar da proibição dos pais, iniciando este comportamento antes dos 13 anos.
 14. Fugiu de casa durante a noite, enquanto vivia com os pais ou sem lugar análogo, pelo menos 2 vezes, ou só 1 vez por um longo período de tempo.
 15. Falta frequentemente à escola, com início antes dos 13 anos.
- E. A Perturbação do Comportamento causa um déficit clinicamente significativo no funcionamento social, acadêmico ou ocupacional.
- F. Se o indivíduo tem 18 ou mais anos de idade, os critérios de Perturbação antissocial da personalidade não são preenchidos.

Especificar se:

Existem três diferentes configurações para se averiguar em que faixa etária se desencadeou a perturbação do comportamento:

- Tipo com início na infância, é apresentado pelo menos um sintoma característico da perturbação do comportamento nos indivíduos até aos 10 anos.
- Tipo com início na adolescência, não são apresentados sintomas característicos da perturbação do comportamento nos indivíduos antes dos 10 anos.
- Tipo com início não especificado, não existe informação suficiente para se determinar em que idade existiu o primeiro sintoma da perturbação do comportamento, embora os critérios de diagnóstica desta patologia já estejam completados.

Especificar-se:

Com limitação nas emoções prossociais, o indivíduo tem de ter apresentado pelo menos duas das seguintes características, por um período de 12 meses. Para serem avaliados os critérios para este especificador são necessárias várias fontes de informação com conhecimento prolongado do indivíduo (eg.: pais, professores, grupo de pares).

1. Falta de remorso ou Culpa

O indivíduo mostra ausência de sentimento de culpa e de preocupação quanto ao que fez de errado e quanto às consequências negativas que podem advir dessa ação.

2. *Indiferença - falta de empatia*

“O indivíduo é descrito como frio e insensível” (DSM-5, APA, p. 564), ignora e não se preocupa com os sentimentos dos outros.

3. *Despreocupação relativamente ao seu desempenho com performance/consequências*

Não demonstra preocupação pelos relativamente ao seu desempenho tanto a nível escolar como profissional ou outras atividades importantes, chegando a culpar os outros pelo seu mau desempenho.

4. *Afeto superficial ou deficiente*

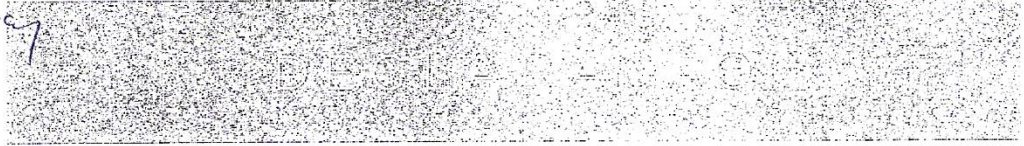
Não expressa sentimentos ou demonstra emoções aos outros, exceto de forma superficial ou insincera (por exemplo as ações contradizem as emoções demonstradas), utilizam também a expressão emocional para obter ganhos mostrando intuito de manipular ou intimidar as outras pessoas.

Especificar gravidade:

- Leve: poucos problemas de conduta, se existem, além daqueles exigidos para fazer o diagnóstico e os problemas de conduta causam apenas um dano pequeno a outros.
- Moderado: número de problemas de comportamento e efeito sobre outros são intermediários, entre "leve" e "severo".
- Severo: muitos problemas de conduta além daqueles exigidos para fazer o diagnóstico ou problemas de conduta que causam danos consideráveis ao outro. (DSM-5, APA, 2014, pp. 563 – 565).

Anexo 2 - Declaração da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

2017/21/22
SMB



Os Serviços Académicos da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti vêm, por este meio, declarar para os devidos efeitos que a Dr^a **Daniela Filipa Coelho Moreira** é estudante desta Escola, a frequentar o 2^o ano do Mestrado em Intervenção Comunitária, encontra-se em processo de recolha de dados para a realização do Trabalho de Projeto sobre *A Perturbação do Comportamento na Adolescência e Estratégias de Intervenção*.

Porto, 22 de fevereiro de 2017



DECLARATION - Higher School of Education of Paula Frassinetti

PAULA FRASSINETTI
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



Anexo 3- Pedido de autorização para a realização da investigação

2017/3/6
B.M. - e
A. L. 30

Porto, 6 de março de 2017

Exmo. Sr. Presidente António Aguiar

Assunto: Pedido de Autorização para a realização de investigação - A perturbação de Comportamento na Adolescência e as Estratégias de Intervenção.

Venho por este meio, requerer permissão no sentido de realizar a recolha de dados para fins de investigação relativa à unidade curricular Trabalho de Projeto integrada no Mestrado em Intervenção Comunitária da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, sob orientação da Professora Doutora Ana Márcia Fernandes. Começo assim por me apresentar para depois descrever o conteúdo do estudo em causa. Chamo-me Daniela Filipa Coelho Moreira e frequento o 2º ano de Mestrado em Intervenção Comunitária, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, e encontro-me no corrente ano letivo, 2016/2017, a compor a minha dissertação, procurando responder à seguinte questão: Que estratégias de intervenção podem ser utilizadas para minorar as consequências da Perturbação de Comportamento num Adolescente? Desta forma, penso que seria pertinente desenvolver a minha investigação nesta instituição, tendo como objetivo geral aferir quais as estratégias de intervenção que podem auxiliar na diminuição das consequências da Perturbação de Comportamento de um Adolescente.

Os Dados recolhidos são confidenciais e, em momento algum os participantes serão identificados, acrescentando ainda sob compromisso de honra que o funcionamento da instituição não será posto em causa.

Agradeço, desde já, a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,

Daniela Filipa Coelho Moreira

Anexo 4 – Pedido de autorização para a realização do Grupo Focal com Adolescentes

2017/6/2
D.F. Coelho
-Coelho-

Porto, 2 de junho de 2017

Exmo. Sr. Presidente António Aguiar

Assunto: Pedido de Autorização para a realização do Grupo Focal com Adolescentes - A perturbação de Comportamento na Adolescência e as Estratégias de Intervenção

Eu, Daniela Filipa Coelho Moreira, venho por este meio solicitar a autorização de V. Excelência, no sentido de realizar o Grupo Focal com Adolescentes para fins de investigação relativa á unidade curricular Trabalho de Projeto integrada no Mestrado em Intervenção Comunitária da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, sob orientação da Professora Doutora Ana Márcia Fernandes.

Os Dados recolhidos são confidenciais e, em momento algum os participantes serão identificados, acrescentando ainda sob compromisso de honra que o funcionamento da instituição não será posto em causa.

Agradeço, desde já, a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,

Daniela Filipa Coelho Moreira

Anexo 5 – Pedido de autorização para a realização do Grupo Focal com Profissionais

2017/6/2
ZM
- Com acordo.

Porto, 2 de junho de 2017

Exmo. Sr. Presidente António Aguiar

Assunto: Pedido de Autorização para a realização do Grupo Focal com Profissionais ligados à Educação, Encarregados de Educação e Psicólogos - A perturbação de Comportamento na Adolescência e as Estratégias de Intervenção

Eu, Daniela Filipa Coelho Moreira, venho por este meio solicitar a autorização de V. Excelência, no sentido de realizar um Grupo Focal com Profissionais ligados à Educação, Encarregados de Educação e Psicólogos, para fins de investigação relativa à unidade curricular Trabalho de Projeto integrada no Mestrado em Intervenção Comunitária da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, sob orientação da Professora Doutora Ana Márcia Fernandes.

Os Dados recolhidos são confidenciais e, em momento algum os participantes serão identificados, acrescentando ainda sob compromisso de honra que o funcionamento da instituição não será posto em causa.

Agradeço, desde já, a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,

Daniela Filipa Coelho Moreira

Anexo 6 – Guião da Entrevista Exploratória ao Diretor do Agrupamento

(Diretor do Agrupamento)

Esta entrevista exploratória é realizada no âmbito de uma tese de Mestrado em Intervenção Comunitária, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, na qual tratarei as questões que se relacionam com a Perturbação de Comportamento na Adolescência e Estratégias de Intervenção.

Agradeço, desde já, a disponibilidade na sua colaboração.

Parte I. Caracterização social

1. Idade _____
2. Habilitações académicas _____
3. Área de estudo _____
4. Número de anos que está nesta escola _____
5. Função desempenhada/categoria profissional _____

Parte II. Questões de Perturbação de Comportamento nos adolescentes

6. Que balanço faz, da sua experiência ao longo destes anos a prestar serviços à escola, do comportamento dos alunos?
7. O que entende por Perturbação de Comportamento?
8. A que se devem as situações de Perturbações de Comportamento dos alunos desta escola? (causas)
9. Tendo em conta a sua experiência, o nº de adolescentes com Perturbações de Comportamento, nesta escola, tem vindo a ser alterado? Em que sentido (para mais ou menos)?
10. Os comportamentos dos alunos, relacionados com as Perturbações de Comportamento, têm vindo a ser diferentes? Se sim, quais as diferenças que verifica nos comportamentos?
11. Nesta escola quais as consequências para os alunos que não cumprem regras? (comportamentos menos e mais graves)
12. Qual o nº de processos disciplinares por ano/mês nesta escola?

13. Acha importante intervir junto dos adolescentes com Perturbação de Comportamento?
14. Se sim, que estratégias considera pertinentes para minorar as manifestações da Perturbação de Comportamento nos adolescentes?
 - a. Nesta escola tem sido possível aplicar alguma(s) das estratégias?

Anexo 7 – Guião da Entrevista Exploratória à Psicóloga Clínica

(Psicóloga da Escola)

Esta entrevista exploratória é realizada no âmbito de uma tese de Mestrado em Intervenção Comunitária, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, na qual tratarei as questões que se relacionam com a Perturbação de Comportamento na Adolescência e Estratégias de Intervenção.

Agradeço, desde já, a disponibilidade na sua colaboração.

Parte I. Caracterização social

1. Idade_____
2. Habilitações académicas_____
3. Área de estudo_____
4. Número de anos que está nesta escola_____
5. Função desempenhada/categoria profissional_____

Parte II. Questões de Perturbação de Comportamento nos adolescentes

6. Que balanço faz, da sua experiência ao longo destes anos a prestar serviços à escola, do comportamento dos alunos?
7. O que entende por Perturbação de Comportamento?
8. A que se devem as situações de Perturbações de Comportamento dos alunos desta escola? (causas)
9. Tendo em conta a sua experiência, o nº de adolescentes com Perturbações de Comportamento, nesta escola, tem vindo a ser alterado? Em que sentido (para mais ou menos)?
10. Os comportamentos dos alunos, relacionados com as Perturbações de Comportamento, têm vindo a ser diferentes? Se sim, quais as diferenças que verifica nos comportamentos?

11. Nesta escola quais as consequências para os alunos que não cumprem regras?
(comportamentos menos e mais graves)
12. Qual o nº de processos disciplinares por ano/mês nesta escola?
13. Acha importante intervir junto dos adolescentes com Perturbação de Comportamento?
14. Se sim, que estratégias considera pertinentes para minorar as manifestações da Perturbação de Comportamento nos adolescentes?
 - 14.1. Nesta escola tem sido possível aplicar alguma(s) das estratégias?
 - 14.2. Se sim, qual/quais estratégia(s) e seus resultados.

Anexo 8 – Guião do Grupo Focal Profissionais

Este grupo de discussão é realizado no âmbito de uma Dissertação de Mestrado em Intervenção Comunitária, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, no qual trataremos questões que se relacionam com a Perturbação de Comportamento na Adolescência e Estratégias de Intervenção.

Agradeço, desde já, a disponibilidade na sua colaboração.

1. O que considera ser um adolescente “dito normal”?
2. O que entende por Perturbação de Comportamento?
3. A que se devem as situações de Perturbações de Comportamento dos adolescentes?
(causas)
4. O tipo de comportamentos dos alunos, relacionados com as Perturbações de Comportamento, tem vindo a ser diferente?
 - 4.1. Se sim, quais as diferenças que verifica nos comportamentos?
5. Tendo em conta a sua experiência, o nº de adolescentes com Perturbações de Comportamento, tem vindo a ser alterado? Em que sentido (para mais ou menos)?
6. Acha importante intervir junto dos adolescentes com Perturbação de Comportamento?
7. Se sim, que estratégias considera pertinentes para minorar as manifestações da Perturbação de Comportamento nos adolescentes?
8. Considera que os professores estão preparados para terem alunos com estas características?
 - 8.3. Se sim, de que forma?
 - 8.4. Se não, porque assim o considera?
9. Considera que os pais estão preparados para terem filhos com estas características?
 - 9.3. Se sim, porquê?
 - 9.4. Se não, porquê?

10. Que emoções verifica no adolescente quando este ultrapassa os limites?
11. Qual a(s) atitude(s) por parte dos professores que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?
- 11.3. Qual a(s) atitude(s) por parte dos pais que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?
- 11.4. Qual a(s) atitude(s) por parte do grupo de pares que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?
12. Os Pais/profissionais de educação têm formação no âmbito da P.C.?
13. Os Pais/profissionais de educação utilizam estratégias de Intervenção junto dos adolescentes com P.C.?
14. Que Estratégias de Intervenção ajudariam a diminuir as consequências de P.C. de um Adolescente?

Anexo 9 – Guião do Grupo Focal Adolescentes

Este grupo de discussão é realizado no âmbito de uma Dissertação de Mestrado em Intervenção Comunitária, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, no qual trataremos questões que se relacionam com a Perturbação de Comportamento na Adolescência e Estratégias de Intervenção.

Agradeço, desde já, a disponibilidade na sua colaboração.

1. O que é para si um adolescente “dito normal”?
2. Quais considera ser os comportamentos que saem da norma?
3. Que comportamento dito “fora da norma” tem praticado mais frequentemente?
4. O que considera ser a Perturbação do Comportamento?
5. Quais considera ser o(s) comportamento(s) que o Adolescente tem, para lhe ser diagnosticado a Perturbação do Comportamento?
6. Que situações conduzem o adolescente a ultrapassar “os limites”? (Porque quebram as regras)?
7. Como se sente quando é levado ao limite?
8. Qual a(s) atitude(s) por parte dos professores que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?
 - 8.1. Qual a(s) atitude(s) por parte dos pais que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?
 - 8.2. Qual a(s) atitude(s) por parte do grupo de pares que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?
9. Que emoções nutre após quebrar uma regra? (terem um comportamento “fora da norma”)?
10. Considera que o facto de ter comportamentos desajustados nas situações já anteriormente focadas, o leva a resolver essa situação?

- 10.1. Se sim, porquê?
- 10.2. Se não, porquê?
- 11. Considera que a escola o auxilia em situações deste género? (alunos que têm comportamentos desajustados).
 - 11.1. Se sim, porquê?
 - 11.2. Se não, porquê?
- 12. Considera que a família o auxilia em situações deste género? (alunos que têm comportamentos desajustados).
 - 12.1. Se sim, porquê?
 - 12.2. Se não, porquê?
- 13. Acha que os professores estão preparados para terem alunos com estas características? (Motivo?)
 - 13.1. Se sim, porquê?
 - 13.2. Se não, porquê?
- 14. Acha que os pais estão preparados para terem filhos com estas características? (Motivo?)
 - 14.1. Se sim, porquê?
 - 14.2. Se não, porquê?
- 15. Que Estratégias de Intervenção ajudariam a diminuir as consequências de P.C. de um Adolescente?

Anexo 10- Transcrição da Entrevista Exploratória ao Diretor do Agrupamento

- **Q-** Questão
- **R-** Resposta

Q- Gostaria de primeiro saber se possível a sua idade?

R- Sou uma pessoa estreinamente jovem 65 anos

Q- Quais as habilitações académicas, ou seja o que tirou.

R- Tenho uma licenciatura e de seguida tirei um pós graduação em admistração escolar.

Q -Gostaria de saber a quantos anos esta nesta escola.

R-Estou nesta escola a partir de 2012, com a constituição de mega agrupamentos no qual e constituído por 3 agrupamentos que tem miudos dos 3 anos ate ao 12º, o mega agrupamento que tenho aqui em baltar abrangendo 6 freguesias do conselho, temos todo e qualquer tipo de ensino até ao 12º ano , para além dos cursos profissionais, da biblioteca, uma sala de professores...

Q-Antes de estar cá...

R- já tinha sido director de outro agrupamentos, no agrupamentos das escolas de baltar.

P- Mas era mais a básicas e 1º ciclo

R -era do 1º ano ecolar ao 9º ano, agora passou a escola secundária, passamos a lecionar 10º, 11º e 12º , no qual é chamado ensino secundário.

Q-então, agora a nível profissional o que desempenha cá?

R-Sou director do agrupamento já à bastantes anos já do tempo da escola ou seja deste de 1990 ou 1991, já dei muitas horas da minha vida a este agrupamento.

Q- acredito é por amor a camisola, parece-me então uma ótima fonte de informação.... Que balanço faz desta sua experiência como director, mais precisamente nesta escola ao longo deste anos que esta cá, incidindo na faixa etaria da adolescência?

R-Ou seja 2º ciclo, 3º ciclo e secundário... O balanço que eu faço é que mem todos os adolescentes são bons alunos, neste momento os alunos que se evidenciam com comportamentos disrruptivos são os de 7º ano. O mais interessante disto tudo é que os alunos do ensino secundário os que eram os destruidores deixaram de ser e agora esse tipo de comportamentos está mais focado no 3º ciclo 7º, 8º e 9º anos e desses esta mais

focado no 7º e perguntam as pessoas porque? Muitos pais, não percebem a situação e não estão atentos. Estes tentam é negar o que é a boa educação, acredito que não seja toda a gente, mas a maioria colocam em causa a própria formação dos educandos e por questões pedagógicas são os professores os culpados e quem tem de educar mas não, quem os vai defender não é a sociedade, nós sabemos que a sociedade é quem os indicia mais por esses caminhos e a sociedade também são os pais que não dão o exemplo. Por outro lado temos o facto de o pai e a mãe terem que trabalhar para face as despesas e os filhos ficam em entregas sabe lá quem ou ao vizinho ou a ninguém, por aí, verificamos depois os resultados, temos comportamentos inaceitáveis.

Q -Diga-me o que entende por perturbação de comportamento?

R- Pertubação de comportamento, são alunos que não se enquadram quer nas normas que são actualmente aceites quer nos regulamentos internos da escola e do ministério no qual aprovou e delineou o que são as normas no qual estão também os deveres do aluno além disso são regulamentos normais para que exista um bom relacionamento entre as pessoas.

Q- Quando as situações de perturbação do comportamento existem nos alunos desta escola?

R- temos alguns alunos, normalmente numa turma de 28 a 30 alunos e cada vez mais as turmas têm mais alunos de acordo com o ministério regulamenta.

Q - Mas concorda com isso ?

R- Não concordo de maneira nenhuma , mesmo não dando aulas à 15 anos, sei que é impossível controlar tantos aluno numa sala de aula, portanto basta que tenha 3 a 4 miúdo com comportamento do género que destrói completamente a sala de aula. Estão sempre constantemente a interromper a aula, quebrando o ritmo de uma aula. Se não houver uma postura aceitavel entre o aluno e o professor não vamos a lado nenhum e não existe sucesso, portanto é algo que o ministro sabe. A postura de um professor dentro da sala de aula tem que ser de autoridade, não autoritário mas sim de autoridade, se um professor diz calem-se é para se calarem senão não há clima dentro da sala de aula para se proporcionar o ensino.

Q - tendo em conta a sua experiência, acha que o número de adolescentes com perturbação do comportamento, nesta escola em específico, tem-se alterado de alguma forma?

R-Sim tem vindo a ser alterando por uma razão muito simples, quando cheguei cá a havia

comportamentos de libertinagem, muito permissivos, desde aí temos tentado com a ajuda dos encarregados de educação, diretores de turma e corpo docente, para que os alunos percebam quem sem ter um clima calmo não é possível obter resultados escolares, por isso alteramos o regime de horários escolares e o ambiente dos alunos acalmou, pois na parte de manhã passou a ser só alunos do ensino secundário, na parte da tarde já são mais barulhentos notando-se que já são alunos do 7º, 8º, e 9º anos, portanto são alunos muito mais barulhentos, fazem aquelas brincadeiras impróprias para a idade deles, mas nós com a experiência sabemos que o aluno tem aquele comportamento, já com intenção, nós sabemos perfeitamente qual o comportamento de um adolescente a nível individual e como em grupo tem comportamento diferentes.

Q- em que sentido acha que esse foram os piores anos, e o porquê de serem esses os piores anos?

R-Para mim é normal os alunos terem comportamentos disruptivos pois são alunos que saem da negativa, e aquele aluno que consegue conquistar o professor é aquele aluno que consegue enfim por em causa toda uma estrutura de uma sala ou de uma escola são alunos com necessidades de auto disciplinação ou quando o aluno entra na adolescência querem mostrar-se que já cresceram e que já sabem fazer uma as coisas, as pessoas de psicologias podem explicar melhor que eu, mas quando a mudança notasse essa diferença de comportamentos perfeitamente.

Q – em que sentido acha que a prevenção destes comportamentos podia existir em que sentido?

R - Nós fazemos isso todos os anos, a partir do momento que encontramos comportamentos desviantes é contactado logo os pais pelo diretor de turma, o grande problema é quando a família desfaz tudo que a escola faz ou quando as famílias contrariam tudo que a escola faz. Exemplos disso é alunos a dizerem, o meu pai diz que a professora não sabe o que diz e a partir deste momento a estrutura familiar coloca em causa a estrutura pedagógica, o que a escola está a fazer por esse miúdo. Nós logo na primeira hora sabemos que o aluno que passa do 5 para o 6 negativas e teve esse tipo de comportamentos, em primeira mão faltou a estrutura familiar, e sabemos que do ano anterior já existiam problemas e se não houver uma coordenação muito eficaz da escola com a família não podemos fazer nada . Quando a família e a escola têm que estar no mesmo lado da barricada agora se a escola estiver de um lado e a família de outro não se

consegue fazer nada e para o aluno o dever e quem “manda mais” é o pai e a mãe, portanto a família e a escola têm que estar no mesmo lado por que o objetivo é o mesmo, a educação do miúdo.

Q- acha que só a família influencia ou o facto de eles conviverem no meio de amigos, grupo de pares também influencia qual é a sua opinião?

R- sabemos que hoje em dia a sociedade a começar pelos nossos políticos, não existem os mesmos valores que no princípio o chamado salvesse quem poder, se toda a gente falasse esta realidade basta vermos este exemplo na comunicação social de dinheiros que andam por aí desviados não há preço, não há valores e o salvesse quem poder, por aqui uns dias temos uma sociedade com policiais de um lado e os ladrões no outro e isto não pode ser.

Q- Considera que os alunos estão praticamente a viver a luta pelo o poder?

R- acho que sim, na sociedade na família na rua, podem estar na lutar pelo o poder e não perceberem isso é o inconsciente é a maneira que têm para se poderem defender, nós na escola continuamos a defender valores, muitas vezes a família sendo membros da própria sociedade não dá exemplo e mostrem aos miúdos que o melhor é executarem o salve quem poder , por exemplo estes dizem que o meu pai é trolha e ganha mais que a professora, o meu pai tem uma oficina de motorizadas e é verdade pois o professor é mal pago, estes pais transmitem este tipos de mentalidades aos miúdos é realmente o praticarem o salvesse quem poder e não pode ser.

Q- então acha que este tipo de mentalidade interfere com o poder do professor e consequentemente que consequências provoca?

R - Não porque a família ainda concorda com aquilo que o professor ensina e os valores que a escola tem são valores a ter em consideração, embora no dia a dia os alunos ponham de lado, não sei se faço entender, acho que os valores que a sociedade transmite é que são os valorizados e os tidos em conta passando a ser os vivenciados. O que se tem vindo a verificar é que no dia a dia, algumas famílias que culturalmente não se preocuparam passam a valorizar mais a parte material como compensação.

Q- Ao longo deste anos acha que a perturbação de comportamento tem modificado as atitudes dos alunos?

R- tem modificado por falta de um consumo de valores da própria sociedade

Q-Quais considera sejam essas alterações, ou seja no comportamento dos adolescentes

com características da P.C.

R-principalmente na sala de aula que me parece muitas vezes. Gostaríamos que aparecesse menos alunos com comportamentos desviantes pois nós muitas vezes temos 3 alunos numa turma 2 noutra, outras sem nenhum e muitas vezes esse comportamentos acabam por pôr em causa a autoridade do professor e o interesse por parte dos outros alunos e aparece também aqueles alunos que não querem aprender porque são obrigados no qual querem ir para casa trabalhar com o pai, no que acabam por acabar de trabalhar como pedreiro ou na construção civil. Há uma nova realidade que alunos que não querem aprender no qual apareceu quando o ensino foi tornado obrigatório. Foi uma opção política no qual não contesto, mas não criaram estruturas para esse alunos entrarem no ensino educativo de uma forma gradual, agora dizem que vais fazer o 12º no qual o currículo etc etc não iram sentir bem integrados nessa nova realidade.

Q- no que considera ser características de um aluno realmente com distúrbios de comportamento e o que agora seja um aluno com essas características no comportamento em concreto o antes e o agora.

R- A grande diferença agora parece-me a mim que é que por em causa a própria autoridade do professor, cada vez mais se questiona isso, já nada lhes interessa são alunos que podem ser expulsos da sala de aula e nada os interessa como expulsos da escola, são os casos mais graves no qual nós encaminhamos para a CPCJ, são alunos que muitas vezes os próprios encarregados de educação não sabem o que fazer com eles. Temos muitos pais que dizem que já não sabem o que fazer com eles, os próprios filhos.

Q- Considera que se coloca em causa uma autoridade de um professor nestes adolescentes?

R-Acho que é a própria sociedade que o põe em causa muitas vezes dizemos que é a nossa própria comunicação social a opinião de um ministro de um jornalista, vale a mesma coisa, repara a nossa sociedade coloca tudo em causa e mais alguma coisa às vezes uma pessoa desclassificada sem qualquer formação dá a opinião e ao lado tem uma pessoa responsável e com formação a comunicação social dá importância aos dois da mesma maneira e isto não pode ser. Muitas vezes não se pode traduzir com o mesmo grau de importância. Agora até mesmo quem bebe um copo a mais e dá uma opinião, hoje em dia a quer falar e a comunicação social dá logo

o microfone, já tem voz mesmo que seja para dizer barbaridades. Ninguém dá o microfone

para ele dar a sua opinião portanto nós sabemos que a comunicação social julga e condena em praça pública pessoas que têm credibilidade e quando isso é possível por em causa a autoridade, acho que por vezes existem influências do meio e dos média e repara que os nossos alunos, muitos deles têm televisão no quarto no qual é uma coisa que discordo plenamente e que a família já não fala nem às refeições, vocês são jovens e sabem bem disso, estão no quarto ou ao telemóvel, ou a jogar, mas não é só em casa pois vão para um restaurante e estão sempre com o telemóvel. A família já não fala uns com os outros, são modelos que nos chegam através de notícias de filmes dos programas, só transmitem falta de rigor e de formação dos próprios pais na educação dos próprios filhos, pois passaram um período no qual posaram tudo em causa. Era militar durante o 25 de abril e vivi essa experiência e todo se pos em causa porque foi tudo abalado todos os sistemas e pilares sociais e culturais foi tudo abalado e o que vemos hoje são miúdos a serem fruto de uma geração em que todos os valores foram escassos.

Q- O que acha que os alunos fazem quando um professor como disse perde um pouco de autoridade, por exemplo o professor diz "cala-te" e o que ele faz posterior a isso ?

R – ora bem um aluno normalmente impede de um professor da a matéria para aquela aula, aquela expressão que os alunos dizem " mandam aquelas bocas" e tenta mandar comentários a cerca dos colegas e isso quebra o ritmo da aula, muitas vezes o professor tenta chamar a atenção do aluno para não fazer isso e por muitas vezes poem isolado numa cadeira e continua a fazer intervenções menos improprias e acaba no final de o explodir da aula isso e a primeira forma, portanto nos consideramos um comportamento desviante quando um aluno não capta as informações do professor, essa informações não são em função do professor mas sim esta a incomodar quem os colegas. Se estiver sempre a incomodar o professor tem mais dificuldade em chegar ao fim da aula ninguém percebe, e é preciso concentração no que se está a fazer portanto esses alunos são aqueles que têm comportamentos desviantes para além desses comportamentos, não acredito que sejam todos, mas cada vez a mais, daquilo que não gostaríamos, mas há alunos bem comportados, mas existem nas escolas e são esses poucos alunos que perturbam uma turma inteira, no qual para esse alunos o que o professor diz não tem qualquer significado.

Q- Quando a atitudes que a escola tenha relativamente a alunos que perturbam mais ou menos, que tenham essa características de perturbação de comportamento?

R- para ser mais simples tratamos com o director de turma e o director de turma com o

encarregado de educação do aluno para casos mais complicados são muitas vezes encaminhadas para um psicólogo que tenta fazer uma avaliação a ver se o aluno se tem qualquer disfuncionamento que faça para que tenha aquele comportamento mais complicado alguma desordem e aplicado processo disciplinar no qual é aplicado por lei e o aluno compre os castigos disciplinares que esta previsto na lei que vai ate a expulsão ate 8 dias da escola e transferencia obrigatoria do aluno para outra escola, portanto isto esta previsto na lei pelo ministério da educação, continuo a dizer aquilo que disse à pouco, tem a ver com a familia a sociedade e o aluno tudo isso esta implicito. Se a sociedade for um meio como nós temos aqui é um meio calmo pois os alunos daqui não têm nada para ver comprando com os alunos do porto que insultam os professores e quase que lhes batem, mesmo com polícia à porta. Nós aqui não temos nada disso agora temos sociedade temos familia, temos escola portanto não é um sucesso, numa escola pública temos o que é de melhor na sociedade mas também o pior que existe na sociedade e como tal o que a de pior na sociedade temos que moldar para que se ajuste às normas. Uma participação na qual é encaminhada para o director de turma e quando e grave manda logo para mim, o mais interessante é quando se aplica um castigo disciplinar por exemplo suspensão de 3, 4 dias os pais não querem que fiquem em casa não pelo facto de perderam as aulas mas sim pelo facto não ter ninguem que fique com eles em casa .

Q- Consegue miminamente quantificar por ano quanto processos disciplinares tem vindo a ser efectuado.

R- Não, os processos disciplinares sas divididos por escola basica e secundária, agora 3 ou 4 por ano não são muitos mais são aqueles casos complicados que normalmente a gente consegue resolver com os encarregados de educação.

Q- e esta situação de casos menos graves são quantos por ano?

R-Não sei, este ano levantei 2 processos disciplinares um aluno que bate na mãe, são esses tipos de casos e a ultima situação foi encaminhada para cpcj que foi encaminhado para uma instituição, são casos excepcionais no que aparece um ou 2 por ano.

Q- acha importante interver junto desse adolescentes tanto nos comportamentos graves como no menos graves?

R-São todos graves, processo de averiguação no qual pode resoltar de um processo disciplinar , se o aluno se aperceber que teve um comportamento menos impróprio, mas aqueles comportamento que sabemos que não são próprios da idade e se o diretor de turma

atuar junto da família e quando o aluno chega a casa o pai e a mãe já sabem a que se deve esse comportamento, ótimo. Agora se esse comportamento só for comunicado no dia seguinte um dia ou 2 ou uma semana já não tem qualquer efeito, agora se o pai e a mãe sabe o aluno ao entrar dentro de casa os pais atuam logo, agora se for passado 2 ou 3 dias o aluno já fez outras tantas, só tem efeito se atuar na hora.

Q- Que estratégias considera pertinentes a ser executadas nesses adolescentes para que sejam melhoradas as manifestações da Perturbação do Comportamento

R- eles têm que ser sensibilizados que existem normas numa sociedade na rua numa piscina a normas o aluno quando sai da escola pais tem que mentalizar os adolescentes que numa sociedade existe regras. Se o aluno tiver comportamentos dentro de uma oficina que não esteja na escola o patrão põe fora e não o quer mais. Eles têm que ter consciência disso e nós a sociedade estamos a respeitar normas sem nos aperceber que estas são socialmente aceites no qual estamos a respeitar normas que foram criadas socialmente, portanto a primeira coisa é sensibilizar os alunos para as regras e normas existentes na sociedade, depois sensibilizar os alunos que quando têm esse comportamentos são sempre prejudicados, pois quando um aluno está dentro da sala de aula e perturba está a perturbar os colegas, e os outros colegas têm direito a ter aulas calmas e normais. Se o aluno acha que tem direito a perturbar isso não tem direito ele tem é o dever de estar calado para o professor ter uma aula com um clima calmo para que possa transferir os seus conhecimentos. Portanto o que está em causa é o direito e os deveres do aluno, portanto o aluno não tem o direito de perturbar os outros colegas. Nós temos que mentalizar com ajuda do professores, pais e quando ultrapassa a nossa esfera nós passamos para os psicólogos se percebermos que existe mais alguma coisa encaminhamos para a segurança social, verificar se existe algo físico ou psicológico.

Q- Nesta escola existe estratégias de intervenção que considere importantes e tem sido possível aplica-las?

R- Penso que sim e aqueles casos que acontecem e passam completamente despercebidos que muitas vezes os alunos pegam-se aqui por questões familiares e o que muitas vezes acaba por abranger os miúdos e acabam por ter algumas agressões físicas, porque são questões já do exterior o que costumo dizer é a escola e o reflexo da sociedade.

Q - Agora focando mais nas estratégias mais frequentemente ou seja mais importante e os resultados que advêm da mesma aplicação.

R-O mais interessante é isso, à pessoas que fazem projectos, só que na pratica não resultam, muitas escolas têm sala chamadas salas do aluno, nós continuamos a dizer que a intervenção do diretor de turma e do psicólogo quando é necessario é o suficiente. É fundamental fazer logo, e diretor de turma chama o psicólogo se necessário isto sim é muito importante, o diretor de turma é o mais responsável pelo comportamento dos alunos na sala de aula, todo o diretor de turma que estiver atento, descobre a problemática da sua turma os problemas são logo resolvidos pelo diretor de turma, agora fazer grandes planos na teoria na pratica não funciona. Já tentamos fazer isso mas não funciona agora se houver um problema e falar com o diretor de turma e tentar resolver o problema e entrar em contacto com o encarregado de educação se for mais complicado pede ajuda ou psicólogo. O director de turma sabe quem são os alunos que sistematicamente têm comportamentos desviantes, às vezes um simples problema de família é suficiente. Este ano temos mais alunos com pais divorciados e os comportamentos começam a mudar e nós temos que estar atentos para saber o que aconteceu e acabam por fim conversar connosco, posso dizer que muitas vezes os próprios alunos conversam mais com o diretor de turma. Estamos a falar daqueles alunos que têm comportamentos desviantes e não todos outros, se no caso a cpcj não tiver solução para eles, encaminha-se para tribunal. Quando a familia falha e a sociedade e a família do aluno os comportamento depende da sociedade onde vivem e os próprios pais se vinculam das suas próprias obrigações, são percentagens pequenas mas que existem existem. O que significa que os alunos que têm casos de comportamento desviantes temos tentado resolver muitas vezes conculhando os pais que isto não tem nada a ver com a escola mas ir ao médico de família ou psicólogo e muitas vezes há falta de encaminhamento. Muitas vezes é o que o psicólogo da escola faz é o encaminhamento por exemplo psicólogo - pediatra, queremos pelo menos que nos digam onde esta a origem dos comportamentos para saber que comportamento a adoptar perante o aluno.

P- Considera que esses comportamentos têm vindo a aumentar ou a diminuir ao longo destes anos de experiência?

R-Aumentar, era costuma ser aos 14/15 anos agora é aos 12/13 anos. Agora aqueles comportamentos desviantes sempre houve na escola e todos nós sabemos quando os alunos que têm aqueles comportamentos próprios da adolescência e quando há mudança de comportamento.

Q- Considera então que um trabalho multidisciplinar é o sucesso para se obter bons resultados?

R-Sim nós professores não somos médicos, nós temos uma formação específica que é na parte científica e temos na parte pedagógica, mas há muitas áreas que nos ultrapassam, o próprio ser humano é multidisciplinar e como tal temos que recorrer a essas informações e pessoas diferentes para isso. O que compete só à escola, à escola compete encaminhar se o aluno necessitar, nós estamos aqui para o aproveitamento do aluno.

Q- Achas que deveria existir formações específicas, como resolver, como colmatar, ou como aplicar estratégias da Perturbação do Comportamento?

R- Há muita informação nesse sentido

Q-Acha que essa formação deve ser aplicada aos professores ou aplicada aos pais

R- Já se começou a fazer essa formação virada para os pais, e essas formações são dadas à noite e nem todos os pais estão disponíveis para tal, agora para professores e funcionários têm formação disponível. Os pais que normalmente vêm à escola são pais interessados na educação dos filhos, automaticamente vão à escola para saber como está o filho, agora aqueles pais que só vão à escola de vez em quando e estão sempre a reclamar daquilo que não deviam de reclamar. Mas acompanhar o filho isso não vêm e muitas vezes é chamado a aparecer na escola e não aparecem, um pai interessado aparece na escola sem que seja para saber se o filho está ou não a tirar boas notas, e a mentalidade que os pais só são chamados à escola quando há problema, essa mentalidade tem que acabar.

Q- Consideraria uma boa ideia criar uma associação de pais mais específica para estes adolescentes com estas perturbações?

R- Não, sabe porquê? Ia se criar uma associação para outras coisas completamente diferentes e muitas vezes existe a arte de querer mandar e muitas vezes quando a associação de pais é para ajudar a colaborar, as pessoas pensam, temos esse problema como vamos resolver em conjunto agora mas ninguém dá ideias e a maioria dos pais nem aparece. Portanto a associação de pais com características específicas, não valeria a pena e muitos pais não têm formação pedagógica e um trabalho que não se vê isso se muda ao fim de 3 a 4 anos, logo não são resultados imediatos.

Anexo 11- Transcrição da Entrevista Exploratória á Psicóloga da Escola

- **Q-** Questão
- **R-** Resposta

Q- gostaria de saber primeiro idade, habilitações académicas...

R- Tenho 37 anos, sou mestre em consulta psicológica e família.

Q- Área de estudo?

R- Sempre em área de desenvolvimento, ou primeira infância e adolescência ou até mesmo terceira idade que a minha tese está até terceira idade.

Q- Quanto tempo está nesta escola?

R- Estou desde o ano letivo 2009/2010 até 2016/2017, ou seja, 8 anos.

Q- Funções que desempenhava nesta escola?

R- Responsável pelo serviço de psicologia e orientação, ou seja, todo o acompanhamento reportava à direção, portanto todo o meu trabalho tinha que ser reportado à direção, e a partir daí, os eixos da ação direcionados ao aluno, ou trabalho diretamente com diretores de turma, funcionários... um trabalho muito orientado, a questão de orientação vocacional fez implementar nos alunos do 9º, e quando o agrupamento fez juntando o ensino secundário. Então todo o trabalho de psicologia e orientação era feito para tudo, trabalho também com educação pré escolar, muito mais dirigido para o trabalho direto com as educadoras e menos com as crianças porque não há tempo para o desenvolver, quem tinha uma ação mais direta com a psicóloga era fazer esse tipo de intervenção até por falta de mobilização que era necessário fazer, até porque tinha de me deslocar às escolas do 1º ciclo para fazer esse tipo de orientações. Portanto trabalho com pais, quando era solicitado, e a intervenção com algum adolescente ou criança em particular.

Q- Exato, algum destes anos que esteve lá falámos à experiencia com o psicólogo de lá, a nível de adolescente em si.

R- Muito bem, trabalho num agrupamento escolar eu consigo é acompanhá-los basicamente até ao 4º. Eu tenho aqui uma riqueza muito grande em termos de conhecimento com alguns miúdos em particular, e que não me podia desligar deles, são miúdos muito ricos, e ensinaram me muito e fizeram-me crescer como técnica, como pessoa e foi muito importante para mim. O balanço destes 8 anos na escola é muito rico, cansativo, nem sempre correspondido e nem sempre me deixava segura do que fiz, o que devia fazer e o que era preciso fazer. Isso é algo que os psicólogos escolares têm que aprender a conviver. O impacto que tem na escola é muito pouco e devíamos trabalhar mais no planeamento, projeto, trabalho direto.

Q- E quanto ao comportamento dos adolescentes, neste caso, ao longo destes 8 anos claro.

A: Eu não tenho como psicóloga, o espaço de manobra que eu tenho, tem de ser numa situação SOS, ou imediata em que precise de ir, em que eu esteja imediatamente a ter que me mexer, agir ou mobilizar para aquele momento. A nível de 8 anos, trabalhar com comportamentos como os dos adolescentes era algo que nunca me foi dado muito espaço para fazer. Ou seja, comportamento dentro da sala de aula é função do professor, não do psicólogo; comportamento dentro da escola era regulado pelo estatuto do aluno do regulamento interno e ser cumprido. E portanto, a minha intervenção nesse tipo de documento, portanto eu não tinha possibilidade nesse local de poder dar minha opinião sobre esse tipo de documentos ou de posturas de como agir perante determinadas situações. Portanto, aquilo que eu podia fazer em termos de conquistar alunos mais problemáticos tinha que ser em momentos muito bem selecionados, para eu poder dar o meu melhor. Se eu tinha situação de alguma agressão, é um momento fantástico para intervir. Qualquer miúdo sabe, que entrava no espaço de boné, que hoje em dia está muito bem banalizada, é uma falta de respeito e é uma coisa que não devia ser permitida. Portanto ao longo destes anos consegui uma coisa em que sempre que eu aparecia no corredor os bonés desapareciam das cabeças. Este comportamento que é muito simples, que é só uma questão de hábito, eles foram-se habituando, até os mais “outsiders” mal me viam, nunca tinham estado comigo na sala, tiravam. Houve ali uma figura que era considerada com respeito, eu consegui constituir isso nos alunos, em 8 anos, não tanto na secundária, o local onde permanecia mais tempo era na básica, eu na secundária estava menos tempo, e também as condições de respeito portanto, o regulamento não permitia que eu tivesse tanto espaço de manobra. Mas na básica eu tinha conquistado um espaço.

Se eu dizia que era para falar baixo, falavam baixo, portanto eu estabeleci com eles uma posição de respeito.

Q - Exato, e nem todos O conseguem.

R- Eu estive fora e os comportamentos repetiram-se, e já não era psicóloga da escola

Q- Qual é que considera os comportamentos dos alunos, aqueles que são mais relacionados com a P.C.?

R - Tenho alguns critérios, tem a ver com condutas altamente impróprias, e ajudam-me se eu tiver enganada, mas tem a ver o mentir, homicídio, o agredir, o roubar, tem uma série de itens. Isto tudo junto nunca tive. Tenho situações em que os miúdos assinam os trabalhos pelos pais, havia situações de mentiras, havia situações de agressão aos familiares, à mãe, aos avós, comportamentos sexuais menos próprios e participar em pequenos delitos. Isto são comportamentos que se enquadrariam se ocorressem em um número suficiente e durante algum tempo, seriam diagnosticados.

Q- Para si, o que é perturbação de comportamento?

R- Um pré delinquente. É um miúdo que está no limite de mal saia, antes dos 18 anos, está em ligação direta com a lei ou que já tenha registo. São situações que já estão dentro dos quadros da lei. Para mim entendo que perturbação do comportamento é que já teve esse tipo de comportamento.

Q- A que se devem as situações de Perturbação do comportamento nesta escola?

R- Primeiro lugar, estamos a falar de uma zona que estamos a 30 km do Porto, parece que estamos noutra terra. Temos pessoas que vivem praticamente em aldeia ainda, pessoas que não tem condições sanitárias, não tem água, não tem luz para estudar. Eu lembro-me de uma menina, que ainda está lá, está a fazer o 12 ano e já tem mais de 18 anos, e está lá porque quer. E lembro-me que os exames do 9 ano foram estudados à luz da vela, e estamos a falar de há 3 ou 4 anos atrás. Como é que uma miúda destas ainda persiste em ser alguém e, quando tem tudo, para ser uma alienada, porque não tem dinheiro para luz. A 30 km do Porto, e é chocante no séc.XXI. E temos famílias completamente desfeitas porque uns estão para outros países, os pais foram embora e deixaram os filhos nos avós, que vivem com imensas dificuldades e não tem capacidades para educar. São bons para

mimar. Temos neste momento uma situação muito importante, a figura do professor, está muito fragilizada na sociedade, o professor já não é visto como uma figura sábia, é uma pessoa que está a mercê dos pais, e neste momento temos uma grande dificuldade em educar por parte dos pais, que é os meninos serem depositados na escola, a escola tem que dar a resposta que os pais acham que tem que dar, e depois quando chegam a casa o professor não fez e amanhã vamos lá falar com o professor. O que interessa é o que o professor tem que fazer e não faz.

Situações de P.C., como situações que são externas à criança, e acaba por ter um cariz desviante porque a criança aprendeu a viver daquela forma, sem responsabilidades, pois os próprios pais não assumem a sua responsabilidade. E o adolescente acaba por omitir ou na realidade mentir, pois percebe que pode contar o que que quiser e dizer o que quiser que ninguém diz, o que é que tu fizeste para isso ter acontecido, qual foi a tua responsabilidade na situação relatada. Muitos dos miudos são ensinados a viver em função do que é que os outros te fizeram?. Sempre os outros e não o que é que tu fizeste, quem foi o responsável, por isso. Eles neste momento não estão a conseguir fazer esse raciocínio.

Q - E porquê que acha que isso acontece?

R - É mais fácil, evitar a responsabilidade e o que dela pode advir. Os pais acabam por promover muito esta situação, pois os próprios encarregados de educação "lutam" a responsabilidade de educar o seu educando para a escola. Esta modo a função da escola acaba por ser superada, no comportamento destes adolescentes existe e então o problema de eligerem a casa e terem o reforço positivo daquilo que fizeram de enado.

Comportamento Inadquados, são por alienação parental ou por falta de acompanhamento parental em condições. Raros são as situações que são do foro psicológico, mental e que até temos uma família bastante funcional e organizada e termos um menino que tem comportamentos ligados a pedagogia clínica, não, normalmente acontece. Os adolescentes com esse tipo de comportamento verificam-se em famílias que são completamente desagradadas disfuncionais.

Q- As ditas “famílias disfuncionais“, ajudam ao desenvolvimento da P.C.

R- Ajudam a construir todo um conjunto de sintomas que levam à construção da P.C.

Se tivéssemos um sistema que trabalhasse a prevenção, e um sos, o que tenho que fazer. Muitos dos comportamentos, deste género são sinal dado por eles, “Ajuda-me, olha por

mim, em existo, da-me regras, da-me estrutura, dá-me, dá-me o que eu não tenho.“

A Situação mais gritante de disfunção familiar, uma Família do ponto visto económico razoável, mas passam a viver num barraco, este miúdo está no processo de entrada no 5ºano e esta no mesmo desde então. E surge a questão então mas a escola não faz nada, não fizeram nada por ele? A cpcj, perguntava sempre. Era mostrada tudo o que se tinha feito, o que é que se tinha, uma mãe que perante estas claras evidências de mau comportamento e disfunção comportamental, perturbação mental, não ajudava, pois fazia de tudo para alimentar os desejos do filho, por mais avisos que lhe foram feitos. Até que um dia ela não tinha 5 euros para dar ao filho e ele lhe deu 2 estalos, agressão física. Meninos que não tem um defice cognitivo, são meninos inteligentes, e porque e que eles desviam é por serem inteligentes. Emocionalmente têm que se fazer ver, tem que se fazer sentir, se não se corta, não se belisca, e então dispara em todas as direcções. E quando disparam, disparam bem, meninos que fazem coacção sobre os mais novos, tem realmente a perturbação do diagnosticada, é um miúdo que esta com 2 processos em tribunal 1 por agressão a mãe, sendo por tentativa de atos sexuais com uma. Neste meio e perceberam que a mãe já não pode pagar as suas contas e ceder aos seus desejos. Apesar disto verificase que a certa altura ele tinha tudo positiva e até tinha quatros, devido a uma questão emocional, ligação emocional com alguém que lhe permitia estabilizar. A partir do momento que a namorada acaba com ele, ele volta a descambar por completo.

Q- os números da P.C. têm vindo a ser alterados?

R- Tem existido um registo de ocorrências mais graves nos ultimos 2 a 3 anos. Mas não existe um momento significativo as ocorrências é que são mais fora do que seria de esperar para aquela idade, problemas mais complexos.

Q- Achas que as ocorrências da P.C. têm vindo a ser diferentes?

R- Sim acho,tem!

Q- Em que sentido?

R- Mais graves, com cortornos sociais mais complexos, com sentido de impunidade por parte dos adolescentes no sentido de acharem que nada lhes acontece e que o sistema os protege sempre, sentem que podem fazer o que quiserem, quando quiserem sem existirem retaliações.

Q-que diferença nota nos comportamentos de antes para os praticados na atualidade?

R- Sim existem diferençaa, acho que tem a ver com uma cultura de intimidade, ou seja, o

professor não pode bater, ser mais rígido. Os Adolescentes sentem que tem poder de uma sala de aula, exemplo se um professor disser assim: "Olhe o seu educando desafiou a autoridade", mesmo o pai e a mãe, apenas sonharam com a educando perfeito. Relatam episódios e os pais respondem: "Ai bateu pesso imença desculpa mas o meu filho não é assim." Ou seja os meninos que eles criam, não podem ser aquele menino que bate, que tem mau comportamento, que estorquia dinheiro, eles (encarregados de educação) não aceitam isso. Noto que nestes 8 anos, os pais viam a escola como um sitio bom, um sitio onde os filhos iam realmente aprender, um sitio saudavel. Mas nos ultimos 4 anos, percebi que os encarregados de educação começaram a considerar a escola como um sitio onde a gente os deposita.

- Exemplo de comportamento de P.C.
- Desafio da autoridade ao professor
- sair da sala sem ordem do professor, ou ser dada uma ordem e tal não ser cumprida.
- Desrespeito pelos funcionários,
- o poder da autoridade, noção de hierarquia (não existe)
- Em espaço consultório trabalhava-se
- Trabalhar o relato de episódios, a narrativa, o que é que eu fiz as consequências, trabalhar os comportamentos mais adequados e mais próprios

Q- Existem regras na escola?

R- Sim e eram explicadas aos alunos no inicio do ano

Q- Quais são essas regras, para este tipo de situações?

R- Previstas no regulamento interno, chegar a horas, entrada ordeira na sala de aula e dentro dos toques, sem ruído nos corredores, proibido o uso do telemóvel na sala de aula, o professor ser o subordinado da sala de aula.

Q- O incumprimento destas regras, leva a que consequências?

R- Primeiramente é tomada a medida de prevenção, chamada de atenção, se o mesmo voltasse a acontecer era reportar ao psicólogo. Participação escrita feita pelo professor ao qual foi contacto com encarregado de educação e dependendo a gravidade do comportamento, chegando à direção e terá de se abrir um processo disciplinar, uma intervenção direta do diretor, para se agilizar algumas conversas com o encarregado de educação.

Q-Uma estimativa de quantos processos disciplinares existem?

R- 3 ou 4 por ano

Q- Relativamente ao incumprimento de regras?

R- Isso são aos pontapés, não chegam é a raiar o processo disciplinar. Agora existiam alunos com incumprimentos reportados ao director de turma.

Não existe penalização por parte de se agilizar as situações ocorridas com o estatuto do aluno. O sistema não funcionava. A não ser o processo disciplinar não existe nenhuma punição que se possa aplicar de forma a que estes formem conhecimento mais aprofundado dos erros que cometem. Por exemplo não podemos colocar um aluno a limpar as casas de banho, mas era ideal, para aprenderem a terem mais cuidado com o uso do mesmo.

Q- Acha importante intervir junto dos aluno com P.C?

R- De forma directa, frequente, disciplina e constante, é como educar, educar é isso.

Q- Que estratégias considera serem pertinentes a aplicar de modo a se minimizar as manifestação da P.C.?

R- Do ponto de vista social, o professor passa-se a ter outra imagem a nível social, ou melhor voltasse a ter a imagem e o estatuto de professor de antigamente. Professor tem de ter algumas autoridade, seja esta garantida pelo estado, pelos pais.

Socialmente, preciso habilitar as figuras parentais, passarem a ter mais responsabilidades pelos comportamentos que os filhos tem na escola, tem de passar a ser mais responsabilizados.

A escola tivesse mais autonomia/liberdade na forma como pode intervir com estes miudos. Porque existe essa imagem de que a escola tem essa liberdade, mas não e rea, pois existem uma serie de leis, toda uma serie de borocracias e papeis a preencher, que é tudo responsabilidade da escola.

È preciso mudar muita coisa, para conseguirmos chegar ao ponto de termos um sistema perfeito, que permitisse que estes miudos fossem responsabilizados de imediato pelos atos.

Q- Na escola tem sido possivel aplicar as estratégias à pouco referidas, no sentido de se melhorar os registos de P.C.?

R- Do ponto de vista diretores de turma, sim, os que estão na 1º linha a tentar modificar estes comportamentos. Emboraa seja muito dificil, os pais querem tudo, mas não fazem

a parte deles. Portanto se são aplicadas algumas mudanças, ou apresentadas algumas propostas de alteração aceitas, mas tem sempre uma negação, colocam sempre limitações. Mais formação aos pais, aos funcionários, para enquadrarem estratégias de intervenção nestas situações não existe.

Q- Quais as estratégias que tem sentido um resultado mais positivo?

R- A intervenção direta, intervir naquela hora e naquele momento é que faz com que aquele comportamento pare e se consiga sustentar aquela situação por mais alguns minutos. Mas o importante era realmente intervir antes daquelas situações. Era necessário, a implementação da intervenção comunicativa ou de trabalho comunitário na comunidade escolar, feito com um propósito de médio, longo prazo e não imediato, porque imediato não resolve nada. Era necessário sentar-nos a conversar como comunidade escolar e perceber. Quais são os nossos problemas? Quais são os vossos pontos fracos?

Verificar documentos informações dos alunos, registos, das coisas acontecerem para assim se conseguir resolver os pontos fracos e a partir daí a médio-longo prazo termos uma noção de onde estávamos e para onde formos.

Criar um conjunto de objectivos a atingir enquanto comunidade escolar, envolvendo, pais, funcionários, direcção, alunos, porque os alunos também sabem o que é que a escola tem de certo, o que os motiva a lá estarem e a não quererem lá estar. Era realizar um projecto médico a longo prazo para que daqui a 10 anos, esta escola ser uma escola de top.

Q- Então considera que as estratégias que se implementam têm sentido resultados?

R- As estratégias que se implementam têm respondido às situações realizadas, no momento, não me parece que a longo prazo possam fazer melhorias porque não se trabalha em comunidade.

Anexo 12- Transcrição do Grupo Focal dos Profissionais

Q – Pergunta/Questão

C – Resposta do elemento

CL – Resposta do elemento

M – Resposta do elemento

R - Resposta do elemento

Q - O que considera ser um adolescente “dito normal”?

C - Um adolescente “dito normal” é aquele que manifesta sentimentos positivos face ao mundo que o rodeia, não revelando perturbação de comportamentos. No fundo, é um adolescente que não demonstra tendência para exibir comportamentos que incomodem, perturbem, nem desafiem terceiros, nem tão pouco se envolva em atividades perigosas e/ou ilegais.

CL - Um adolescente normal é um menino ou menina que começa a ter opiniões sobre tudo e a manifestá-las de forma direta e sem filtros, acreditando que a sua razão é a única que vale. Por outro lado, há momentos de maior refúgio, sobretudo nas questões que implicam emoções e tomadas de decisão mais sérias. Uma fase de dúvidas e paralelamente de “certezas”, ainda que, por vezes, pouco fundamentadas.

M - É aquele que se integra na sociedade, utilizando formas de vestir, a escolha de pares, numa forma ou outra ser sociável, fazer o melhor na escola...” Ser eles mesmos”

R - Um adolescente “dito normal” é um ser humano que se encontra numa fase de desenvolvimento bio-psico-social onde deve, e tem que experimentar para conhecer e perceber as escolhas que tem que fazer e, dessa forma, através das suas experiências estruturar os seus traços de personalidade.

Q - O que entende por Perturbação de Comportamento?

C - A Perturbação do Comportamento está relacionada com a ocorrência de um padrão de comportamento persistente e repetitivo o qual viola direitos básicos de terceiros ou as regras e normas sociais. Os adolescentes que apresentam este tipo de comportamentos, na maioria das vezes, não aparentam sofrimento psíquico ou constrangimento com as suas atitudes e não se importam de ferir os sentimentos das pessoas ou desrespeitar os seus direitos.

CL – Um comportamento que foge aos parâmetros aceitáveis na sociedade: verbal, físico ou psicológico.

M - São confusões, agitações, vindos já da infância, muitas são afetivas, problemas socioculturais, muitas vezes a imagem corporal, alterações pubertárias, autoestima a problemática da identidade.

R - Trata-se uma patologia com critérios de diagnóstico definidos pela OMS.

Q - A que se devem as situações de Perturbações de Comportamento dos adolescentes?

C - As Perturbações de Comportamento na adolescência devem-se aos comportamentos de risco que englobam esta fase da vida e a que os adolescentes são facilmente vítimas/alvo, sendo exemplo o início precoce da atividade sexual; consumo de álcool; consumo de tabaco ou substâncias ilegais; cometer atos imprudentes e arriscados; criminalidade; e as tentativas de suicídio. Estes comportamentos disruptivos têm consequências que podem dar origem a suspensão ou expulsão da escola; problemas de adaptação ao trabalho; a conflitos; a contrair doenças sexualmente transmissíveis; a danos físicos devido a acidentes ou lutas; e no caso das raparigas a uma gravidez indesejada.

CL - Incompreensão sobre determinadas situações, Família desestruturadas e/ ou sem transmissão de valores, Déficit de atenção, Jovens que se autoisolam, fobia social, Problemas no relacionamento com o outro, O não aceitar as regras estabelecidas e Bullying.

M - que poderão estar relacionados com criminalidade, perturbações psiquiátricas, toxicodpendência, dificuldades de inserção.

R - Na maioria dos casos as perturbações do comportamento devem-se causas biológicas próprias do sujeito ou a situações traumáticas que moldam o mesmo e o podem tornar doente.

Q - O tipo de comportamentos dos alunos, relacionados com as Perturbações de Comportamento, tem vindo a ser diferente?

C – Ao nível da minha experiência profissional reconheço que os adolescentes apresentam cada vez mais comportamentos de desafio e oposição face ao adulto, em particular, às figuras cuidadoras ou representantes legais, tendo esses comportamentos reflexos em várias dimensões da sua vida, assim como dos contextos em que está integrado, sendo exemplo o contexto escolar. Tal acontece por ser o espaço onde o adolescente passa grande parte do seu tempo e devido à sua personalidade ou influência do grupo de pares. Esses comportamentos podem ter o efeito de escalada, ou seja, vão assumindo contornos cada vez mais perigosos e com impacto negativo, começando pelo desrespeito, a falta de educação, as ameaças, as “brigas”, entre outras atitudes.

CL – O uso das tecnologias como instrumento de auto-exposição, uma necessidade de se expor (expor o outro, igualmente) e exibir de forma fácil, diria quase viciante e considerado “um ato normal ou aceitável” perante si próprio e a sociedade. Denota-se menor paciência para escutar, para realizar tarefas de maior concentração. Mais necessidade de contrapor o que se lhe é dito, contradizer a regra, mas sem qualquer justificação para essa atitude.

M - Sim, muita agressividade, muita falta de educação, falta de regras e valores

R - Os alunos com perturbação de comportamento diagnosticada mantêm um padrão de comportamento comum próprio da patologia.

Q - em conta a sua experiência, o nº de adolescentes com Perturbações de Comportamento, tem vindo a ser alterado? Em que sentido (para mais ou menos)?

C – Considero que o número de adolescentes com perturbações de Comportamento tem vindo a crescer ao longo dos anos, uma vez que, os estes problemas são mais frequentes quanto maior o número de fatores de risco a que os adolescentes tiverem a eles associados.

CL – Diria que tem aumentado. O número não me assusta, preocupa-me mais a extensão da perturbação.

M – Sim, para mais.

R - Não tem havido um aumento de adolescentes com perturbação de comportamento. O que se tem verificado mais é o aumento do número de casos clinicamente diagnosticados.

Q - Acha importante intervir junto dos adolescentes com Perturbação de Comportamento?

C – Sem dúvida que é importante intervir junto dos adolescentes com Perturbação de Comportamento, porque na génese dos comportamentos de risco, durante a adolescência, podem estar fatores individuais, culturais, relacionais, académicos, a influência de pares ou ainda a falta de ligação à escola ou o fraco rendimento escolar. Porém não nos podemos esquecer da família, uma vez que, são várias as lacunas

identificadas ao nível da dinâmica familiar e que são potenciadoras/desencadeadores das P. C. Importa ainda referir que, os comportamentos anti-sociais dos adolescentes moldam e manipulam o ambiente e podem tornar-se a principal forma destes indivíduos interagir, fazendo permanentemente recurso a táticas agressivas, como manipular, persuadir e coagir.

CL – Sim, muito importante.

M – Sem dúvida porque quanto mais cedo os adolescentes forem intervencionados, mais cedo poderão obter resultados adequados e com sucesso.

R - Obviamente que deve haver uma intervenção junto destes casos. Quanto mais cedo se diagnosticar a perturbação melhor será o prognóstico de tratamento/accompanhamento.

Q - Se sim, que estratégias considera pertinentes para minorar as manifestações da Perturbação de Comportamento nos adolescentes?

C – É importante referir que estas situações se vão “construindo” ao longo do tempo e que o ideal é intervir o mais precocemente possível de modo a obter resultados. A prevenção é de longe a estratégia mais eficaz, e uma vez que o meu trabalho centra-se na intervenção com pais, as recomendações/orientações centram-se nos seguintes aspetos:

- pais compreendam que têm a função de pais e não de companheiros dos filhos;
- que além de dar conselhos devem dar o exemplo;
- estabelecer regras claras e consistentes, assim como as consequências resultantes da quebra desses limites;
- tenham disponibilidade e tempo para o afeto e diálogo para com os filhos, de modo a que os possam conhecer melhor e compreender as suas necessidades, capacidades e fragilidades;
- estimulem os filhos a pensar e a falar acerca do que sentem em alternativa a descarregar a irritação e o seu mal estar através do comportamento;
- valorizem o bom comportamento dos filhos e deem incentivo para melhorar;
- controlem e supervisionem os filhos (onde está, com quem está e a fazer o quê);
- cheguem a um acordo com o companheiro/a quanto à forma de educar e às regras a estabelecer;
- mantenham contacto com a escola, trabalhando em conjunto com os professores.

CL – A paciência e o tempo para dialogar com o adolescente parece-me essencial hoje em dia. Deixá-lo exteriorizar o que pensa ou levá-lo a encontrar-se a si próprio. Hoje em dia há muito pouco tempo de diálogo na família e o que existe, é diminuto ou castrador.

M – Primeiro intervir na família para depois o trabalho feito com os aluno, ser mais produtivo.

R - Diagnósticos clínicos claros e objetivos. Tratamento medicamentoso, se for necessário, acompanhamento psicológico com psicoterapia e formação parental e escolar para docentes acerca das estratégias que poderão ser eficazes para controlar o comportamento do adolescente.

Q - Considera que os professores estão preparados para terem alunos com estas características?

C – A formação dos professores e a sua prática interfere tanto na perceção das dificuldades manifestadas pelos alunos, como na tolerância face à educação dos mesmos.

Daí haver uma necessidade, ou seja, pretende-se que os professores saibam lidar com este tipo de situações e invistam em formação nesta área, o que muitas vezes não acontece. A escola deveria estar preparada para promover o desenvolvimento de habilidades sociais educativas, de melhorar as estratégias para lidar com as dificuldades dos adolescentes e ajudá-los a resistir à frustração, e para a resolução de problemas, embora se constate que, muitas vezes, não é isso que acontece, pois os professores têm um conjunto de burocracias a cumprir que muitas compromete a atenção e o cuidado face a determinados alunos, em particular daqueles que manifestam P.C.

CL – Não, embora haja cada vez a necessidade de existir essa preparação.

M – Não, os professores estão preparados para transmitirem conhecimentos a alunos sem PC.

R - Considero que não estão preparados pelo simples facto de se tratarem de casos clínicos para os quais, na maioria das universidades, os professores não recebem formação acerca da forma que poderá ser mais eficaz para lidar com eles.

Q - Considera que os pais estão preparados para terem filhos com estas características?

C – A formação dos professores e a sua prática interfere tanto na perceção das dificuldades manifestadas pelos alunos, como na tolerância face à educação dos mesmos. Daí haver uma necessidade, ou seja, pretende-se que os professores saibam lidar com este tipo de situações e invistam em formação nesta área, o que muitas vezes não acontece.

A escola deveria estar preparada para promover o desenvolvimento de habilidades sociais educativas, de melhorar as estratégias para lidar com as dificuldades dos adolescentes e ajudá-los a resistir à frustração, e para a resolução de problemas, embora se constate que, muitas vezes, não é isso que acontece, pois, os professores têm um conjunto de burocracias a cumprir que muitas compromete a atenção e o cuidado face a determinados alunos, em particular daqueles que manifestam P.C.

CL – Não, porque o ritmo de vida nem sempre se consegue coordenar com o lidar/compreender um jovem com essas características. Há também a ideia de que existem

outros para lidar com estas situações. A ida ao psicólogo/psiquiatra tem sido mais utilizada.

M – Não, porque eles também não sabem ter comportamentos normais. Não sabem educar.

R - Obviamente que não estão preparados. Porque não foram treinados/ensinados para lidarem com situações de exceção nem tem conhecimento técnico para tal. Não estão preparados para lidarem com uma situação desse género como não estão no caso de outras doenças clínicas.

Q - Que emoções verifica no adolescente quando este ultrapassa os limites?

C – Estes adolescentes normalmente possuem fraca empatia e pouca preocupação com os sentimentos, desejos e bem-estar dos outros. Podem revelar insensibilidade, não manifestando sentimentos de culpa ou remorsos. Apresentam baixa auto-estima, baixa tolerância à frustração, irritabilidade, temperamento explosivo e imprudência.

CL – Frustração, impaciência, por vezes parece perdido num mar de emoções.

R - Na maioria das situações existe uma auto-desculpabilização face aos comportamentos ou então uma perceção de que não fizeram nada de desadequado. Casos há, também, em que nem noção do que os seus atos provocam têm.

Q - Qual a(s) atitude(s) por parte dos professores que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

C – Confrontação; humilhação; desvalorização; repressão; chamadas de atenção constantes; não-aceitação do aluno tendo em conta as suas características e necessidades; entre outros.

CL – Reagir a uma atitude do adolescente de forma impulsiva, sem tentar conhecer/saber os motivos para essa atitude.

M – Muito diálogo. Criar espaços para ouvir os alunos. Ajudá-los a descobrir tudo o que os rodeia e prejudica o crescimento normal deles (como tenho feito ao longo da minha carreira).

R - Tentar fazer uso de técnicas específicas de punição ou de reforço negativo acompanhadas sempre, se possível, da execução dos comportamentos corretos e visualização da diferença das consequências do novo comportamento. O reforço positivo também será útil.

Q - Qual a(s) atitude(s) por parte dos pais que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

C – Inexistência de regras e limites definidos em casa; desvalorização face ao filho; ausência de afetos e diálogo; inexistência de um “clima” baseado na segurança e confiança; facto de não ter sido um filho desejado; entre outros.

CL – Usar o autoritarismo, castigar sem dialogar, conversar sobre o que possa afligir o jovem.

M - Hoje os pais não sabem o que são limites.

R - Tal como com os professores tentar fazer uso de técnicas específicas de punição ou de reforço negativo acompanhadas sempre, se possível, da execução dos comportamentos corretos e visualização da diferença das consequências do novo comportamento. O reforço positivo também será útil.

Q - Qual a(s) atitude(s) por parte do grupo de pares que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

C – Para ser aceite no grupo ter que cumprir com um ritual; imitação; facto de ser uma pessoa influenciável e com medo de exclusão do grupo cumprir com as ordens do líder; humilhação; entre outros.

CL – Imitação, pressão dos pares, solidão, necessidade de pertença a um grupo.

M – debates que geram discussões entre grupos,

R – Não reforçar o comportamento do colega de forma positiva.

Q – Os Pais/profissionais de educação têm formação no âmbito da P.C.?

C – Considero que muitos pais e profissionais de educação não têm formação no âmbito da P.C. Porém este é um tema muito estudado e investigado há já alguns anos e existe muita documentação e formação nesta área.

CL – A maioria não, mas existe essa possibilidade.

M – Não, nenhuma

R – Não.

Q - Os Pais/profissionais de educação utilizam estratégias de Intervenção junto dos adolescentes com P.C.?

C – A maioria das vezes não, devido ao facto de não terem formação no âmbito da P.C. ou por receio e/ou medo dos comportamentos e atitudes que o adolescente possa vir a manifestar.

CL – Talvez sim.

M – Não, nenhuma.

R – Em muito poucas situações.

Q - Que Estratégias de Intervenção ajudariam a diminuir as consequências de P.C. de um Adolescente?

C – As estratégias de intervenção que ajudariam a diminuir as consequências de P.C. de um adolescente, passam primeiramente por uma abordagem integrada que atue sobre as várias dimensões da vida do adolescente, nomeadamente a família, a escola, o grupo de pares e o próprio, ocorrendo em simultâneo e a longo prazo. Para

que este trabalho tenha sucesso é fundamental que a intervenção inclua treino parental, o treino de habilidades sociais com o indivíduo e a inclusão. Em suma, o desenvolvimento de estratégias de prevenção eficazes no que concerne a P.C. passam pela sensibilização dos pais e professores com vista ao diagnóstico precoce e respetivo encaminhamento do adolescente e família para programas de intervenção que possam evitar ou minimizar as consequências nocivas destes nas suas vidas.

CL – O diálogo e estratégias de autoconhecimento.

M – Médico de família, influência da família, da escola e do grupo de pares...fazendo mesmo uma intervenção no âmbito da terapia familiar, professores, psicólogos....

R – Estratégias de base cognitivo-comportamental e comportamental associadas a psicoterapia.

Anexo 13- Transcrição do Grupo Focal dos Adolescentes do 9º ano

- **Q-** Questão
- **R-** Resposta

Q- O que é que é a perturbação de comportamento? Alguém sabe, alguém tem uma ideia...?

Pronto, o que é que vocês acham um adolescente dito normal.

R- Tem a ver com o comportamento exemplar nas aulas.

Q- O que consideras um adolescente dito normal?

R- Não tem hábitos maus, não é influenciado.

Q- O que consideras um adolescente dito normal? Consideras-te um adolescente dito normal?

R- Não

Q- Quais comportamentos consideram fora da norma?

R- Desrespeitar as regras de sala de aula, não estar calado, NÃOresponder ordenadamente, bater nas pessoas, ser violento.

Q- Comportamento fora da norma que vocês consideram ter?

R- Roubar, consumir álcool. Drogas.

Q- E que comportamentos fora da norma dentro de uma sala de aula?

R- Tratar mal o professor, ser expulso da sala de aula.

Q- Que comportamento foi esse para terem sido expulsos?

R- Desrespeitar o professor, gozá-lo, chamar nomes.

R- Comportamentos fora da norma, que vocês praticam com mais frequência?

R- Falar e estar com os telemóveis na sala de aula.

Um dos limites mais chunga é que tentaram influenciar-me em vícios alcóol, droga, canábis etc, e eu resisti, quer dizer experimentei mas resisti. As horas, dizem á meia noite quero-te em casa e eu so cheguei á uma ou duas (raparigas a falar) e o adolescente anterior ri-se e diz o que , entao, já ultrapassei os meus limites.

Não conseguem perceber a diferença de limites entre cada um e que estes não são pre-estabelecidas para todos da mesm a forma.

Q- Então, de acordo com as informações já trocadas, o que é a perturbação do comportamento. O que é uma perturbação?

R- Problemas, fugir às regras.

Q- Uma Perturbação do comportamento como já falamos aqui, é uma patologia. Está relacionada com comportamentos que as pessoas praticam, tanto crianças como adultos, comportamentos fora da norma, ou seja, comportamentos que não são aceites pela sociedade.

Q-Agora, que situações conduzem um adolescente a infringir regras?

R- Influências dos amigos.

Porque estão fartos da rotina.

Não ter nada para fazer.

Q- O que consideras o que é influenciado?

R- Puxá-los para vícios, tipo drogas.

Q- O que achas que fazes no dia-a-dia, pode ter repercussões no futuro?

R- Bater nos colegas.

Q- E porque bates nos colegas?

R- Por diversão

Q- Ou seja, tens um impulso de partir para a violência porque te batem antes?

R- Porque provocam.

Mandam bocas.

Ou batem antes

Q- E és só tu que bate nos colegas nesta turma?

R- Não, quase toda a turma.

Q- Costumam bater em alguém mais novo?

R- É no que aguentar mais (risos de todos os adolescentes).

Q- Já alguém aqui foi levado ao limite?

R- Já sofri bullying no 5º ano, andavam sempre a gozar comigo, mandavam bocas, diziam que eu era gay, encostavam-se aos postes até que um dia me passei da cabeça. E um dia eu e a minha “malta da rua” espancamos esse tipo.

Q- Mais alguém já foi levado ao limite?

R- No 6º ano, desde o 1º período que uma rapariga começou a implicar comigo, eu não podia fazer nada que ela implicava logo. Até ao 2º período deixava passar, mas já estava farta. Então numa aula de física, eu não podia mandar a bola, encostar nas pessoas, não podia fazer nada. E ainda por cima manda uma boca para eu ir buscar bifés, mas não fui aos bifés fui ao cabelo dela. Eu agarrei-a pelos cabelos dela e bati-lhe. (a adolescentes que relatou este episódio estava com voz de chorar e caíram-lhe lágrimas, mas ao mesmo tempo ria-se ainda se denota uma sensibilidade e mágoa quanto ao assunto porque ao longo do grupo de discussão esta referência muitos exemplos com base neste acontecimento).

Q- Como te sentiste nesse momento?

R- Senti-me aliviada.

Q- Quando se é levado ao limite, qual é o sentimento?

R- Raiva, angústia, desanimada;

Ódio, querer que o outro se sinta como nos fez sentir a nós;

Sentimo-nos aliviados, porque descarregamos a raiva na pessoa que nos fez mal.

Sinto-me contente por ter resolvido o problema.

Relatam os sitios mais problematicos da zona.

Gang- conjunto de pessoas que estão prontos para todo

Q- Qual a/as atitude/atitudes por parte dos pais que vos levam ao vosso limite?

R- Não nos deixam fazer coisas que queremos, tipo sair à noite.

Mandar estudar quando não temos vontade.

Serem muito protetores.

Não deixar viver

Mandar-nos arrumar;

Quando quero dormir e eles mandam ir arrumar (todos juntos ya, ya isso).

Quando não nos podemos comparar aos outros, mas eles comparam-nos sempre aos outros.

Eles dizem que não conhecemos o mundo lá fora, mas não nos deixam conhecer.

Quando os pais em termos de notas nos comparam aos outros, porque tem melhores notas. Mas se formos nos a comparar aos outros porque fiz melhor eles dizem logo, não te compares aos outros.

Prometerem coisas e depois no final não cumprem os pais dizem; " tu não sabes o que é o mundo lá fora, mas depois nos queremos sair para descobrir não é. E eles não nos deixam, então como é que querem que nos conhecemos as coisas."

- Os pais devem dar mais liberdade que o que dão.
- E o adolescente com o histórico mais caricato diz o seguinte devem dar mas dão muito, porque depois...E não acrescentou mais nada, enquanto que a colega referiu, nós também temos que saber qual é o nosso limite. Acho que todos aqui tem noção própria do seu limite, acho que sabemos o que é bom e o mau para nós, ninguém deve ser influenciável.

Não deixar viver, nós as vezes temos que sair do teto dos pais para aprender o que é viver, para saber o que é cair, levantar, o que é lutar. Saber andar para a frente, e às vezes os pais não deixam isso acontecer. Não nos libertam, não dão liberdade nenhuma.

Outros adolescentes refere so nos deixam vir para a escola e eu dispenso.

(denota-se um pedido de liberdade, emancipação, vontade de conquistarem independência, terem liberdade para controlarem o próprio horário das saídas à noite. Necessidade de dinheiro para bens materiais.)

Q- E vocês gostam de vir à escola?

R- Não, preferia trabalhar.

A maioria refere que preferia ir trabalhar do que estudar, exemplo de empregos referem, as obras, nas tecnologias consideram que não é preciso estudar tantos anos.

"O meu pai trabalha na construção civil e não é pobre".

A turma divide-se em que maioritariamente os rapazes dizem que preferem trabalhar retirando 2 e todas as raparigas preferem estudar.

Q- Atitudes por parte de grupos de pares que vos levam ao limite? Nunca foram levados ao limite com amigo/colegas?

R- quando nos irritam, estão sempre a chatear, a melgar.

Nós pedimos para parar, mas continuam, tipo a dar cacetadas, ou sempre a falar do mesmo.

Não sabiam o que significavam grupo de pares

Q- Vocês tem noção do vosso limite?

R- Sim, acho que todos aqui tem noção.

Q- Qual é o vosso limite em relação ao álcool que vos pode levar a fazer coisas?

R- Acho que cada um aqui deve ter noção do seu limite, e não deve ser influenciado.

Q- E pela parte dos vossos professores, o que vos leva a ultrapassar os limites?

R- Pedir-nos constantemente as nossas cadernetas.

A injustiça, é uma treta o prof. tem sempre razão, mesmo quando não tem.

Alguns profs., aproveitam-se da autoridade.

Às vezes, quando dizemos qualquer coisa ao professor e ele parece que sente que o estamos a atacar. Quando explusam da aula por tudo e por nada, ou marcam faltas assim por qualquer coisita (só por falarmos para o lado). Eles devem chamar à atenção, claro, mas também não precisam de pedir logo a carteneta ou marcarem falta.

Chamar a atenção sim, mas pedir a caderneta de maneira injusta, só porque está “cansado”, não tem sentido.

-Alguns dos adolescentes referem, que os professores poderam estar cansados, mas têm de saber que não podem "abusar da autoridade“, porque nós também não gostamos de estar sempre a levar faltas ou castigos. Como nos estão sempre a dizer têm que saber a diferença entre a sala de aula e o recreio. Eles também deviam ter de saber a diferença entre os alunos e estarem chateados.

Q- Acham que o facto de terem comportamentos fora da norma, a situação fica resolvida? Por exemplo, bater em alguém depois de terem levado ao limite?

A: Não, responde a maioria.

Uma adolescente refere; - Acho que não, pois o facto de exercerem sobre nós algum tipo de violência, não é partir com violência para cima dessa pessoa que resolve o assunto.

Devemos pedir ajuda e conversar.

(Dois adolescentes dizem: Para quê ?), os funcionários nunca ajudam em nada e os professores então. Existem vários relatos de vítimas de bullying, por parte de um adolescente, que refere que não sofreu de bullying mas que tem amigos que sofreram, e que tiveram que ser acompanhados por psiquiatras para conseguirem safar-se disto, Eo que eles fizeram foi depois ganhar força enfrentar quem lhes fazia mal e mostrando-se forte, eles depois pararam.

Q- Acham que é preferível a conversa ou partirem para a violência?

Em coro respondem conversa, existindo apenas um adolescente que refere um pouco das duas também.

Q- Então porque?

Refere uma adolescente que a violência verbal é pior que a violência física

Entrem em contrasenso, no sentido que uns acham que a violencia física é pior que a violência psicológica e outros acham o contrário.

Até que um dos adolescentes refere: eu acho que tanto uma como a outra são más, quer dizer se eu chegar á tua beira e te chamar palhaço mais que uma vez tu vais ignorar para sempre? Não, por isso ouviu-se um silêncio de consentimento na sala

Uma adolescente refere que depende, se for uma pessoa que aguento muito, todos os dias podem tratarmos a pessoa que a pessoa não liga.

- Porque a violência é mais eficaz é mais fácil de se resolver logo as coisas.
- Falar é tudo muito bonito, mas quantas vezes se faz um aviso, se fala e não serve de nada, voltam e voltam sempre a massacrar, e se lhe espetar um murro pronto fica logo ali tudo resolvido. Eles na porrada já tremem, já ficam com medo.

Mas a adolescente que já sofreu de bullying respondeu sim, porque por causa disso nunca mais me falou, e só depois de levar é que me deixou em paz.

Q- Os teus amigos já sofreram bullying? E como se sentiam?

R- Havia uns que quase entraram em depressão.

Q- Então como acham que devem confrontar uma situação que vos chateia?

R- Confrontar a gente que provoca.

Q- Acham que os vossos amigos ajudam-vos nestas situações?

R- Sim, se é para levar, levamos todos.

Somos uma turma unida

Quando estamos em baixo eles na animam

Dão conselhos e ajudam na “porrada”

Também ajudam a arranjar uma estratégia porque se quem for para dar porrada for mais velho não podemos ir,

Q- Acham que os professores, ou a escola vos auxiliam, nessas situações?

R- Não. Eles só vêem o que nós fazemos, e nem vão ver o que nos fazem a nós nem o que já fizeram até agora. Mas se partirmos para a violência, ou fazer algo que deixa marca, eles vão logo levar-nós como o diabo e eles os santos, so alguns professores é que nós compreendem.

Q- Achrom que os pais vos auxiliam, nessas situações?

R- Sim, claro. Eles querem o melhor para nós. Eles conversam conosco, levam-nós por um caminho melhor e tentam perceber situação.

Muitos dos alunos consideram que os professores não estão preparados, achando que os professores quando escolhem ser professores não sabem para o que vão. Isto não é so ensinar, nas escolas ha de tudo. Falta a compreensão e eles passaram de separar os mais favoritos dos menos favoritos.

- Eles não nos conhecem, e deviam tentar pelo menos saber um bocadinho daquilo que somos.
- Os professores aqueles que não gostam, mal se faça alguma coisa é logo uma advertência e aos outros nem por isso.

Referem que os professores fazem separação dos alunos e não os conhecem. Nota-se que pretendiam que existisse uma maior cumplicidade entre eles e os professores por vezes e não existisse uma barreira tão grande.

Q- Achrom que os professores estão preparados para ter alunos com comportamentos desajustados?

R- Pelo menos deviam estar, mas não estão, diz a adolescente que se mostra mais lesada.

Eles deviam estar preparados para enfrentar qualquer tipo de situação.

Numa escola há sempre de tudo, bons comportamentos e maus.

Q- Consideram que os pais estão preparados para terem filhos com estas características?

Todos consideram que sim, mas uma adolescente refere os pais não estão preparados para lidar com estas situações, mas pronto habituam-se.

Q- Habituam-se a que tipo de situação?

R- A tentar mudá-las, e tentar ajudar os pais tentar que os filhos sejam cada vez melhores. Eles dão aqueles castigos que nós deixamos mesmo chateados que é para isso. Tiram a internet, o computador, sem o telemóvel. Por exemplo a mim ela tira-me o computador e ela sabe que o PC é a minha vida, dá-me felicidade, ficar sem sair a noite.

Q- Achrom que os professores têm formação para lidar com vocês nestas situações?

R- Não, não nos conhecem.

Q- Mas o que eles fazem?

R- Nos alunos que eles mais gostam, tem mais liberdade de sair das normas.

Q- E que estratégias de intervenção ajudariam a diminuir as consequências da P.C. de um adolescente?

R- Os professores pelo menos uma vez por período, falar com os alunos como eles vão; os diretores deviam ter mais diálogo com os alunos, e não aparecer aqui uma vez por ano.

Conversar, mais apoio na psicologia, estar mais atentos aos comportamentos, (os funcionários, os professores...). Informar os alunos dizer-lhes para eles resolverem os problemas em casa.

O professor aconselha a ir á psicóloga da escola, uma vez por mês, os professores falarem com os alunos a nível individual, para tentar perceber se existe alguma coisa mal. Por exemplo acontecer uma reunião como a de hoje que ouve com você é assim com o dialogo que se resolve as coisa, e para quem tinha problemas ajudava muito. Proporcionar um bom ambiente na escola, e isto não depende so dos alunós também depende, da escola dos auxiliares de tudo. Por exemplo o Director da escola devia ajudar mais nisto e estar mais presente. Uma pessoa nem sabe quem ele, ele devia estar mais atento á escola, aos alunós, não aparecer so uma vez por semana. Haver mais dialogo entre os alunós, mas também entre professores e alunós auxiliares. Não ser acabar a aula e pronto os alunós e os professoresnunca mais se falarem, devia de ai também se conversar mais um bocado. Os professores deviam tentar compreender mais as situaçoes e aquilo que nós dizemos.

Q- E se o adolescente fosse mais timido acham que a partilha, a comunicacao entre todos iria ser assim boa?

R- Não ia ser fácil, mas se ele se identificasse com a história de mais alguém, isso talvez ajudaria a se abrir e falar.

- Um adolescente de repente diz, devia ser criada uma disciplina assim para isto, como estamos a fazer.

Anexo 14- Transcrição do Grupo Focal dos Adolescentes do 7º ano

- **Q-** Questão
- **R-** Resposta

Q- O que é para vocês um adolescente dito anormal?

R- Dito normal como assim?

Q- O que é para vocês um adolescente considerado normal? O que é para ti uma pessoa anormal e uma pessoa normal?

R- Anormal?

Q- O que é para ti uma pessoa normal e outra anormal?

R- Uma normal tem uma rotina Diária

Q- Vocês acham que são adolescentes normais?

R- Sim....Não (simultaneamente)

Q- Porque não? Porque sim? Porque é que tu te consideras um adolescente normal?

R- Porque sou normal

Q- O que é ser normal?

R- Faço as coisas igual aos outros, vou a escola, venho para casa, jogo, como, bebo e vou Dormir.

As vezes não te apetece chorar?

- Ya, às vezes apetece-me rir assim do nada

- Eu costumo rir-me nos momentos sérios e isso não é nada...bom

- Exato, exato

- Eu quando estou nervosa rio-me

- Exato

- Eu quando caio rio-me, pronto..

não conseguem entender, banalizam o ser normal, como alguém que é adolescente seguindo as rotinas diárias e ir à escola, ir para casa, jogar, comer, beber e dormir. Mas não se consideram todos iguais.

(consideram anormal o facto de rir do nada, ou cair e estar a doer muito a só ser rir)

Q- Pronto mas isso é normal, há pessoas que reagem numa situação a rir e outras reagem a chorar, depende da personalidade de cada um.

Q- Vocês acham que são todos iguais?

R- Não (coro)

Q- É um bocadinho por aí, digam-me uma coisa, o que consideram comportamentos que são fora da norma? Sabem o que é sair da norma?

(sair fora da norma é para o adolescente fazer coisas que por norma os pais não gostam. Percebem e sabem que tipo de comportamentos não são bem aceites pela sociedade).

R- É sair do normal

- É ultrapassar os limites

Q- Isso é algo que não é propriamente visto como uma coisa bem-feita

R- Como por exemplo quando deitamos lixo na rua

- Quando as pessoas são mal educadas com outras

- Fazer graffiti em sítios que não podem

- Beber álcool

- Jogar Baleia azul

Q- O que é o jogo da baleia azul?

R- É um jogo que se faz muitos desafios e no fim matas-te

Q- Ok...E vocês jogam esse jogo?

R- Não (coro)

Q- Mais comportamentos que saem da norma para além dos que já fizeram?

R-Ultrapassar as leis

Q-Que coisas é que vocês fazem que saem da norma?

R-Chatear os pais

- Falar dentro da sala

-Quando temos raiva e queremos partir tudo... (Parti um copo e não gostei nada.... o meu irmão partiu para aí 4...)

-dizer palavrões

Q-Exato, dizer palavrões é uma coisa normal?

A-É (coro)

- Dizem que dizer palavrões faz bem... alivia o stress e liberta uma pessoa

- No rugby anda-se à porrada

Q- No rugby só andas à porrada se não cumprires as regras

R- No futebol também se anda à porrada com os árbitros

Q- Lá está, então é um comportamento fora da norma!

R- Mas os árbitros merecem...alguns

Q- E porque achas que eles merecem?

R- Porque dão amarelos

Q- E no nosso dia a dia quais são os comportamentos, sem contar com os árbitros, que vocês vivenciam na realidade, quais os que vocês têm que são fora da norma?

R-Chatear os pais

- Berrar do nada, porque falo muito alto e de repente elevo muito a voz e pronto

- Graffitis (cala-te tu não graffitas)

Q- digam coisas que vocês fazem e não vêm fazer..

R- Os meus pais mandam fazer cenas tipo coisas lá em casa e eu não faço.

Q- Ok e tu o que fazes que sai da norma?

R- Digo palavrões

-Falo muito e sou chato

Q- Sabes o que é uma coisa que sai da norma? Estares a brincar com isto enquanto nós estamos aqui num grupo focal

R-Exato

Q-Então porque fazes isso?

R-Para me distrair com alguma coisa

Q-Então porque não te distrais com o que está a acontecer aqui?

R-Porque eu distraio-me (ele não aliviou o stress)

Q- Mais comportamentos que saiam da norma?

R- Levar cábulas para os testes ou telemóvel

Q- Achas que levar cábulas é um comportamento anormal?

R- Sim, porque assim não estamos a aprender nada

- Não, porque também estudas pelas cábulas

Q-Estudas pelas cábulas? Se tiveres um papel de resumo estás a estudar claro mas se as usares... tu usas?

R- Às vezes

Se tens trabalho de as fazer claro que utilizas

Q- Acham então que isso é bom?

R- Não

- Podem anular-nos o teste

- Eu acho que nos sentimos melhor se fizermos o teste por nós e tirarmos uma nota por mérito próprio

Q- Achar que as cábulas resolvem o problema de não conseguirem aprender?

R-Não

-Só ajuda a copiar

(Percebem que comportamentos normalmente usam e sabem que não os devem fazer e o motivo de tal, no entanto por vezes as cábulas alegam que é para se sentirem mais confiantes ou usar o (Spinner) é para alívio de stress, mesmo que seja em plena aula.)

Q- O que entendem por uma Perturbação do Comportamento?

R- É estar a perturbar alguém

- Uma pessoa está atenta e outra chama para dizer coisas que não tem nada a ver com a aula

Q- E o significado da palavra perturbação

R- Conheço mas não sei explicar

- Imagine que estão a gozar com um colega ele vai ficar perturbado, é isso?

- Exato

(Não conseguem definir o que é a P.C., referem que sabem "conheço mas não sei explicar", sabem dar o seguinte exemplo "imagino" que estão a gozar com um colega ele vai ficar perturbado.

- expliquei o que significava o P.C. E quando entendem o conceito começam com acusações entre eles.

Q- Perturbação do Comportamento é um conjunto de situações, que levam alguém desde criança até adulto a exercer comportamentos desajustados, fora da norma

R-Como por exemplo falarmos para alguém e a pessoa berrar...

Q- Mas só é diagnosticada a Perturbação do Comportamentos após existir 6 itens, 6 critérios que têm de corresponder ao facto de vocês por exemplo terem tiques nervosos, entre outros, faz parte de uma avaliação da psicologia social só assim será diagnosticada

a P. C. fora isso significa que têm comportamentos desajustados e que são fora da norma. Este diagnóstico tem de ser dado por um médico.

Depois da minha explicação exemplos dados por eles

- Definem conscientemente quais são os comportamentos que podem levar a ser diagnosticada uma P.C.

Q- O que vocês acham ser comportamentos Desajustados?

R- Chamarem a atenção e continuarmos a falar

- Estar a fazer uma coisa que não é correta e continuar
- Por exemplo à beira do buffet tem um caixote do lixo e um rapaz deitou o lixo ao chão
- Insultar alguém

-Enervar-se

- Partir a mesa
- Ear cacetaEas

Q-E fazes isso?

R- Às vezes

Q -O que vos leva a ultrapassar os limites?

R- Quando estamos a jogar e eu perco fico muito enervado isto foi quando parti o copo

- Quando algo nos corre mal
- Quando estamos a estudar e a nossa irmã vem chatear
- Quando contamos algo a alguém e a pessoa conta a toda a gente
- Quando estamos a dormir e alguém nos acorda

Q-O que vos leva a ultrapassar os limites são só jogos?

R-Não

- Quando contamos um segredo a alguém e a pessoa conta a toda a gente

- Quando estou a descansar na cama e me vêm chatear, tipo os meus irmãos

Quando estou a dormir e os meus pais me acordam para ir jantar ou me ligam para acordar para vir para a escola

- Quando alguém me chateia e tenho de andar a porrada e essas cenas

Q-E achas que resolves a situação assim?

R- Mais ou menos, trato-lhes da saúde

Q-E eles tratam-te da saúde a ti?

R- Não

- Outra coisa que nos pode levar ao limite é alguém dizer para fazemos isto e nós fizemos que daqui a dois minutos vamos e nos manda ir fazer na hora

Q- Como se sentem quando são levados ao limite?

R- Mal

- Sinto-me enervado

- Fico chateado

- Sinto muito calor e tiro tudo e começo a transpirar

E-Quando vocês são levados ao limite o que por norma fazem?

A-Começo a dizer tudo o que me vem à cabeça

-Às vezes faço chantagem

Quando batem em alguém a sensação : " Mostram ter medo das consequências de partirem para a discussão, mas no momento não pensam nisso."

Quando confrontados, para solucionarem um problema partem para discussão ou conversam, os rapazes respondem prontamente partir para a porrada, já as raparigas consideram que se deve sempre conversar.

Q- Que atitudes por parte Eos vossos pais vocês acham que vos leva a ultrapassar o vosso limite?

R- Quando estou de castigo

-Quando estou a ver televisão e eles estão sempre a mandar fazer isto e aquilo

Quando eles estão a discutir

Q- Discutir contigo ou entre eles?

R- Entre eles, não gosto de os ver a discutir, não quero ter de escolher.

Quando estou a fazer algo que gosto e a minha mãe quer ir fazer outra coisa, aí isso enerva-me tanto

Q-O que os teus pais te fazem para te chatear?

R- Põem-me de castigo

-Estou a ver televisão e me mandam por a mesa

(Focam bastante o facto de os colocarem de castigo, e os elementos quando estão a jogar, a ver tv sentem-se furiosos e com vontade de lhes bater, segundo um relato).

Q- que atitudes por parte do grupo de pares vos levam a ultrapassar os limites?

R- andarem a dizer mal nas costas

estarem sempre a gozar

serem betinhos

Acharem que são os reis aqui Do sitio, pensarem que mandam em tudo(depois mostralhes quem manda)

denota-se uma forma bastante revoltada de falar.

Demonstram também o sexo masculino serem os mais conflituosos e acham que na porrada e que se resolvem as coisas é aí que se sabem quem é forte.

Parecem ter uma vontade enorme de se vingarem assim que acham que algo está mal (segundo o que eles acham)

Q- Que emoção sentem quando quebram alguma regra ou batem em alguém?

R- Pânico, fico com muito medo porque posso apanhar com o chinela ou com a vassoura

-libertado

-Sinto-me mal

-Fixe

-Feliz e contente mas depois ponho-me na alheta

Q- Então como te sentes realmente? Tens medo?

R- Sim, quando vem o gangue dos ciganos, eles depois chamam a tropa toda e fico nervoso

Q- Quando vocês têm esses comportamentos acham que resolvem a situação?

R- Depende, às vezes

Q- Acham que resolvem a situação a conversar?

R- Depende, há pessoas que não dá para ter uma conversa normal

-Não se consegue ter uma conversa racional

Q- Quando vocês têm um problema acham que partirem para a violência resolve a situação?

R- Não

Q- Preferem conversar?

R- Sim

-Depende das situações

discussão por causa de gozarem uns com os outros

Q- Como se sentem quando infringem um ato?

R- Ofendida

-Aliviado, bato com muita força na almofada

Q- Quando bates em alguém não sentes nada?

R-Nervoso (dizem os amigos)

É verdade

R-(Responde outra) Eu por exemplo quando dou um estalo em alguém fico bem porque acho que ela merecia mas depois sinto-me mal porque penso que ela era minha amiga e que vai ficar magoada comigo

- sinto-me mal porque não estou aqui para dar um estalo a ninguém

R- Nervoso, sinto que passei os limites

Q- E para vocês passarem os limites é só bater?

R-Eu não

-Sinto que achei que mereceu mas depois arrependo-me e que há outras maneiras de resolver as coisas

Q-Acontece muitas vezes bateres em alguém?

R- De vez em quando, é quando é preciso

- Quando a pessoa chateia demasiado, chama nomes e começa a tripar

P.C.- exprimem com bastante naturalidade, a forma como se sentem, denota-se que os rapazes são muito mais impulsivos. Decidem partir para a viloência achando ser a forma mais fácil de se resolver o problema. As raparigas pensam mais na questão da amizade e no afeto que entretanto têm pela pessoa que até lhes possa ter causado "algum mal".

Q- A escola ajuda nessas situações

R- Não (coro)

-A escola tá quieta

Q-O que esperavam que a escola fizesse?

R-A escola se fosse a intervir em todas as Discussões...ui...

Conhecem-no como uma pessoa ruEe e que só sabe impor regras.

Q-Vocês acham que a família poderia intervir em situações deste género?

A-Sim, claro

Q- De que forma?

R- Apoiando-nos

-Dizendo o que é melhor

-Avisarem os diretores de turma para eles terem uma conversa com a turma

Consideram que os pais são quem mais os ajudam e quem mais se preocupa com eles. Mas ressaltam o facto de nem todos os pais serem assim “pais presentes”.

Referem a falta de intercâmbio entre o encarregado de educação e o diretor de turma.

Q-Quando vocês têm um ato mau o que os vossos pais fazem?

R- Do tipo explicam que agimos mal e que nos temos de desculpar perante os outros.

Q-Todos os pais fazem isso?

R- Sim, mas de vez em quando não ouvem a explicação e partem logo para a ação

Q-Achas que eles têm razão?

R-Têm, porque não devíamos de fazer o que fizemos

Q- Vocês acham que os professores estão preparados para terem alunos com comportamentos desajustados?

R- depende

-Há professores que já estão habituados

A maioria revela que não, no entanto, um adolescente refere que muitos professores já sabem lidar com estas situações por já estarem habituados.

Q- Vocês acham que os pais estão preparados para terem filhos com comportamentos desajustados?

R- Acho que sim

-Depende dos pais, porque são eles que dão a educação

-Há alguns que não querem saber dos filhos e depois eles são assim porque não têm atenção dos pais

Q-Acham que isso acontece na turma?

R – Não,

- mais ao menos

Alegaram o facto e existem muito pais que não querem saber dos filhos e consequentemente depois existem estas patologias como a perturbação do comportamento.

Q- Que estratégias de intervenção devem ser implementadas na escola para ajudar estes adolescentes

R-Câmaras de filmar

-Funcionários de intervenção

-Ir a beira da pessoa e dizer “com calma”

Q-Acham que devia de existir uma discussão como esta? Isto ajudaria a diminuir as confusões?

A-Sim

Q-Que temas de conversas interessantes poderiam haver?

R- Perguntar à pessoa porque está assim e o que se passou

Q- O facto de conversar com os pais ajuda a diminuir estes comportamentos?

R- Sim

Q-Gostam de castigos?

R- Não

Q- Acham bem os vossos pais agirem assim?

R - Sim, porque assim aprendemos.

demonstram que a presença dos pais e a educação destes é importante para o seu desenvolvimento. Mostram que nem todos os pais são presentes e ajudam os filhos.

Afirmam que os castigos costumam em ser aceites, mas devem ser dados pelos pais, pois muito só aprendem dessa forma. É relatado o facto de muitos dos filhos só aprenderem através de castigos e que os pais têm de ser severos, uma vez que eles são muito rebeldes.

Anexo 15 – Apresentação de dados das Entrevistas Exploratórias

Esta análise de conteúdo é relativa às entrevistas exploratórias aplicadas ao diretor do agrupamento de uma escola e à Psicóloga da mesma. As seguintes abreviaturas com a sua respetiva combinação (**D – Diretor do Agrupamento, P- Psicóloga Clínica**), são as utilizadas para a análise de dados das entrevistas.

O Diretor do Agrupamento concluiu licenciatura em Pedagogia e posteriormente realizou uma pós-graduação em administração escolar. Este exerce o cargo de diretor desde 2012. A Psicóloga da Escola concretizou a licenciatura em Psicologia Clínica, seguindo-se o mestrado relacionado com a área de Desenvolvimento Humano focando a sua tese na terceira idade. Esta é responsável pelo serviço de Psicologia e Orientação, exercendo esse cargo desde 2009.

<p>Questão: Que balanço faz, da sua experiência ao longo destes anos a prestar serviços à escola, do comportamento dos alunos?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
D	<p>“O balanço que eu faço é que nem todos os adolescentes são bons alunos, neste momento os alunos que se evidenciam com comportamentos disruptivos são os de 7º ano. O mais interessante disto tudo é que os alunos do ensino secundário os que eram os destruidores deixaram de ser e agora esse tipo de comportamentos está mais focado no 3º ciclo 7º, 8º e 9º anos e desses esta mais focado no 7º ano.”</p>	<p>Os alunos do 3º ciclo é que passaram a ser os “destruidores”, que caracterizava os adolescentes do 12º ano.</p>
P	<p>“O balanço destes 8 anos na escola é muito rico, cansativo, nem sempre correspondido e nem sempre me deixava segura do que fiz, o que devia fazer e o que era preciso fazer.”</p> <p>“Houve ali uma figura que era considerada com respeito, eu consegui constituir isso nos alunos.”</p>	<p>A existência de dúvidas relativamente ao trabalho realizado.</p> <p>A conquista de respeito para consigo por parte dos alunos.</p>

Tabela 1: Questão 6 das Entrevistas Exploratórias

Questão: O que entende por Perturbação de Comportamento?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
D	<p>“Perturbação de comportamento, são alunos que não se enquadram quer nas normas que são actualmente aceites quer nos regulamentos internos da escola e do ministério no qual aprovou e delineou o que são as normas no qual estão também os deveres do aluno além disso são regulamentos normais para que exista um bom relacionamento entre as pessoas.”</p>	<p>Podem considerar-se como alunos que não se enquadram quer nas normas que são impostas pela sociedade, quer nas do regulamento interno da escola, que passam por ser normas que são dever do aluno para com a escola e proporciona um melhor ambiente escolar.</p>
P	<p>“Tem a ver com condutas altamente impróprias, como o mentir, homicídio, o agredir, o roubar.”</p> <p>“Situações em que os miúdos assinam os trabalhos pelos pais, havia situações de mentiras, havia situações de agressão aos familiares, à mãe, aos avós, comportamentos sexuais menos próprios e participar em pequenos delitos.”</p> <p>“Um pré delincente. É um miúdo que está no limite de mal saia, antes dos 18 anos, está em</p>	<p>Adolescentes que têm condutas impróprias, como o mentir, o agredir, o roubar, o homicídio.</p> <p>Na escola verificam-se comportamentos como assinarem trabalhos pelos pais, mentiras, situações de agressões aos avós, familiares, comportamentos sexuais menos próprios e a participação dos adolescentes em pequenos delitos.</p> <p>A P.C. pode estar relacionada com um pré-delincente, um adolescente que está no limite em ligação direta com a lei, mesmo antes dos 18 anos.</p>

	ligação direta com a lei ou que já tenha registo. São situações que já estão dentro dos quadros da lei.”	
--	--	--

Tabela 2: Questão 7 das Entrevistas Exploratórias

Questão: A que se devem as situações de Perturbações de Comportamento dos alunos desta escola?

Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
D	<p>“Famílias disfuncionais.”</p> <p>“O professor passar a ter um papel para a sociedade de menor importância, menor autoridade.”</p> <p>“Os pais acharem que a educação a nível de questões sociais dos filhos se dá na escola e não em casa.”</p> <p>“Viverem da opinião dos media.”</p> <p>“Os pais esquecerem os valores que lhes foram transmitidos e passarem a transmitir os que “estão na moda”.”</p>	<p>Famílias disfuncionais, destruturadas.</p> <p>O papel de menor importância que a sociedade estabeleceu do professor.</p> <p>A influência, por vezes, negativa dos média.</p> <p>Os pais passarem a transmitir os valores que a sociedade da atualidade considera os melhores, esquecendo-se dos seus verdadeiros valores, os que os seus pais transmitiram.</p>
P	<p>“(…) famílias completamente desfeitas porque uns estão para outros países, os pais foram embora e deixaram os filhos nos avós, que vivem com imensas dificuldades e não tem capacidades para educar.”</p> <p>“A figura do professor, está muito fragilizada na sociedade,</p>	<p>O facto de existirem famílias que emigraram e deixaram os filhos entregues aos avós e, muitas vezes, estes não estão preparados e não sabem educar os mesmos, de acordo com as suas necessidades. Para além de todas as dificuldades financeiras em que muitos vivem.</p> <p>A fragilidade que a figura do professor passou a ter, o facto de este agora</p>

	<p>o professor já não é visto como uma figura sábia, é uma pessoa que está a mercê dos pais, e neste momento temos uma grande dificuldade em educar por parte dos pais, que é os meninos serem depositados na escola, a escola tem que dar a resposta que os pais acham que tem que dar, e depois quando chegam a casa o professor não fez e amanhã vamos lá falar com o professor.</p> <p>“situações que são externas ao adolescente, e acabam por ter um cariz desviante porque a criança aprendeu a viver daquela forma, sem responsabilidades.”</p> <p>“E o adolescente acaba por omitir ou na realidade mentir, pois percebe que pode contar o que quiser e dizer o que quiser que ninguém diz, o que é que tu fizeste para isso ter acontecido, qual foi a tua responsabilidade na situação relatada.”</p> <p>“Comportamento Inadequados, são por alienação parental ou</p>	<p>praticamente ser uma pessoa que está á mercê dos pais.</p> <p>O conceito de escola passou a ser o de educar os filhos e cuidar dos mesmos, tendo em conta que agora os pais “depositam” os filhos na escola e esta tem de dar resposta a todas as exigências dos pais.</p> <p>A falta de transmissão de responsabilidade aos adolescentes. Estes aprendem a viver sem responsabilidade, o que pode levar a terem comportamentos desviantes.</p> <p>O adolescente acaba por perceber que não lhes é cobrada a questão “o que é que fizeste?”, não lhes é perguntado qual a sua responsabilidade na situação relatada. E estes simplesmente começam a omitir, a contarem as situações de forma que entendam ser o melhor para si e daí podem surgir os comportamentos inadequados, por falta de acompanhamento parental ou por alienação parental.</p> <p>As “famílias disfuncionais” auxiliam construir todo um conjunto de sintomas que levam ao desenvolvimento da P.C.</p> <p>Os adolescentes inteligentes é que têm mais tendência para se desviarem e isso acontece por serem inteligentes.</p> <p>O adolescente tem a necessidade de se fazer ver, de se fazer sentir, mostrar que existe. Este, quando não se “mostra”, não</p>
--	---	--

	<p>por falta de acompanhamento parental em condições.”</p> <p>“Ditas ‘famílias disfuncionais’, ajudam a construir todo um conjunto de sintomas que levam á construção da P.C.”</p> <p>“são meninos inteligentes, e porque e que eles desviam é por serem inteligentes. Emocionalmente têm que se fazer ver, tem que se fazer sentir, se não se corta, não se belisca, e então dispara em todas as direções.”</p>	<p>externaliza através de agressões a si próprio como o de se cortar, passa a fazê-lo a outros, torna-se agressivo com quem é mais próximo dele.</p>
--	--	--

Tabela 3: Questão 8 das Entrevistas Exploratórias

<p>Questão: Tendo em conta a sua experiência, o nº de adolescentes com Perturbações de Comportamento, nesta escola, tem vindo a ser alterado?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
D	<p>“Sim tem vindo a ser alterando por uma razão muito simples, quando cheguei cá a havia comportamentos de libertinagem, muito permissivos, desde aí temos tentado com a ajuda dos encarregados de educação, diretores de turma e corpo docente, para que os alunos percebam quem sem ter um clima calmo não é possível obter resultados escolares”</p>	<p>Tem sido alterado, mas para uma forma positiva, pois agora os alunos deixaram de ter tanta liberdade.</p> <p>Com a ajuda de professores, alunos, funcionários e encarregados de educação, a direção tem conseguido impor mais regras. É conseguir mostrar aos alunos que sem um clima calmo e sagrado, não é possível obterem-se resultados de sucesso escolar.</p>
P	<p>“Tem existido um registo de ocorrências mais graves nos últimos 2 a 3 anos. Mas não existe um momento significativo as ocorrências é que são mais fora do que seria de esperar para aquela idade, problemas mais complexos.“</p>	<p>Os números têm-se mantido embora se perceba que nos últimos 2-3 anos as ocorrências têm existido sob problemas mais complexos e, cada vez mais, a extensão do diagnóstico da P.C. é motivo de preocupação.</p>

Tabela 4: Questão 9 das Entrevistas Exploratórias

Questão: Os comportamentos dos alunos, relacionados com as Perturbações de Comportamento, têm vindo a ser diferentes? Se sim, quais as diferenças que verifica nos comportamentos?

Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
D	<p>“Tem modificado por falta de um consumo de valores da própria sociedade.”</p> <p>“(…) fazer intervenções menos próprias, muitas vezes esses comportamentos acabam por pôr em causa a autoridade do professor e o interesse por parte dos outros alunos e aparece também aqueles alunos que não querem aprender porque são obrigados no qual querem ir para casa trabalhar com o pai, no que acabam por acabar de trabalhar como pedreiro ou na construção civil.”</p>	<p>Tem-se verificado uma grande alteração e isso acontece devido à falta do “consumo de valores” que a nossa sociedade deixou de ter em consideração, bem como o facto de existir menos consideração pelos valores a serem praticados, leva à consequência de se passar a ter intervenções menos próprias. São estas intervenções que levam aos comportamentos e atitudes que os adolescentes praticam, colocam em causa a autoridade do professor. Levando à criação de conflitos entre alunos e professores, provocando um clima desagradável dentro da sala de aula.</p> <p>A situação da escolaridade mínima obrigatória ter aumentado e consequentemente o número de anos de estudo, provoca ainda mais revolta nesses alunos, acabando por destabilizar os alunos que querem estudar. Os alunos com P.C. não querem estudar, querem sim ir trabalhar, pois só pensam é na criação da sua independência e no que o dinheiro lhes pode trazer de satisfação.</p>

P	<p>“Sim existem diferença, acho que tem a ver com uma cultura de intimidade, ou seja, o professor não pode bater, ser mais rígido. Os Adolescentes sentem que tem poder de uma sala de aula.”</p> <p>“Mais graves, com contornos sociais mais complexos, com sentido de impunidade por parte dos adolescentes no sentido de acharem que nada lhes acontece e que o sistema os protege sempre, sentem que podem fazer o que quiserem, quando quiserem sem existirem retaliações. “</p>	<p>Existem diferenças e estas estão bastante relacionadas com o facto de o professor não poder ser mais rígido, exercer um sentido de punição mais forte.</p> <p>Esta situação pode provocar nos adolescentes uma ascensão do ego, pois passam a ter um sentido de impunidade, achando que nada lhes acontece e que serão sempre protegidos pelo sistema, sentindo-se na liberdade de poderem fazer o que querem, quando querem sem que existe qualquer tipo de retaliações. Esta é uma problemática grave e que tem contornos sociais complexos, esta cultura de intimidade que os adolescentes decidiram tomar como adquirida, está a provocar grandes danos no controlo das suas atitudes, seguindo as normas.</p>
---	---	---

Tabela 5: Questão 10 das Entrevistas Exploratórias

Questão: Nesta escola quais as consequências para os alunos que não cumprem regras?

Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
D	<p>“Para ser mais simples tratamos com o diretor de turma e o diretor de turma com o encarregado de educação do aluno para casos mais complicados são muitas vezes encaminhadas para a psicóloga que tenta fazer uma avaliação a ver se o aluno se tem qualquer disfuncionamento que faça para que tenha aquele comportamento mais complicado, alguma desordem e se for mais grave é aplicado processo disciplinar no qual é aplicado por lei e o aluno compre os castigos disciplinares que esta previsto na lei, a expulsão até 8 dias da escola e transferência obrigatória do aluno para outra escola. Portanto isto esta previsto na lei, pelo ministério da educação.”</p>	<p>O mais interessante é quando se aplica uma castigo disciplinar por exemplo suspensão de 3, 4 dias os pais não querem que fiquem em casa não pelo facto de perderam as aulas mas sim pelo facto não ter ninguém que fique com eles em casa.</p> <p>Chamada de atenção, comunicação da situação o diretor de turma e, logo ao Encarregado de Educação se for muito grave existe suspensão.</p>
P	<p>“Primeiramente é tomada a medida de prevenção, chamada de atenção, se o mesmo voltasse</p>	<p>Inicialmente, existe a chamada de atenção ao aluno, sendo esta a medida de prevenção.</p>

	<p>a acontecer era reportar ao psicólogo. Participação escrita feita pelo professor ao qual foi contacto com encarregado de educação e dependendo a gravidade do comportamento, chegando à direção e terá de se abrir um processo disciplinar, uma intervenção direta do diretor, para se agilizar algumas conversas com o encarregado de educação.“</p>	<p>Se voltasse a acontecer a mesma situação ou alguma idêntica, reporta-se o acontecimento ao diretor de turma que através da participação escrita, transmite a informação o encarregado de educação e dependendo da gravidade da situação, esta é participada à psicóloga, para que esta avalie e faça uma avaliação ao aluno para se perceber se existe alguma disfuncionalidade.</p> <p>Posteriormente, e de acordo com a gravidade do comportamento, a participação quando chega à direção, abre-se um processo disciplinar, existindo uma intervenção direta com o diretor, de modo a serem agilizadas algumas conversas com o encarregado de educação. Resolvida a situação, o aluno é expulso onde pode durar até 8 dias, e existe uma transferência obrigatória da escola. Procedimento previsto na lei pelo ministério da educação.</p>
--	--	--

Tabela 6: Questão 11 das Entrevistas Exploratórias

Questão: Qual o nº de processos disciplinares por ano/mês nesta escola?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
D	“3 ou 4 por ano.”	Por norma não ultrapassam os 3-4 processos disciplinares por ano, o que tem em maior número são os casos que se resolvem com o encarregado de educação.
P	“3 ou 4 por ano”	Processos disciplinares, não existem mais de 5 por ano, o que existe mais são os comportamentos de regras reportados aos encarregados de educação, pois não se pode aplicar algo mais.

Tabela 7: Questão 12 das Entrevistas Exploratórias

Questão: Acha importante intervir junto dos adolescentes com Perturbação de Comportamento?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
D	“Sim, muito importante.”	É considerado muito importante.
P	Sim, claro! Intervir de forma direta, frequente, disciplina e constante, é como educar, educar é isso.	Deve-se intervir obviamente e de forma direta, precoce frequentemente disciplinada continua e constante. Deve-se fazer uma intervenção da mesma forma como se dá a educação.

Tabela 8: Questão 13 das Entrevistas Exploratória

<p>Questão: Que estratégias considera pertinentes para minorar as manifestações da Perturbação de Comportamento nos adolescentes?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
D	<p>“Eles têm que ser consciencializados que existem normas numa sociedade, na rua, numa piscina, a normas o aluno quando sai da escola tem regras.”</p> <p>“Os pais têm que mentalizar os adolescentes que numa sociedade existe regras.”</p> <p>“Quando existem comportamentos desviantes é contactado logo os pais pelo diretor de turma.”</p>	<p>Por vezes a população tem muito o hábito de considerar a escola como o reflexo da sociedade.</p> <p>Importa referir que os adolescentes passem a ser consciencializados para a existência de normas na sociedade, na comunidade, seja escolar ou a familiar.</p>
P	<p>“A intervenção direta, intervir naquela hora e naquele momento é que faz com que aquele comportamento pare e se consiga suster aquela situação por mais alguns minutos.”</p> <p>“Mas o importante era realmente intervir antes daquelas situações.”</p>	<p>É bastante importante que se passe a intervir precocemente, mas se por ventura já se for um pouco tarde, pelo menos, que a intervenção seja de forma direta e imediata, aplicada naquele preciso momento.</p>

Tabela 9: Questão 14 das Entrevistas Exploratórias

Questão: Nesta escola tem sido possível aplicar alguma(s) das estratégias?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
D	<p>“Quando existem comportamentos desviantes é contactado logo os pais pelo diretor de turma.”</p> <p>“Informar os pais e encaminhá-los para o médico de família, psicólogo.”</p> <p>“Mostrar que têm de acompanhar os filhos e saber separar a relação familiar da escolar.”</p> <p>“Existe o intercâmbio de informação entre o diretor de turma e encarregados de educação.”</p> <p>“Se o problema não for solucionado, ativar a equipa multidisciplinar, diretor de turma, encarregado de educação, psicólogo e se necessário a CPCJ.”</p>	<p>Contactar os encarregados de educação pelo diretor de turma, após algum comportamento desviante que o seu educando tenha praticado.</p> <p>Os diretores de turma têm transmitido aos pais que estes devem acompanhar os filhos e ter bastante atenção ao seu desenvolvimento escolar.</p> <p>Em recurso SOS e se já se tiverem aplicado todas as estratégias possíveis e o problema não for solucionado, é feita uma reunião com a equipa multidisciplinar, diretor de turma, encarregado de educação, psicólogo e se necessário a CPCJ.</p>
P	<p>“Ponto de vista directores de turma, sim, os que estão na 1º linha a tentar modificar estes comportamentos. Embora seja muito difícil, os pais querem tudo, mas não fazem a parte</p>	<p>Denota-se que o diretor de turma é quem está na primeira linha, quem recebe e é confrontado de imediato com as atitudes dos adolescentes.</p>

	<p>deles. Portanto se são aplicadas algumas mudanças, ou apresentadas algumas propostas de alteração aceitas, mas tem sempre uma negação, colocam sempre limitações. Mais formação aos pais, aos funcionários, para enquadrarem estratégias de intervenção nestas situações não existe.“</p>	<p>O diretor de turma é quem ainda aplica algumas estratégias pois são estes quem tentam modificar estes comportamentos.</p> <p>Quando apresentadas algumas propostas, os pais que estão sempre a cobrar a escola por melhorias, são os primeiros a colocar limitações e assim torna-se complicado efetuar na realidade alguma alteração.</p>
--	--	---

Tabela 10: Questão 14.1 das Entrevistas Exploratórias

Anexo 16 – Apresentação de dados do Grupo Focal dos Profissionais

De seguida é feita a análise de conteúdo do Grupo Focal dos Profissionais de Educação do Psicólogo Clínico e da Educadora Social. Em cada tabela inicialmente surge a questão que foi colocada, os elementos que participaram no grupo de discussão, as respostas dos mesmos e as inferências. No final é realizada uma análise de conteúdo relativa a cada questão e de acordo com as informações obtidas. As iniciais representam cada um dos participantes, C - a Educadora Social, CL e M – Professoras e diretoras de turma da escola e R – Psicólogo Clínico.

Questão: O que considera ser um adolescente “dito normal”?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	“(…) é um adolescente que não demonstra tendência para exhibir comportamentos que incomodem, perturbem, nem desafiem terceiros (…).”	É referido o facto de o adolescente não perturbar nem incomodar o outro.
CL	“Um adolescente normal é um menino ou menina que começa a ter opiniões sobre tudo. (...) fase de dúvidas e paralelamente de “certezas”, ainda que, por vezes, pouco fundamentadas.”	A adolescência é uma fase que divide o adolescente entre qual quais são as certezas e quais são as dúvidas. Essas incertezas levam o adolescente, por vezes a acharem que já tem opinião, mesmo que esta ainda não seja a mais fundamentada e credível.
M	“(…) aquele que se integra na sociedade, utilizando formas de vestir, a escolha de pares (…).”	Na fase da adolescência, o adolescente por vezes torna-se inseguro e considera que para pertencer ao meio social onde está inserido, tem de se vestir de igual forma que os outros adolescentes.
R	“É um ser humano que se encontra numa fase de desenvolvimento bio-psico-social (…).”	É um adolescente que se desenvolve de acordo com o seu meio biológico, psicológico e social.

Tabela 1: Questão 1 do Grupo Focal dos profissionais

Questão: O que entende por Perturbação de Comportamento?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	“apresentam sofrimento psíquico ou constrangimento com as suas atitudes e não se importam de ferir os sentimentos das pessoas ou desrespeitar os seus direitos.”	Estes adolescentes têm por hábito não se preocuparem com o outro nem nutrirem qualquer tipo de empatia pelo mesmo.
CL	“Um comportamento que foge aos parâmetros aceitáveis na sociedade: verbal, físico ou psicológico.”	Podem ter comportamentos de agressão física ou psicológica. Por noma têm comportamentos que são considerados fora da norma e não aceites pela sociedade.
M	“São confusões, agitações, vindos já da infância, muitas são afetivas, problemas socioculturais, muitas vezes a imagem corporal, alterações pubertárias, autoestima a problemática da identidade...”	Com o desenvolvimento da adolescência muitos problemas de autoestima, autoconfiança, do foro identitário surgem.
R	“Trata-se uma patologia com critérios de diagnóstico definidos pela DSM-5.”	“Trata-se uma patologia com critérios de diagnóstico definidos pela DSM-5.”

Tabela 2: Questão 2 do Grupo Focal dos profissionais

Questão: A que se devem as situações de Perturbações de Comportamento dos adolescentes?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	“(…) comportamentos de risco que englobam esta fase da vida e a que os adolescentes são facilmente vítimas/alvo (…)”	Os adolescentes na fase da adolescência são bastante influenciáveis, incluindo enveredando por vezes em comportamentos designados de risco.
CL	“Incompreensão sobre determinadas situações; Família desestruturadas e/ou sem transmissão de valores; Déficit de atenção; Adolescentes que se autoisolam, fobia social; Problemas no relacionamento com o outro; O não aceitar as regras estabelecidas; Bullying (…)”	A adolescência conduz consigo diversas incompreensões, angústias e medos. Tais como a fobia social, o não sentido de pertença, a dificuldade em se aceitarem regras, entre outras.
M	“(…) estar relacionados com criminalidade, perturbações psiquiátricas, toxicodpendência, dificuldades de inserção (…)”	De acordo com a DSM 5 a perturbação do comportamento é caracterizada por pertencer a perturbações do foro mental e pode estar relacionada com comportamentos de criminalidade.
R	“(…) causas biológicas próprias do sujeito ou a situações traumáticas que moldam o mesmo (…)”	A perturbação do comportamento pode estar relacionada com causas biológicas ou situações que se tornaram traumáticas para o sujeito em questão.

Tabela 3: Questão 3 do Grupo Focal dos profissionais

<p>Questão: O tipo de comportamentos dos alunos, relacionados com as Perturbações de Comportamento, tem vindo a ser diferente?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	<p>“Sim, reconheço que os adolescentes apresentam cada vez mais comportamentos de desafio e oposição face ao adulto, em particular, às figuras cuidadoras ou representantes legais (...)”</p>	<p>Denota-se que cada vez mais os adolescentes mostram necessidade de desafiarem a autoridade.</p>
CL	<p>“O uso das tecnologias como instrumento de autoexposição, uma necessidade de se expor (expor o outro, igualmente) (...)”</p>	<p>Na atualidade os adolescentes não sobrevivem sem as novas tecnologias, passando a comunicar de forma virtual e mostrando uma necessidade de transmitirem “ao mundo”, como estão, onde estão através de um telemóvel.</p>
M	<p>“Sim, muita agressividade, muita falta de educação, falta de regras e valores (...)”</p>	<p>Os adolescentes da atualidade, não demonstram serem possuidores de grande carácter, mostrando um défice a nível de moral, regras e valores.</p>
R	<p>Os alunos com perturbação do comportamento diagnosticada mantêm um padrão de comportamento</p>	<p>As características relativas às atitudes da Perturbação do comportamento são definidas segundo os critérios e os adolescentes mantêm-nas.</p>

	comum próprio da patologia	
--	-------------------------------	--

Tabela 4: Questão 4 do Grupo Focal dos profissionais

<p>Questão: tendo em conta a sua experiência, o nº de adolescentes com Perturbações de Comportamento, tem vindo a ser alterado? Em que sentido (para mais ou menos)?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	“(…) tem vindo a crescer ao longo dos anos, uma vez que, estes problemas são mais frequentes quanto maior o número de fatores de risco a que os adolescentes tiverem a eles associados.”	Com o ritmo do quotidiano que se tem vivido e o acesso fácil ao mundo virtual que os adolescentes têm verifica-se que estes estão cada vez mais expostos a fatores de risco.
CL	“Diria que tem aumentado. O número não me assusta, preocupa-me mais a extensão da perturbação.”	Denota-se que a preocupação centrasse mais na extensão que se tem verificado da perturbação, na intensidade que cada critério passou a ter de acordo.
M	“Sim, para mais, sem dúvida.”	Explicando que atualmente os adolescentes não têm noção
R	“Não tem havido um aumento de adolescentes com perturbação de comportamento. O que se tem verificado mais é o aumento do número de casos clinicamente diagnosticados.”	Do ponto de vista Psicológico é de referir que a Perturbação do Comportamento já existia, o que modificou foram os diagnósticos da patologia que aumentaram.

Tabela 5: Questão 5 do Grupo Focal dos profissionais

Questão: acha importante intervir junto dos adolescentes com Perturbação de Comportamento?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	“Sem dúvida que é importante intervir.”	Denota-se que é importante intervir.
CL	“Sim, sem dúvida.”	Deve ser colocada em prática a intervenção.
M	“Sem dúvida porque quanto mais cedo os adolescentes forem intervencionados, mais cedo poderão obter resultados adequados e com sucesso.”	Deve existir realmente uma intervenção, preferencialmente uma intervenção preventiva.
R	“Obviamente que deve haver uma intervenção”	“Obviamente que deve haver uma intervenção”

Tabela 6: Questão 6 do Grupo Focal dos profissionais

<p>Questão: Que estratégias considera pertinentes para minorar as manifestações da Perturbação de Comportamento nos adolescentes?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	<p>“(…) centra-se na intervenção com pais, as recomendações/orientações centram-se nos seguintes aspetos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - pais compreendam que têm a função de pais e não de companheiros dos filhos; - que além de dar conselhos devem dar o exemplo; - estabelecer regras claras e consistentes, assim como as consequências resultantes da quebra desses limites; - tenham disponibilidade e tempo para o afeto e diálogo para com os filhos, de modo a que os possam conhecer melhor e compreender as suas necessidades, capacidades e fragilidades; - estimulem os filhos a pensar e a falar acerca do que sentem em alternativa a descarregar a irritação e o seu mal estar através do comportamento; - valorizem o bom comportamento dos filhos e deem incentivo para melhorar; - controlem e supervisionem os filhos (onde está, com quem está e a fazer o quê); - cheguem a um acordo com o companheiro/a quanto à forma de educar e às regras a estabelecer; 	<p>Intervir inicialmente com os pais, facultando-lhes formação, mostrando que estes devem em conjunto com o professor encontrar a melhor maneira de educar o filho.</p> <p>Os pais e professores devem explicar aos alunos que as regras existem são necessárias a serem cumpridas, e que essencialmente deve existir espaço para o diálogo, troca de carinho e capacidade de se entender as necessidades da família.</p>

	- mantenham contacto com a escola, trabalhando em conjunto com os professores.”	
CL	“A paciência e o tempo para dialogar com o adolescente parece-me essencial.”	A existência de tempo por parte dos pais para os filhos e passarem a dialogar.
M	“Primeiro intervir na família para depois o trabalho feito com os alunos, ser mais produtivo.”	É de referenciar que muitos dos problemas dos alunos advinham dos pais. E eram os mesmos que tornavam o processo ainda mais complexo de ser analisado.
R	“Diagnósticos clínicos claros e objetivos. Tratamento medicamentoso, se for necessário, acompanhamento psicológico com psicoterapia e formação parental e escolar para docentes acerca das estratégias que poderão ser eficazes para controlar o comportamento do adolescente.”	Os diagnósticos precisam passar a ser realmente definidos, perceber quais os critérios que estão adjacentes à problemática e segundo a DSM 5 classificar de forma concisa a patologia.

Tabela 7: Questão 7 do Grupo Focal dos profissionais

Questão: considera que os professores estão preparados para terem alunos com estas características?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	“Existe uma necessidade, ou seja, pretende-se que os professores saibam lidar com este tipo de situações e invistam em formação nesta área, o que muitas vezes não acontece.”	Verifica-se que realmente não existe formação suficiente para lidar com adolescente com perturbação do comportamento diagnosticada. No entanto, o professor sente realmente necessidade de formação deste e de outros temas, importantes a se ter em conta na comunidade escolar.
CL	“Não, embora haja cada vez a necessidade de existir essa preparação.”	Sentem e admitem que existe uma necessidade de existir essa preparação.
M	“Não. Os professores estão preparados para transmitirem conhecimentos a alunos sem Perturbação do Comportamento.”	Não estão preparados, visto que os conhecimentos que sabem transmitir são para os alunos sem P.C., foi para isso que foram preparados.
R	“Considero que não estão preparados pelo simples facto de se tratarem de casos clínicos para os quais, na maioria das universidades, os professores não recebem formação acerca da forma que poderá ser mais eficaz para lidar com eles.”	Trata-se de um caso clínico e os professores não têm formação para tal.

Tabela 8: Questão 8 do Grupo Focal dos profissionais

Questão: considera que os pais estão preparados para terem filhos com estas características?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	“Os pais raramente estão preparados para terem e lidarem com filhos com estas características.”	Na atualidade todos têm de ser “iguais”, a sociedade assim transmite e quando a “diferença” surge, ou é desvalorizada ou camuflada.
CL	“Não, porque com o ritmo de vida nem sempre se consegue coordenar com o lidar/ compreender um adolescente com essas características.”	O ritmo de vida leva a que os pais, não lhes permite proporcionar um momento de estar – presencialmente, o filho. Assim não se conseguem inteirar da situação dos mesmos.
M	“Não, porque os pais atualmente também não sabem ter comportamentos normais. Não sabem educar.”	A falta de interesse dos pais para com os compromissos dos filhos foi referida, bem como a não preparação dos pais para algo “diferentes”. Bem como a postura que os pais passaram a ter, seja como cidadãos não exemplares, não cumpridores dos seus deveres para com que a sociedade. Passando a não serem os melhores educadores, não sabendo e não cumprindo os próprios as regras.
R	“Porque não foram treinados/ensinados para lidarem com situações de exceção nem tem conhecimento técnico para tal (...).”	Não existiu um treino nem preparação para lidarem com as situações que têm envolvimento clínico.

Tabela 9: Questão 9 do Grupo Focal dos profissionais

Questão: que emoções verifica no adolescente quando este ultrapassa os limites?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	“Podem revelar insensibilidade, não manifestando sentimentos de culpa ou remorsos.”	Não manifestam sentimentos de culpa parecem insensíveis,
CL	“Frustração, impaciência, por vezes parece perdido num mar de emoções.”	Sentem um misto de emoções e, por vezes, nem sabem definir quais.
M	“Revolta e vontade de repetir (...)”	Sentem-se revoltados e com vontade de voltar a repetir.
R	“(...) existe uma auto-desculpabilização face aos comportamentos ou então uma percepção de que não fizeram nada de desadequado (...)”	Os adolescentes tentam desculpar o seu comportamento e, por vezes, nem se apercebem que tiveram um comportamento desajustado, considerando que não fizeram nada desadequado.

Tabela 10: Questão 10 do Grupo Focal dos profissionais

<p>Questão: Qual a(s) atitude(s) por parte dos professores que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	<p>“Confrontação; humilhação; desvalorização; repreensão; chamadas de atenção constantes; não-aceitação do aluno não tendo em conta as suas características e necessidades (...).”</p>	<p>Confronto de professor com o aluno, a não aceitação do professor pela diferença do aluno e as necessidades que este apresenta. A repreensão, a humilhação, as chamadas de atenção diversas.</p>
CL	<p>“Reagir a uma atitude do adolescente de forma impulsiva, sem tentar conhecer/saber os motivos para essa atitude.”</p>	<p>Responde a uma atitude do adolescente que considera menos positiva, de forma impulsiva, sem tentar perceber o que o levou a tal.</p>
M	<p>“O confronto com o aluno, chamadas de atenção. Punição por atos que estes acham normais, mas são indevidos.”</p>	<p>A punição por atos que os adolescentes consideram normais, mas são indevidos.</p>
R	<p>“Tentar fazer uso de técnicas específicas de punição ou de reforço negativo (...).”</p>	<p>A utilização do reforço negativo e técnicas de punição.</p>

Tabela 11: Questão 11 do Grupo Focal dos profissionais

<p>Questão: Qual a(s) atitude(s) por parte dos pais que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	<p>“Inexistência de regras e limites definidos em casa; desvalorização face ao filho; ausência de afetos e diálogo; inexistência de um “clima” baseado na segurança e confiança; facto de não ter sido um filho desejado (...)”</p>	<p>Os pais não estipularem regras e limites para os filhos cumprirem. Ausência de afeto, carinho, a desvalorização do filho, bem como não lhes proporcionar um clima seguro e acolhedor em casa.</p>
CL	<p>“Usar o autoritarismo, castigar sem dialogar.”</p>	<p>Castigarem sem conversarem com o filho relativamente à atitude que teve.</p>
M	<p>“Hoje os pais não sabem o que são limites, como tal o filho apenas será o espelho da educação que tem.”</p>	<p>O filho apenas será o espelho da educação que teve.</p>
R	<p>“(…) uso de técnicas específicas de punição ou de reforço negativo. A exigência de novos comportamentos regradados.”</p>	<p>O facto de alterarem o ritmo de regras e exigirem novos comportamentos.</p>

Tabela 11.1: Questão 11.1 do Grupo Focal dos profissionais

<p>Questão: Qual a(s) atitude(s) por parte do grupo de pares que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	“(…) facto de ser uma pessoa influenciável e com medo de exclusão do grupo cumprir com as ordens do líder; humilhação (…).”	Receio de serem humilhados, por não serem iguais aos líderes, de terem gostos diferentes.
CL	“Imitação, pressão dos pares, solidão, necessidade de pertença a um grupo.”	Receio de não se enquadrarem num grupo, não terem amigos.
M	“A luta pela liderança, o não ser aceite no grupo, o tratamento que recebe (..)”	O querem emancipar-se e mostrarem quem é o melhor, existe uma disputa pelo poder e liderança.
R	“Não reforçar o comportamento do colega de forma positiva.”	Serem contrariados.

Tabela 11.2: Questão 11.2 do Grupo Focal dos profissionais

Questão: Os Pais/profissionais de educação têm formação no âmbito da P.C.?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	“muitos pais e profissionais de educação não têm formação no âmbito da P.C. (...)”	A falta de existência de formação.
CL	“A maioria não, mas existe essa possibilidade.”	Não têm formação mas sabem que existe essa possibilidade.
M	“Nenhumas, a não ser que investigue por conta própria (...)”	Não existe formação a não ser que esta seja feita por conta própria.
R	“Não, ainda não prepararam um programa que facilitasse a transmissão desse tipo de conhecimento (...)”	Não existe um programa feito pelo ministério da educação que transmitisse esse tipo de formação.

Tabela 12: Questão 12 do Grupo Focal dos profissionais

<p>Questão: Os Pais/profissionais de educação utilizam estratégias de Intervenção junto dos adolescentes com P.C.?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	“A maioria das vezes não, devido ao facto de não terem formação no âmbito da P.C. ou por receio e/ou medo dos comportamentos que podem advir (...).”	Não têm formação, logo não conseguem colocar em prática estratégias, que fazem já parte da intervenção
CL	“Talvez, no sentido da aplicação da educação, a vertente pedagógica relacionada com a sociedade e o diálogo com os adolescentes.”	Aplicar na educação, tendo em conta a vertente pedagógica relativa à sociedade e ao diálogo com os adolescentes.
M	“Muito raramente, por falta de conhecimento.”	Raramente utilizam, por não existir conhecimento para tal.
R	“Em muito poucas situações. Existe muita falta de conhecimento para se passar à ação.”	Poucas são as situações em que isso acontece, uma vez que existe falta de conhecimento teórico, para poderem passar à prática.

Tabela 13: Questão 13 do Grupo Focal dos profissionais

<p>Questão: Que Estratégias de Intervenção ajudariam a diminuir as consequências de P.C. de um Adolescente?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
C	“(…) passam primeiramente por uma abordagem integrada que atue sobre as várias dimensões da vida do adolescente, nomeadamente a família, a escola, o grupo de pares e o próprio, ocorrendo em simultâneo e a longo prazo.”	Análise às várias dimensões da vida do adolescente. Perceber a sua ligação e interesse pela escola, família, grupo de pares e até por si próprio (o auto-conceito). Utilizaram esta estratégia de forma contínua e a longo prazo.
CL	“O diálogo e estratégias de autoconhecimento.”	Dialogarem mais e serem aplicada estratégia no âmbito do autoconhecimento.
M	“Encaminhamento para o Médico de família. Existir um intercâmbio de influência positiva da família, da escola e do grupo de pares. Devia realizar-se uma intervenção no âmbito da terapia familiar, professores, psicólogos”	Existir um trabalho de intercâmbio positivo e multidisciplinar entre os professores, família, alunos, médico de família, grupo de pares. Proposta e realização de ações de formação e intervenção a nível familiar, escolar (professores, psicólogo).
R	“Estratégias de base cognitivo-comportamental e comportamental associadas a psicoterapia.”	“Estratégias de base cognitivo-comportamental e comportamental associadas a psicoterapia.”

Tabela 14: Questão 14 do Grupo Focal dos profissionais

Anexo 17 – Apresentação de dados do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

De seguida é feita a análise de conteúdo do Grupo Focal dos Adolescentes, inicialmente é analisado o Grupo focal realizado aos adolescentes do 9ºano. Em cada tabela inicialmente surge a questão que foi colocada, os elementos que participaram no grupo de discussão, as respostas dos mesmos e as inferências. Neste grupo focal as respostas eram muito similares entre si e decidimos agrupar então as respostas segundo o género. Pelo que, se considerou o a inicial **M** representa os elementos do género Masculino e a inicial **F** os elementos do género Feminino. No final é realizada uma análise de conteúdo relativa a cada questão e de acordo com as informações obtidas.

Questão: O que é para si um adolescente “dito normal”?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Não tem hábitos maus, não é influenciado.”</p> <p>“Faz os recados aos pais.”</p> <p>“Come, dorme, vai à escola, faz o básico sem fazer asneiras.”</p>	Ter bons hábitos, ajudar os pais, cumprir as regras.
F	<p>“Vai à escola, tem boas notas.”</p> <p>“Não anda sempre a discutir.”</p> <p>“Faz as coisas normais das pessoas.”</p>	Serem bons filhos e bons alunos, não discutirem.

Tabela 1: Questão 1 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

Questão: Quais considera ser os comportamentos que saem da norma?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Desrespeitar as regras de sala de aula, não estar calado, não responder ordenadamente, bater nas pessoas, ser violento.”</p> <p>“Roubar, consumir álcool.”</p> <p>“Desrespeitar o professor, gozá-lo, chamar nomes.”</p>	Desrespeitar as regras pré-estabelecidas pela escola. Ser violento. Consumir álcool, droga entre outras atitudes consideradas de norma perigosa.
F	<p>“Tratar mal o professor, ser expulso da sala de aula.”</p> <p>“Ser mal-educado, só dizer palavrões.”</p> <p>“Tratar mal os funcionários e os colegas.”</p>	Agressão verbal e suas consequências, ou seja, ser expulso da aula.

Tabela 2: Questão 2 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

Questão: Que comportamento dito “fora da norma” tem praticado mais frequentemente?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Falar e estar com os telemóveis na sala de aula.”</p> <p>“Que tentaram influenciar-me em vícios álcool, droga, canábis etc, e eu resisti, quer dizer experimentei, mas resisti.”</p>	<p>O uso do telemóvel dentro da sala de aula.</p> <p>As influências a que estão sujeitos, e a incapacidade de resistência, mesmo sabendo que correm riscos.</p>
F	<p>“As horas, dizem à meia noite quero-te em casa e eu só cheguei á uma ou duas (raparigas a falar) e o adolescente anterior ri-se e diz o quê , então, já ultrapassei os meus limites.</p>	<p>Verifica-se que as raparigas, têm uma maior imposição de horários, relativamente a saídas à noite que os rapazes.</p> <p>Os rapazes quebram mais facilmente às regras sem receio das consequências. As raparigas relatam com mais receio as situações e o medo que sentem das advertências que possam vir a sofrer.</p>

Tabela 3: Questão 3 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

Questão: O que considera ser a Perturbação do Comportamento?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Problemas, fugir às regras.”</p> <p>“Não sabemos o que é isso.”</p>	Não cumprir as regras.
F	“É uma perturbação.”	Pode ser uma perturbação.

Tabela 4: Questão 4 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

Questão: Quais considera ser o(s) comportamento(s) que o Adolescente tem, para lhe ser diagnosticado a Perturbação do Comportamento?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Pontapear os contentores e os lixos.”</p> <p>“Andar às turras, roubar.”</p> <p>“Baterem nos mais novos.”</p> <p>“Andarem sempre à porrada.”</p>	Consideram como andar a fumar, roubar e pontapear material que está na rua e é necessário. Meterem-se com os mais novos e aproveitarem-se desse facto para lhes bater. Utilizarem a violência como resolução de problemas.
F	<p>“Gozarem com os que são diferentes e mais fracos.”</p> <p>“Partirem cacifos.”</p> <p>“Destruírem coisas aqui na escola.”</p> <p>“Tratarem mal os professores.”</p>	<p>Fazem chacota dos adolescentes que não seguem as “modas” deles, ou que têm algum problema.</p> <p>Partirem os cacifos que são preciosos para todos os alunos, bem como outro material que está na escola para servir os alunos.</p>

Tabela 5: Questão 5 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

<p>Questão: Que situações conduzem o adolescente a ultrapassar “os limites”? (Porque quebram as regras)?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Puxá-los para vícios, tipo drogas.”</p> <p>“Bater nos colegas.”</p> <p>“Provocações.”</p> <p>“Mandam bocas.”</p> <p>“Ou batem antes.”</p> <p>“Influências dos amigos.”</p> <p>“Não ter nada para fazer.”</p>	<p>O facto de exercerem chantagem sobre os adolescentes, os aliciarem a experimentarem algo novo, bem como as provocações.</p> <p>(um adolescente relatou o seguinte “Andavam sempre a gozar comigo, mandavam bocas, diziam que eu era gay, encostavam-se aos postes até que um dia me passei da cabeça. E um dia eu e a minha “malta da rua” espancamos esse tipo.”).</p>
F	<p>“Sofrer de bullying” referenciou uma adolescente e descreveu a situação pela qual passou. E, entretanto, um adolescente descreveu a sua própria situação.</p> <p>“Porque estão fartos da rotina.”</p>	<p>A adolescentes que relatou este episódio estava com voz de chorar e caíram-lhe lágrimas, mas ao mesmo tempo ria-se ainda se denota uma sensibilidade e mágoa quanto ao assunto porque ao longo do grupo de discussão esta referência muitos exemplos com base neste acontecimento).</p>

Tabela 6: Questão 6 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

Questão: como se sente quando é levado ao limite?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Vontade de tudo, é uma revolta.”</p> <p>“Falta de paciência.”</p> <p>“Raiva, só me apetece esganar alguém.”</p> <p>“Sinto-me mal, farto da situação.”</p> <p>“Mandar um pontapé e acabar o massacre.”</p>	<p>Descrevem nitidamente o que sentem, mostram que sentem necessidade de terminar com a situação, rapidamente, e que a mesma lhes provoca várias emoções, inclusivamente um misto de revolta, angústia entre outras.</p>
F	<p>“Angústia, por não saber mais como fazer.”</p> <p>“Raiva da pessoa.”</p> <p>“Vontade de lhe bater.”</p> <p>“Vontade de dizer basta e tudo parar.”</p>	<p>Todos concordam com o facto de sentirem necessidade que o outro sinta o mesmo que eles quando lhes fazem mal.</p>

Tabela 7: Questão 7 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

<p>Questão: Qual a(s) atitude(s) por parte dos professores que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Pedir-nos constantemente as nossas cadernetas.”</p> <p>“Alguns profs., aproveitam-se da autoridade.”</p>	<p>Eles devem chamar à atenção, mas também mas terem um pouco de cuidado e respeitarem os alunos. Saberem dosear o tipo de erro que o adolescente comentou de modo a ser necessário o pedido da cardeneta, a marcação de faltas entre outros. ou não.</p>
F	<p>“Às vezes, quando dizemos qualquer coisa ao professor e ele parece que sente que o estamos a atacar. Quando expulsam da aula por tudo e por nada, ou marcam faltas assim por qualquer coisita (só por falarmos para o lado).”</p>	<p>Os professores acham que tudo o que os adolescentes fazem é para os atacar. A atitude mais focada é o poder de autoridade.</p>

Tabela 8: Questão 8 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

Questão: Qual a(s) atitude(s) por parte dos pais que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?

Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Não nos deixam fazer coisas que queremos, tipo sair à noite.”</p> <p>“Mandar estudar quando não temos vontade.”</p> <p>“Quando não nos podemos comparar aos outros, mas eles comparam-nos sempre aos outros.”</p> <p>“Prometerem coisas e depois no final não cumprem“</p>	<p>Quando quero dormir e eles mandam ir arrumar (todos juntos ya, ya isso).</p> <p>A comparação que os pais fazem para com aos outros, porque têm melhores notas, mas se o contrário existir eles não felicitam os filhos por tal. E não lhes proporcionam que se auto comparem “aos outros” porque fizeram algo melhor, aí são logo advertidos pelos pais, para não o fazerem.</p> <p>" tu não sabes o que é o mundo la fora“, o que é certo é que nós queremos sair mas depois nos queremos sair para descobrir não é. E eles não nos deixam, então como é que querem que nos conheçamos as coisas."</p>
F	<p>“Serem muito protetores.”</p> <p>“Não deixar viver.”</p> <p>“Mandar-nos arrumar.”</p> <p>“Eles dizem que não conhecemos o mundo lá fora, mas não nos deixam conhecer.”</p> <p>“Os pais devem dar mais liberdade que o que dão.”</p>	<p>Reclamarem a falta de liberdade, não proporcionar saídas à noite e de assim não „os deixar viver“ os adolescentes relatam que por vezes é necessário sair do teto dos pais para aprenderem o que é viver, para saber o que é cair, levantar,o que é lutar. Mas não o fazem porque os pais não os lhes dão liberdade.</p> <p>Outros adolescentes refere so nos deixam vir para a escola e eu dispenso.</p>

Tabela 8.1: Questão 8.1 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

<p>Questão: Qual a(s) atitude(s) por parte do grupo de pares que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“quando nos irritam, estão sempre a chatear, a melgar.”</p> <p>“Nós pedimos para parar, mas continuam, tipo a dar cacetadas, ou sempre a falar do mesmo.”</p> <p>“Nos gozam e abusam nos nomes que chamam.”</p>	<p>Insultos, falta de paciência.</p>
F	<p>“Quando dizem, tens de ser assim para pertenceses ao grupo.”</p> <p>“Não aceitam as diferenças.”</p>	<p>Não saber aceitar as diferenças.</p> <p>Não sabiam o que significavam grupo de pares. Salientaram o facto de muitos colegas não saberem lidar com as diferenças. A impaciência de muitos, que se torna chata e insuportável, o facto de gozarem com os estilos de roupa. Existe uma maior preocupação com o visual nesta idade, e muitos consideram um insulto o facto de os colegas criticarem a sua forma de vestir.</p>

Tabela 8.2.: Questão 8.2. do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

<p>Questão: Que emoções nutre após quebrar uma regra? (terem um comportamento “fora da norma”)?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Sentimo-nos aliviados, porque descarregamos a raiva na pessoa que nos fez mal.”</p> <p>“Sinto-me contente por ter resolvido o problema.”</p>	<p>Alívio e a sensação mais focada, e como o principal, após o acontecimento se ter sucedido e estar resolvido.</p>
F	<p>“Senti-me aliviada.”</p> <p>“Raiva, angústia, desanimada.”</p> <p>“Ódio, querer que o outro se sintira como nos fez sentir a nós.”</p>	<p>Todos concordam com o facto de sentirem necessidade, que o outro sintira o mesmo que eles, quando lhes fazem mal.</p>

Tabela 9: Questão 9 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

<p>Questão: Considera que o facto de ter comportamentos desajustados nas situações já anteriormente focadas, o leva a resolver essa situação?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Não”, (responde a maioria.)</p> <p>“Às vezes é o melhor e mais fácil a fazer.”</p>	<p>Maioritariamente dizem que não, embora um adolescente considere que assim resolve totalmente a situação.</p>
F	<p>“Acho que não, pois o facto de exercerem sobre nós algum tipo de violência, não é partir com violência para cima dessa pessoa que resolve o assunto.”</p> <p>“Devemos pedir ajuda e conversar.”</p>	<p>O problema é solucionado se conversarem e pedirem ajuda para o resolver.</p>

Tabela 10: Questão 10 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

Questão: Considera que a escola o auxilia em situações deste género? (alunos que têm comportamentos desajustados).		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	“Os funcionários não ajudam.” “Os profs. não têm tempo.”	Não sentem apoio dos funcionários e dos professores.
F	“São muitos alunos a fazer isso, eles não conseguem ver muitos dos casos.”	Existem demasiados alunos para que consigam supervisionar e estar atentos.

Tabela 11: Questão 11 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

Questão: Considera que a família o auxilia em situações deste género? (alunos que têm comportamentos desajustados).		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	“Sim, castigam.” “Fazem avisos, chamam à atenção.”	Os castigos, os avisos, bem como as chamadas de atenção por parte dos pais aos adolescentes, são interpretadas como um auxílio.
F	“Sim, claro. Eles querem o melhor para nós. Eles conversam connosco, levam-nos por um caminho melhor e tentam perceber situação.”	Consideram que os pais querem o melhor para os filhos e como tal tentam encaminhar e ajudá-los de uma melhor forma possível.

Tabela 12: Questão 12 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

<p>Questão: Acha que os professores estão preparados para terem alunos com estas características? (Motivo?)</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Não.”</p> <p>“Pelo menos deviam estar, mas não estão, diz a adolescente que se mostra mais lesada.”</p> <p>“Eles deviam estar preparados para enfrentar qualquer tipo de situação. “</p> <p>“Numa escola há sempre de tudo, bons comportamentos e maus.”</p> <p>“Os professores aqueles que não gostam, mal se faça alguma coisa é logo um castigo e aos outros nem por isso.”</p>	<p>É de prever que os profissionais de educação, deviam estar preparados, mas a maioria dos adolescentes considera que não estão e que alguns professores até exageram nas advertências que fazem.</p>
F	<p>“Eles não nos conhecem, e deviam tentar pelo menos saber um bocadinho daquilo que somos.”</p>	<p>Mostram-se indignados e explicam que os docentes por vezes só vêm o que fazem, e nem vão verificar o que lhes fazem eles que são alunos deles, nem o que lhes fizeram até ao momento. Simplesmente atuam de acordo com o que verificaram no momento sem procurar justificações de ambas as partes.</p>

Tabela 13: Questão 15 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

<p>Questão: Acha que os pais estão preparados para terem filhos com estas características? (Motivo?)</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Sim.”</p> <p>“Se calhar não, mas tentam ajudar”</p>	<p>Foi com concordância que os adolescentes consideram que sim, embora uma adolescente tenha referido que os pais não estão preparados para gerirem estas situações, mas que acabariam por se habituar.</p>
F	<p>“Pelo menos devem estar.”</p> <p>“Procuram ajuda para o filho ficar sem a perturbação.”</p>	<p>Os pais tentam que os filhos sejam cada vez melhores, tentam modificar os comportamentos dos adolescentes e auxiliam-nos. Os pais optam por elaborarem castigos que os deixam mesmo chateados mas que servem para os filhos perceberem o que é o melhor para eles, exemplos de castigos são: tirarem a internet, o computador, o telemóvel, ficar sem sair a noite.</p>

Tabela 14: Questão 14 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

<p>Questão: Que Estratégias de Intervenção ajudariam a diminuir as consequências de P.C. de um Adolescente?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Informar os alunos dizer-lhes para eles resolverem os problemas em casa.”</p> <p>“Devia ser criada uma disciplina assim para isto, como estamos a fazer.”</p>	<p>Devem informar os alunos sobre os comportamentos que não devem ter e mostrar-lhes como é que os problemas devem ser resolvidos.</p> <p>Efetuem a criação de uma disciplina em que existisse um grupo de discussão (como foi realizado para o grupo local).</p>
F	<p>“Os professores pelo menos uma vez por período, falar com os alunos como eles vão; os diretores deviam ter mais diálogo com os alunos, e não aparecer aqui uma vez por ano.”</p> <p>“Conversar, mais apoio na psicologia, estar mais atentos aos comportamentos, (os funcionarios, os professores...)”</p> <p>“O professor aconselhar a ir á psicóloga da escola, uma vez por mês, os professores falarem com os alunos a nível individual, para tentar perceber se existe alguma coisa mal. Por exemplo acontecer</p>	<p>Existir um maior diálogo entre os alunos e os professores.</p> <p>A escola proporciona um maior apoio, estarem mais atentos aos alunos, apoio dos funcionários/professores da psicóloga da escola.</p> <p>Existir conversa entre os professores e os pais, para conseguirem que o aluno tenha melhor rendimento escolar e não se sinta só.</p> <p>Existir uma aula de discussão sobre estes temas e outros que preocupam os alunos e os levam a ter esses comportamentos.</p> <p>Explicarem como se pode resolver os problemas, existir workshops e formações para os alunos, professores e pais.</p> <p>Maior supervisão por parte dos auxiliares.</p>

	<p>uma reunião como a de hoje que ouve com você é assim com o diálogo que se resolve as coisa, e para quem tinha problemas ajudava muito.</p> <p>Proporcionar um bom ambiente na escola, e isto não depende só dos alunos também depende, da escola dos auxiliares de tudo. Por exemplo o Director da escola devia ajudar mais nisto e estar mais presente.“</p> <p>“Uma pessoa nem sabe quem é ele, ele devia estar mais atento á escola, aos alunos, não aparecer só uma vez por semana. Haver mais diálogo entre os alunos, mas também entre professores e alunos auxiliares.“</p> <p>“Não ser acabar a aula e pronto os alunos e os professores nunca mais se falarem, devia de aí também se conversar mais um bocado. Os professores deviam tentar compreender mais as situações e aquilo que nós dizemos.“</p>	<p>Existir uma presença mais assídua do diretor e não tanto o afastamento que este impõe.</p> <p>Pedido de maior compreensão dos professores para com os alunos.</p> <p>Quando existe um conflito, existe um pedido de atenção por parte dos alunos para que não vejam só a situação naquele momento mas tudo o que aconteceu para se ter gerado aquela confusão.</p>
--	--	---

Tabela 15: Questão 15 do Grupo Focal Adolescentes 9º ano

Anexo 18 – Apresentação de dados do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

De seguida é feita a análise de conteúdo do Grupo Focal dos Adolescentes, inicialmente é analisado o Grupo focal realizado aos adolescentes do 7ºano. Em cada tabela inicialmente surge a questão que foi colocada, os elementos que participaram no grupo de discussão, as respostas dos mesmos e as inferências. Neste grupo focal as respostas eram muito similares entre si e decidimos agrupar então as respostas segundo o género. Pelo que, se considerou o a inicial **M** representa os elementos do género Masculino e a inicial **F** os elementos do género Feminino. No final é realizada uma análise de conteúdo relativa a cada questão e de acordo com as informações obtidas.

Questão: O que é para si um adolescente “dito normal”?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	“Faço as coisas igual aos outros, vou a escola, venho para casa, jogo, como, bebo e vou dormir.”	Para eles o ter uma rotina pré-estabelecida pela sociedade, cumprindo com as necessidades básicas e ser “igual aos outros”, é ser normal.
F	“Ter normal tem uma rotina diária.”	Ter uma rotina diária.

Tabela 1: Questão 1 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

Questão: Quais considera ser os comportamentos que saem da norma?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“É sair do normal.”</p> <p>“É ultrapassar os limites.”</p> <p>“Beber álcool.”</p> <p>“Jogar Baleia azul.”</p> <p>“Ir por caminhos maus”</p>	Sair do normal é quebrar rotinas e enveredar por algo diferente, não sabendo explicar que essa diferença está no facto de experienciarem algo que lhes pode trazer consequências negativas
F	<p>“Como por exemplo quando deitamos lixo na rua.”</p> <p>“Quando as pessoas são mal-educadas com outras.”</p> <p>“Fazer graffitis em sítios que não podem.”</p> <p>“Ultrapassar as leis.”</p>	As raparigas demonstram uma maior preocupação com pormenores de carácter moral. Sendo que, esta preocupação faz toda a diferença quando é tida em conta a nível da sociedade.

Tabela 2: Questão 2 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

Questão: Que comportamento dito “fora da norma” tem praticado mais frequentemente?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Dizer palavrões.”</p> <p>“Os meus pais mandam fazer cenas tipo coisas lá em casa e eu não faço.”</p> <p>“Levar cábulas para os testes ou telemóvel.”</p> <p>“Usar o spinner durante a aula.”</p> <p>“Falar na aula.”</p>	<p>“Dizem que dizer palavrões faz bem... alivia o stress e liberta uma pessoa.”, foi uma expressão captada de um adolescente, este descreveu na perfeição algo que não se deve realmente fazer utilizando palavras que nós já escutamos do tempo dos nossos avós.</p> <p>É percebido que por vezes utilizam as cábulas, para se sentirem mais seguros e confiantes, defendendo também que usar os spinner é para alívio de stress, mesmo que seja em plena aula.</p>
F	<p>“Chatear os pais.”</p> <p>“Falar dentro da sala.”</p> <p>“Berrar do nada.”</p> <p>“Os pais chateiam e eu fico nervosa e começo a falar alto.”</p>	<p>Existirem comportamentos como: falar dentro da sala de aula, chatearem os pais, falarem num tom mais elevado quando se chateiam,</p>

Tabela 3: Questão 3 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

Questão: O que considera ser a Perturbação do Comportamento?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	“É estar a perturbar alguém.”	Pode ser perturbar alguém.
F	“Conheço, mas não sei explicar.”	Não conseguem definir o que é a P.C., conseguindo dar exprimir exemplos.

Tabela 4: Questão 4 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

Questão: Quais considera ser o(s) comportamento(s) que o Adolescente tem, para lhe ser diagnosticado a Perturbação do Comportamento?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	“Insultar alguém” “Enervar-se, e partir a mesa” “Dar cacetadas.”	Os rapazes utilizam mais as agressões físicas, para exemplificar.
F	“Chamarem a atenção e continuarmos a falar (...).” “Estar a fazer uma coisa que não é correta e continuar (...).”	As raparigas mostram-se são mais ponderadas e dão exemplos de regras que são quebradas frequentemente, a nível de valores morais.

Tabela 5: Questão 5 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

<p>Questão: Que situações conduzem o adolescente a ultrapassar “os limites”? (Porque quebram as regras)?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Quando estamos a jogar e eu perco fico muito enervado isto foi quando parti o copo(...).”</p> <p>“Quando algo nos corre mal (...).”</p> <p>“Quando estamos a estudar e a nossa irmã vem chatear (...).”</p> <p>“Quando estou a descansar na cama e me vêm chatear, tipo os meus irmãos (...).”</p> <p>“Quando estou a dormir e os meus pais me acordam para ir jantar ou me ligam para acordar para vir para a escola. “</p> <p>“Quando alguém me chateia e tenho de andar a porrada e essas cenas.”</p>	<p>Todas as atitudes que estes relatam como situações que os conduzem a terem impulsos de quebrarem regras são os ditos “normais”.</p> <p>Nestes adolescentes não se percebe que demonstrem grandes características para que se possa desenvolver um diagnóstico da Perturbação do Comportamento.</p>
F	<p>“Contamos algo a alguém e a pessoa conta a toda a gente.”</p> <p>“Quando estamos a dormir e alguém nos acorda, por nada.”</p>	<p>Não demonstraram grande agressividade perante as respostas dadas à questão colocada.</p>

Tabela 6: Questão 6 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

Questão: Como se sente quando é levado ao limite?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Mal, sinto-me enervado (...).”</p> <p>“Fico chateado (...).”</p> <p>“Sinto muito calor, tiro tudo e começo a transpirar (...).”</p>	Quando batem em alguém estes confessaram que até têm medo das consequências, mas que no momento e com a adrenalina não pensam nisso.
F	<p>“Começo a dizer tudo o que me vem à cabeça.”</p> <p>“Às vezes faço chantagem (...).”</p>	As raparigas focam mais o uso de uma conversa para a resolução do problema. Mostrando até que o uso de chantagem em forma de ameaça, para com o “inimigo”, por vezes funciona.

Tabela 7: Questão 7 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

<p>Questão: Qual a(s) atitude(s) por parte dos professores que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Estarem sempre a chamar à atenção.”</p> <p>“Não deixarem ir ao lixo quando queremos.”</p> <p>“Terem sempre a mania que eles é que mandam e eles é que sabem tudo.”</p> <p>“Marcarem falta disciplinar (...)”</p> <p>“Chibarem-se aos nossos pais.”</p>	<p>Notou-se uma certa revolta e frieza na forma como os adolescentes do sexo masculino falaram principalmente na parte de acusarem os professores de abuso da autoridade e de estes contactarem os pais para os informarem de comportamentos menos positivos que os adolescentes tiveram.</p>
F	<p>“Estarem sempre a chamar a atenção, às vezes falamos e até é da matéria.”</p> <p>“quando passam um recado na cadeneta.”</p>	<p>Ficam mais chateadas quando os professores, fazem chamadas de atenção por estarem a conversar.</p>

Tabela 8: Questão 8 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

<p>Questão: Qual a(s) atitude(s) por parte dos pais que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Quando me metem de castigo.”</p> <p>“estou a ver televisão e eles estão sempre a mandar fazer isto e aquilo (...).”</p> <p>“Quando eles (os pais) estão a discutir (...).”</p>	<p>O confronto de opiniões e o facto dos pais nem sempre satisfazerem os desejos/interesses dos filhos..</p>
F	<p>“Quando estou a fazer algo que gosto e a minha mãe quer ir fazer outra coisa, aí isso enerva-me tanto.”</p> <p>“Estou a ver televisão e me mandam por a mesa.”</p>	<p>Mostram-se incomodados com o facto de serem incomodados, mostram-se indignados, pois não gostam de interromper o seu programa televisivo para irem colocar a mesa ou realizar outra tarefa.</p>

Tabela 9: Questão 8.1. do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

Questão: Qual a(s) atitude(s) por parte do grupo de pares que pode(m) estar na base de os adolescentes “ultrapassar os limites”?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Estarem sempre a gozar.”</p> <p>“Terem a manina, serem betinhos.”</p> <p>“Acharem que são os reis aqui do sitio, pensarem que mandam em tudo (depois eu mostro-lhes quem manda).”</p> <p>“Quando a pessoa chateia demasiado, chama nomes e começa a tripar.”</p>	<p>Um adolescente mostra-se bastante revoltado quando revela que muitos dos colegas têm a mania que mandam lá na escola e que o campo é deles, bem como outros locais de lazer. Este diz-se indignado com essas atitudes e refere que muitas vezes tem de “(depois eu mostro-lhes quem manda).”</p> <p>Verifica-se que é um líder a falar e que gosta de ser o líder.</p>
F	<p>“Andarem a dizer mal nas costas.”</p> <p>“Contarem o nosso segredo a toda a gente.”</p>	<p>As raparigas referem mais situações de “fofoquice”, e de contarem “os segredos”, a quem não devem, ou espalharem por várias pessoas.</p>

Tabela 10: Questão 8.2. do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

<p>Questão: Que emoções nutre após quebrar uma regra? (terem um comportamento “fora da norma”)?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Libertado.”</p> <p>“Fixe.”</p> <p>“Feliz e contente, por lhe ter acertado o cebo, mas depois ponho-me na alheta.”</p> <p>“Aliviado, bato com muita força na almofada.”</p>	<p>Os rapazes focam bastante a palavra aliviado, estes consideram que bater ajuda a libertar o stress, porque lhes dá uma adrenalina muito grande quando estão “no meio de uma porrada”.</p>
F	<p>“Pânico, fico com muito medo porque posso apanhar com a chinelas ou com a vassoura”</p> <p>“Sinto-me mal.”</p> <p>“Ofendida.”</p> <p>“Quando dou um estalo em alguém fico bem porque acho que merecia, mas depois, sinto-me mal porque penso que ela era minha amiga e que vai ficar magoada comigo.”</p>	<p>O género feminino transmite mais sentimentalismo e preocupação no que podem causar com o seu ato, bem como têm mais atenção às advertências que daí podem advir. Mostram-se mais ponderadas.</p>

Tabela 11: Questão 9 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

<p>Questão: Considera que o facto de ter comportamentos desajustados nas situações já anteriormente focadas, o leva a resolver essa situação?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Depende das situações”</p> <p>“Muitas vezes só percebem uma linguagem, a da porrada”</p> <p>“Oh não adianta falar vai dar tudo ao mesmo.”</p>	<p>Ao explicarem a sua opinião verificou-se o orgulho com que falam no facto de quando conseguem ganhar uma luta. Mostram a falta de paciência para dialogarem, concordando sempre na maioria que a agressão física resolve uma situação na totalidade.</p>
F	<p>“Não, devemos conversar.”</p> <p>“Se conversarmos com calma, vamos chegar sempre a um acordo.”</p>	<p>É transmitido e explicado que se deve saber conversar, só assim conseguem resolver os problemas.</p>

Tabela 12: Questão 10 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

Questão: Considera que a escola o auxilia em situações deste género? (alunos que têm comportamentos desajustados).		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Não” (coro disseram todos em conjunto)</p> <p>“A escola tá quieta.”</p>	Os adolescente demonstram que os elementos “escola” distantes, não convivem com eles.
F	“Somos muitos, eles não conseguem ajudar.”	Alegavam que existe poucos auxiliares para tantos alunos.

Tabela 13: Questão 11 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

<p>Questão: Considera que a família o auxilia em situações deste género? (alunos que têm comportamentos desajustados).</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Sim, claro.”</p> <p>“Apoiando-nos, dizendo o que é melhor.”</p> <p>“Explicam como devemos fazer as coisas.”</p>	<p>Reforçavam que a educação é importante, como por exemplo os pais darem castigos quando estes fazem algo mal.</p> <p>É importante ter apoio dos pais para lhes explicar o que só deve fazer e a melhor forma de trabalho.</p>
F	<p>“Sim, óbvio.”</p> <p>“Por exemplo avisarem os diretores de turma para eles terem uma conversa com a turma.”</p> <p>“Castigarem-nos, quando fazemos algo mal.”</p>	<p>Ajuda quando vão falar com os diretores de turma sobre as preocupações que os adolescentes possam ter. Castigarem sob a forma de aviso, quando fazem algo de errado.</p>

Tabela 14: Questão 12 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

<p>Questão: Açam que os professores estão preparados para terem alunos com estas características?</p>		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Há tantos alunos que só fazem asneiras que eles já sabem como, tratar da saúde.”</p> <p>“Há professores que já estão habituados.”</p> <p>“Há outros que só complicam mais e só sabem dizer mal, sem saber de nada.”</p>	<p>A experiência leva a que os professores consigam ajudar os alunos.</p> <p>A referência à existência de professores menos compreensivos, que criticam e punem as atitudes desses adolescentes sem os perceber.</p>
F	<p>“Depende do professor.”</p> <p>“A maioria não sabe (...).”</p> <p>“só aqueles mais fizes é que conseguem ajudar.”</p>	<p>É verificado que a maioria não sabe, e que os professores mais acessíveis conseguem ajudar em situações do género.</p>

Tabela 15: Questão 13 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

Questão: Acha que os pais estão preparados para terem filhos com estas características?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Acho que sim.”</p> <p>“Não, isso é uma coisa má e eles passavam-se.”</p> <p>“Depende dos pais, porque são eles que dão a educação.”</p> <p>“Os meus não, só sabem dar cacetadas, nem me deixam falar.”</p>	<p>As opiniões dividem-se no sentido que existem algumas dúvidas quanto a afirmarem que estão preparados. E a maioria considera que não uma vez que são eles que educam e iam ficar bastante chateados numa situação dessas.</p>
F	<p>“Há alguns que não querem saber dos filhos e depois eles são assim, porque não têm atenção dos pais.”</p> <p>“Estão, eles querem o melhor para os filhos e habituavam-se.”</p>	<p>Falta de atenção por parte dos pais, pode levar, a existirem filhos revoltados.</p>

Tabela 16: Questão 14 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano

Questão: Que Estratégias de Intervenção ajudariam a diminuir as consequências de P.C. de um Adolescente?		
Elementos do Grupo Focal	Respostas	Inferências
M	<p>“Câmaras de filmar.”</p> <p>“Funcionários de intervenção.”</p> <p>“Ter mais funcionários.”</p>	Existir mais supervisão.
F	<p>“Ir a beira da pessoa e dizer “com calma”.”</p> <p>“Ter uma aula como a de hoje.”</p> <p>“Poder falar mais destas coisas.”</p>	Existir um espaço na escola para o Diálogo e debate de temas como a P.C., entre outros.

Tabela 17: Questão 15 do Grupo Focal Adolescentes 7º ano